



Sede do PS no Largo do Rato: um palácio sacrificado à Europa dos «12»

“Palácio cor-de-rosa” será demolido

Sede do PS dá lugar a serviços da CEE

O diferendo que opunha o Partido Socialista a outros locatários do edifício do Largo do Rato vai ter um desfecho inesperado. Com efeito, o palácio cor-de-rosa do Rato foi adquirido para instalação dos serviços centrais da CEE em Portugal. O edifício actual vai ser demolido para dar lugar a uma construção moderna e arrojada de 14 andares cujo projecto terá sido encomen-

dado ao arquitecto Tomás Taveira.

O andar térreo destinase à recepção do público. Em cada um dos doze andares funcionará a representação dos países da CEE, incluindo Portugal e Espanha. No décimo quarto andar, o espaço será dividido para se instalarem os gabinetes e serviços dos drs. Mário Soares e Ernâni Lopes.

Depois do “sim” de Bruxelas

Lisboa e Madrid acertam agulhas antes da adesão

Delegações oficiais de Portugal e Espanha reiniciam hoje, em Madrid, a negociação de um acordo bilateral que deverá reger as relações económicas entre os dois países no período transitório que decorrerá entre a adesão de ambos à CEE e o momento em que, nas trocas entre eles, vigorará plenamente o Tratado de Roma. Entretanto, o Governo português reuniu-se esta manhã, extraordinariamente, para debater a actual fase do processo de adesão à CEE. Entre as reacções ao encerramento da parte «essencial» das negociações de adesão, em Bruxelas, sublinhe-se a declaração de Helmut Kohl, citado pela agência IPS, segundo o qual «é necessário que a Europa ocidental coordene melhor as suas medidas de defesa, pelo que é importante a integração dos países ibéricos».

Pág. 20

Mais de 2 milhões tentaram a sorte

Lotomilionários



D. Alzira e a irmã: um abraço a comemorar o início de uma vida diferente

D. Alzira e um anónimo de Seia repartem 18 milhões de escudos

Com 60 escudos, D. Alzira marcou os seis números da sorte do primeiro sorteio do totoloto. O resultado foi ganhar mais de nove mil contos, que vão ser investidos na compra de um andar e nos passeios que o tempo livre dos reformados propicia. Retornada de Angola, com o «vício» do jogo, D. Alzira, no boletim registado pelo seu marido, foi uma das duas pessoas a quem sorriu o primeiro prémio, o outro premiado com os seis números é um anónimo de Seia, entre mais de dois milhões de apostadores. Entretanto, segundo os serviços de escrutínio, o segundo prémio ficou por atribuir, cabendo aos restantes as somas de 70 mil escudos, pouco mais de mil para o quarto e cerca de 100 escudos para o quinto.

Pág. 20

Referendo no PSD

Resultados
conhecidos
apontam
para um
candidato
‘independente’

Pág. 4

Conferência do PCP conclui

Alternativa à crise exige outro Governo

«Uma política económica alternativa à grave crise económica e social que o país atravessa passa pela imediata demissão do Executivo PS-PSD e pela formação de um governo de gestão para os assuntos correntes e preparação de eleições antecipadas» — defendeu Álvaro Cunhal ao encerrar no Seixal a conferência económica do PCP. O dirigente comunista sublinhou que o Governo perdeu toda a legiti-

midade para se manter em funções, pois «não resolveu um único problema do País, antes os agravou a todos, faltou a todas as suas promessas e conduziu o País à gravíssima crise em que vivemos». Considerou ainda que o plano de integração na CEE é pretexto para a destruição das transformações económicas e sociais operadas com a revolução de Abril.

Pág. 5

Hoje: Sete Ponto Sete

**GARANTIMOS
RAPIDEZ E
EFICIENCIA**

CLINICA DE TELEVISAO A CORES

**SOS
CE**

**MELHOR
ASSISTENCIA
TECNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VIDEO**

**ESTACAO DE SERVICO
PERMANENTE**

**88 27 86
89 98 26**

18 ANOS AO SERVICO DA ELECTRONICA • SONORIZACOES PARA TODOS OS FILMS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

Se os jovens pudessem...



José Manuel, 19 anos, desempregado

“Os nossos sindicatos não têm força”

- O que fazia?
- Era recepcionista.
- Por que ficou sem emprego?
- Estava com contrato a prazo e quando terminou mandaram-me embora.
- O que pensa desse tipo de contratos laborais?
- Acho que são bons e maus. Por um lado concordo, porque para certos funcionários que não cumprem o serviço é bem feito, pois permite às empresas mandá-los embora. Por outro lado acho mal, uma vez que mesmo que o empregado desempenhe bem a sua função, ao fim do contrato despedem-no.
- Os contratos a prazo criam uma situação de insegurança para o trabalhador?
- Acho que sim, uma vez que estão a usar o empregado, e ele conta com o emprego. Se não o podem manter então não o empreguem.
- Como está o País?
- Não está bem nem mal, dá para ir andando, que é o que interessa.
- Acha que não está mal quando temos um índice de desemprego tão elevado e trabalhadores com salários em atraso?
- Se há funcionários com salários em atraso, eles são os próprios culpados.
- Porque faz essa afirmação?
- Porque quando o patronato falha o ordenado durante um ou dois meses, os trabalhadores deviam tomar a iniciativa de não produzirem mais nada enquanto não fossem pagos. Se os patrões quisessem continuar a vender o seu produto tinham que lhes pagar.
- Na sua opinião por que é que os patrões não lhes pagam?
- Não sei, talvez porque o pessoal não trabalha o que devia e eles não produzem o suficiente para lhes pagar.
- Para si os trabalhadores são os únicos culpados?
- Acho que sim. Para evoluírem têm que trabalhar muito, que é o que eles esquecem. Se quando vão trabalhar para o estrangeiro o fazem, por que não trabalham do mesmo modo cá?
- Não lhe parece que pode ser também devido à falta de estruturas laborais do País?
- Claro, muitas vezes também é esse o caso.
- O Estado apoia os trabalhadores?
- Não tanto como devia e podia, e o problema é que os nossos sindicatos não têm força para fazer face ao patronato.
- Na sua opinião a que é que isso se deve?
- Penso que à falta de motivação das pessoas.
- Se pudesse governar o que começava por mudar?
- Começava por arranjar colocação para todos os trabalhadores desempregados e preocupava-me com a habitação, porque são os dois grandes problemas da juventude.
- É difícil ser jovem, hoje, em Portugal?
- Fácil não é, tudo depende de se encontrar um emprego estável ou ter um «empurrão» da família.
- Não devia ser o Estado a dar esse «empurrão»?
- Sim, mas é difícil porque somos muitos, e eles preocupam-se primeiro com eles.

Política de ambiente e de qualidade de vida

A ecologia, a habitação e os interesses pessoais e de grupo (7)

Quando, no título genérico que adoptámos para esta série de artigos (o último em 27 Fev.), empolámos «interesses pessoais» e «interesses de grupo», estamos na realidade não a insinuar mas a abertamente denunciar que se não chega a esta profundíssima crise de habitação assim sem mais nem menos, por irresponsável descontrolo de causa e efeito ou como se essa crise tivesse resultado de cataclismo cósmico trágico e indefensável. Fatalemente, pois, «interesses pessoais» e «interesses de grupo» (veja-se «Diário de Notícias» de 1 Março, sobre projectos de ampliação da rede de metropolitano) provocaram este estado de desastre e de calamidade em que nos encontramos. Situação, portanto, típica, de emergência, problema fundamental n.º 1, de não menos que o da sobrevivência salutar de uma sociedade. Problema de que, afinal, repita-se e insista-se, se não resolvido, não poderão nunca esperar-se resultados satisfatórios em outro qualquer domínio económico-social. Pura ilusão de alcance de prosperidade consumista se, esquecido aquele problema em toda a sua dimensão, se supuserem prioritários todos os outros ou alguns deles. O alojamento digno, reposante e estimulante de uma vida activa consciente e diariamente esperada está na base, é o ponto de apoio, de todas as transformações sociais possíveis e desejáveis. Se não for resolvido esse problema magno, atendendo-se sempre a todas as variáveis ecológicas, físicas e culturais ambientais, isto é, com critério, ponderação, análise qualitativa, competência crítica, esforço denodado, interesse colectivo sobrepondo-se aos demais, sacrifício patriótico ou de ideologia comparável, nada se obterá de socialmente equilibrado ou de progressivamente evolutivo.

No Estado e nas câmaras municipais, na presente situação calamitosa, deveriam concentrar-se todas as energias úteis, qualificadas e desinteressadas. Até também pela criação, em regime de voluntariado, de organismos de interesse local, associações inseridas nos limites de freguesia, com planos de trabalhos de pesquisa e de consulta, de tipo cooperativo, agregante. Onde os problemas qualitativos de habitação pudessem ser formulados... à margem de «interesses pessoais e de grupo». Para em conjunto com os poderes do Estado (e não passivamente sempre na expectativa das «soluções») se interessarem as populações a poderem definir os mínimos que se exigem de condições habitacionais tendentes a tornar felizes as pessoas e as famílias que constituem as comunidades que compõem.

Habitação em altura ou habitação térrea

Aproveitamos a oportunidade, neste conjunto de artigos, para referirmos alguns aspectos do problema de habitação em altura (aspectos caracteristicamente ecológicos, isto é, de uma ecologia do homem, parece-nos), tal como relatados por Maureen McConville, in The Observer Review, de 18 Fev. 68, do semanário londrino «The Observer», bem conhecido como jornal independente (como o é o «Diário de Lisboa») quando, com regularidade, por essa época, o consultávamos sempre interessadamente e em pleno proveito de leitura. Uma das razões que na Inglaterra e no País de Gales, parece-nos que principalmente, levou à construção em massa de blocos-torre («tower-blocks» — torres e bandas em altura), foi a crise que resultou da destruição por efeito de bombardeamentos sistemáticos durante a última guerra. Houve necessidade apressada de construir e isso se levou a cabo com a conhecida eficiência britânica de atacar os problemas com decisão, como se de outra guerra se tratasse. Problemas posteriores que, efectivamente, surgiram, com as novas condições de alojamento — os pró e os contra da vida nos blocos gigantes (The pros and cons of life in the huge blocks — cf. a citada autora) tiveram também de ser encarados com resolutivo interesse e determinação. Uma sociedade consciente e rigorosamente democrática, isto é, cooperativa e colaborante também, não recela e não esconde discutir publicamente problemas ou dificuldades em que tenha mergulhado. Essa, na velha Albion (1), uma profunda característica nacional e patriótica, bem definidora, desde há séculos, de uma cultura eminentemente progressista. Muito embora simultaneamente conservadora na essência humana e social de convívio. Isto é, sociedade revolucionária, de facto, mas agindo sempre moderada e fleugmaticamente.

R. Toulson A. Leite

(1) — Albion — O nome da ilha britânica mais antigamente atestado (cf. Pythias de Massilia — Marselha — séc. IV a. C., navegador e astrónomo; Plínio o Velho — 23/79 d.C. — escritor romano de história natural; Ptolomeu (ca 73/151), astrónomo, geógrafo e matemático, chamou-lhe *Aloulon*). Provavelmente de origem celta *Alp* (galês) montanha; ou do latim *Albus*, branco. Como o são brancas as faixas dos altos penhascos de Dover — The white cliffs of Dover — também chamadas as «seven sisters» (sete irmãs) por serem, 7, destacadas, as enormes manchas de talco de rocha das falésias marítimas sobre o Canal da Mancha. E que, quando por ali passámos, numa aberta de nevoeiro, vimos do barco holandês de pequena tonelagem em que viajávamos (com minha mulher), ambos muito enjoados, desde Leixões a Antuérpia.

Vimo-las em 1959 da ponte do timoneiro, com o comandante um pouco inferiorizado porque, quando o nevoeiro era intenso, não dispondo de «radar», toda a sua atenção estava concentrada nas frequentes e enormes proas dos barcos com que cruzávamos e que surgiam repentinamente, a bombordo e estibordo, a escassos metros do nosso. Viajávamos, pois, confiados nos «radars» das outras embarcações! No entanto, e disso se orgulhava o comandante, do pequeno cargueiro, dispunha a bordo de um telefone directo aos escritórios da companhia, em Rotterdam. Para onde teria já anunciado que a viagem decorria bem e que chegaria em tal data e a tal hora. Nós (únicos passageiros) a quem a companhia, muito amavelmente facultara a viagem, aproveitámos esse telefone para insistirmos perante o comandante, homem novo, que pedisse à companhia que cancelasse o nosso pedido de viagem de regresso, desde Rotterdam a Lisboa, em outro barco da mesma companhia que dali partiria depois de uma visita turística, que deveras completámos pela Holanda e pela Bélgica. A razão de não desejarmos, ambos, viajar por mar, foi porque, logo que deixando Vigo, onde aportáramos, entrámos no Golfo da Biscaia, passámos três dias inclementes, deitados nos nossos beliches, a ver a água do mar a tapar e a destapar a vigia, com o balanço do barco, e sem outra defesa que não fosse a de ter que deixar correr as coisas como corriam. Só uma vez fomos à mesa confraternizar com a

pequena e simpática tripulação do navio. Tal foi o enjoo. Tão amável foi o comandante, nesses amargurados dias, que era ele próprio que nos trazia ao nosso camarote duas bandejas, com uma sopa para cada um, às vezes, chá e torradas, de outras, pão e uma fatia de queijo flamengo (tipo «holandês», como acrescentava sempre, daquele que vendia, certo comerciante da Avenida da Igreja, em Lisboa) e pouco mais. Que, lamentavelmente, essa pequena refeição, como o diria o Conselheiro Acácio era invariavelmente «restituída» (dizemo-lo sem poder fazer o gesto, indicativo), não evidentemente, às bandejas mas... ao escamoteado lavatório do compacto camarote. De Antuérpia, onde desembarcámos com a nossa «scooter», chegámos a Harlem, passando pelas calmas e acolhedoras cidades de Delft, Rotterdam (visitámos os escritórios da companhia do barco, para agradecermos e nos desculpamos), e A Haia. De regresso, de «scooter», chegámos a Paris, entrando em França por Givet, passando por Reims e tomando, como convinha (!), o «chemin des invasions». Para atingirmos Lutécia que, como se sabe, foi também o caminho utilizado, pelos Hunos de Átila, de boa memória, mas, claro está, em termos bárbaros. De Paris a Lisboa, nós e a «scooter», viajámos de comboio, com transbordo em Irun, às 11h da noite, e em Medina del Campo, aqui para apañarmos o Sud Express às 5 da manhã e poderemos acelerar a chegada ao destino.



ALTA SOCIEDADE • Casas no céu e jogos na terra

Actividades culturais: ambiente ou política

De uma comunicação relativa a actividades trimestrais (Abril-Junho) do Centro Nacional de Cultura, de que muito honrosamente somos sócio, agremiação a quem devemos, à sua directora especialmente, atenções especiais, recebemos com a regularidade habitual o programa de colóquios, cursos e passeios a realizar no período indicado. Não tem sido muito activa a nossa participação nas actividades do CNC, mas seguimos com o maior interesse e proveito as sessões que se dedicaram a especulações e reflexões sobre o tema «1984 — o futuro é já

hoje?», de 11/15.Dez.84, no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian. Interessante iniciativa intelectual de Helena Vaz da Silva, cremos, e por quem temos grande admiração pelas suas inegáveis qualidades realizadas e pelas de coordenação de diversas actividades culturais do maior reflexo divulgativo, como também de formação científica, artística, literária.

Relativamente aos cursos programados, diz-se na comunicação que um será sobre o Ambiente (e é verdade o que ali se afirma de que todos falam de preservar o Ambiente,

acrescentando-se: mas o que quer isso dizer, realisticamente, hoje, aqui, em Portugal?) e orientá-lo-á o ex-secretário de Estado do Ambiente (actual secretário de Estado das Pescas), acompanhado de uma equipa excepcional, de variedade e qualidade.

Que nos perdoe Helena Vaz da Silva, cujos propósitos temáticos, pelo que se lê das projectadas actividades, se mantêm, e bem, plenamente actualizados e futurológicos como convém ao incerto, hesitante e inseguro presente de que todos compartilhamos. Mas o que significa poli-

ticamente, não científica, artística ou literariamente, portanto, que um técnico de Ambiente, designe-se assim, possa vir a sé-lo das pescas, por simples ou reflectida decisão governamental? Partidária? O que é, então, isso de interesses partidários, hoje, aqui, no presente, em Portugal? Não duvidamos, nem por um momento, do interesse do curso, é bem de ver. Permita-se-nos que duvidemos do presente político... como suporte de um futuro sem paradoxos ou contradições ambientais de qualquer espécie.

política de A a Z

Resultados e consequências do referendo

O resultado da consulta-referendo realizada nas fileiras do Partido Social-Democrata era esperado. Ninguém se terá surpreendido com a indicação favorável a uma candidatura «independente e autónoma». O presidente da Comissão Política, dr. Rui Machete, afirmou: «O referendo encerra uma fase importante no partido, e abre uma nova fase. A Comissão Política vai agora estudar a estratégia a seguir e o apoio a uma candidatura independente e autónoma».

O sentido desta «autonomia» carece de ser explicitado. O «candidato independente» deverá ser apresentado por um grupo de cidadãos ou poderá ser solicitado e proposto por partidos políticos que se entenderam quanto à escolha de um candidato?

Em qualquer destas hipóteses está aberta uma crise de continuidade na «coligação». As candidaturas presidenciais vão ser apresentadas em concorrência: o PS terá um «candidato do partido» a solicitar votos para além do partido, o PSD terá um «candidato independente e autónomo» que diligenciará refazer o eleitorado da «Aliança Democrática» (AD). Se for militar repete-se, com melhor selecção do candidato, o cenário Soares Carneiro. Quadro que só virá a ser modificado em função da iniciativa, ou da falta de iniciativa, do recém constituído PRD (Partido Renovador Democrático).

Consta que os contactos exploratórios do PSD com o CDS já terão tido lugar e que paira no horizonte a possibilidade de um entendimento para as eleições presidenciais. E não está excluído, segundo informações que não têm sido desmentidas, que uma parte do movimento «eanista» se incline para a aceitação de uma candidatura «independente e autónoma».

O movimento de cerco à candidatura «socialista» de Mário Soares, registou já este sucesso: o PSD, na sua maioria, rejeita a candidatura de Mário Soares, mas desiste de ter o seu candidato, o «candidato de projecto» militante do partido. Esta decisão, em consequência das indicações do referendo interno, não satisfaz uma muito activa ala do PSD e não é difícil prever que o assunto não está encerrado. Até porque a «candidatura independente e autónoma» ou se limita à apresentação de um candidato inviável, ou pretenderá alcançar a viabilização através de negociações. Neste momento o interlocutor que se oferece ao PSD é, sem dúvida, o CDS.

As «eleições presidenciais» impõem ao PSD uma estratégia que o leva a uma separação de pessoas e bens em relação ao PS. A estratégia a seguir no «apoio a uma candidatura independente e autónoma», tende a apressar a ruptura da «coligação», colide com a própria continuidade governativa, supõe, no futuro, que este «bloco central» ceda o lugar e a função a uma nova AD.

E o «eanismo»? Ao seu calendário sujeito, o PRD, não tendo esclarecido ainda qual a posição do partido em relação ao «movimento irreversível» da candidatura da engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo, e não tendo, por outro lado, avançado, ou sugerido, uma candidatura «independente e autónoma», ou, para usarmos uma expressão feliz, de «consenso verificado», — o «eanismo», dizíamos, corre o risco de ser acusado de entendimento com uma candidatura militar suprapartidária.

Nesse caso, o movimento «eanista» separar-se-ia da «corrente Maria de Lourdes Pintasilgo» e acabaria por se posicionar à direita do PS, na zona de confluência e de confusão da «social-democracia», do «liberalismo conservador» e do «reformismo liberal». Teríamos uma Esquerda dividida e um Partido Socialista condicionado a ser o «centro» de um sistema político instável. E dado a contestação da «área APU» e a diferenciação da «área política de candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo», o Partido Socialista estaria condenado a um grande desgaste eleitoral e a um apagado papel político no futuro imediato.

Os resultados do referendo do PSD, repetimos, não encerram a questão da escolha de um candidato às eleições presidenciais. No seio do PSD, vamos assistir a manobras, intrigas, lutas; mas se assim for no seio do PSD, no exterior, no país, para as outras forças políticas, a questão coloca-se com nova força e urgência. O Partido Socialista terá que repensar a «candidatura Mário Soares»; os «eanistas» — os que aderiram ao PRD e os que apoiam a candidatura da engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo —, terão que repensar o problema. As forças democráticas — do PCP, do MDP/CDE, da UEDS, dos «Verdes», do movimento associativo e do movimento sindical — terão que definir uma estratégia.

E ao próprio general Ramalho Eanes, sem pretendermos forçar atitudes que a sua alta posição desaconselha, pede-se que não consinta que a sua volta se enredem equívocos. Eanes, dificilmente, poderá solidarizar-se com uma candidatura militar. Ao fazê-lo, estaria a dar um golpe no «movimento eanista». Estaria a comprometer, talvez irremediavelmente, a perspectiva política de 1990.

ponto a ponto

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, salientou ontem em Vila Real «a dádiva suprema que a integração de Portugal e da Espanha possibilita ao levarmos à Europa milhões de pessoas que pela língua engrandecerão a cultura europeia». Mário Soares presidia à sessão solene da entrega do Prémio D. Dinis, atribuído pela Fundação da Casa de Mateus, acto a que estiveram também presentes os ministros da Cultura e do Trabalho, o governador civil de Vila Real, o presidente da Fundação e o reitor do Instituto de Trás-os-Montes e Alto Douro, entre outras individualidades.



A campanha de angariação de assinaturas para a legalização do PRD «não deverá demorar mais que dois meses», disse um elemento daquele partido no final da reunião que se realizou em Braga. O encontro, que contou com a presença de representantes dos 13 concelhos de Braga e foi presidida pelo ex-militante do PSD António José Fernandes e por José Carlos de Vasconcelos, serviu para iniciar o processo de angariação de assinaturas para a legalização do partido. O encontro contou também com a presença de elementos do secretariado provisório do PRD do distrito de Braga.

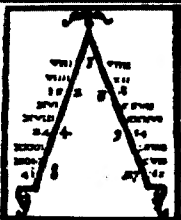


O antigo embaixador de Portugal na União Soviética, Mário Neves, foi empossado no cargo de presidente do conselho directivo da Associação Portugal/URSS. A cerimónia, que decorreu na sede nacional da Associação contou com a presença de numerosas individualidades, entre as quais o antigo presidente do Parlamento, Henrique de Barros, o antigo primeiro-ministro Vasco Gonçalves e o embaixador da União Soviética em Portugal, Vladimir Vdovine. A proposta do nome de Mário Neves para o cargo de presidente do conselho directivo que, foi subscrita pelos membros deste órgão, foi «aceite por unanimidade e aclamação», pelos sócios na assembleia geral ontem realizada.

MANUELA Pestana, técnica do INSCOOP (Instituto António Sérgio), afirmou que a falta de organização de algumas cooperativas «leva a que não sejam aproveitados alguns apoios estatais». A responsável pelo Departamento de Estudos e Planeamento do INSCOOP falava à ANOP a propósito do colóquio sobre cooperativismo, organizado pela Cooperativa de Habitação Económica Elo, do Campo Grande, que sábado e domingo se efectuou em Lisboa.

O número de deputados portugueses no Parlamento Europeu e o seu modo de eleição, vai ser um dos temas em debate na reunião do comité misto Assembleia da República/Parlamento Europeu que hoje se iniciou em Lisboa. A reunião, que tem lugar dias 1, 2 e 3, será presidida pelo deputado Rui Mateus pelo lado português e Klaus Wettig pela delegação do Parlamento Europeu.

O tenente-coronel Melo Antunes, conselheiro do Presidente da República, chegou hoje a Maputo para conversações com o presidente Samora Machel e outros dirigentes moçambicanos. Da agenda das conversações fará parte, entre outros assuntos, a próxima visita particular de Ramalho Eanes a Moçambique, que chegou a estar prevista para o princípio deste mês, e ainda uma troca de impressões sobre problemas militares, incluindo a possibilidade de uma cooperação portuguesa em diferentes moldes.



Arquitectura reflexa

O "Guinness" e a Arquitectura

Pedro Vieira de Almeida

CONHECE-SE a história, suponho que inventada mas nunca se sabe, do violinista que ansioso por demonstrar a sua capacidade técnica, diz contentíssimo para o regente da orquestra a meio de uma audição: «Eu já acabei».

Ela era um virtuoso e isso dava-lhe legítima satisfação.

Conhece-se a história, essa bem real, daquele velho almirante que ansioso por falar e normalmente sem grande assunto que justificasse, contabilizava as complexidades e os paradoxos da geo-morfologia, que lhe permitiam a perplexidade maior de um dia estar numa colina, a uma altitude menos do que aquela a que estivera no dia anterior, embora num vale.

Ele era um filósofo que cultivava com requinte o espanto de viver. Conhece-se a história, essa então verdadeiramente popular, do ciclista ansioso por uma notoriedade que tardava, pedalou horas voluntárias e esquecidas à volta de uma mesma praça, sentado em cima de bifés em sangue, entalados sobre o selim por solidariedade activa de populares, bifés que ao que parece demonstravam enquanto almoçadas, uma eficácia garantida no minorar o desconforto do esforçado campeão.

Ela era um desportista a prever ficarmos cruamente no «Guinness». Três histórias morais em

que se pode reflectir arquitectonicamente. E que seja possível fazê-lo é pelo menos tão surpreendente para quem eventualmente leia esta crónica, como para quem a escreve.

Mas é assim, trata-se de uma constatação de facto. Ai chegámos. É que subitamente, mas acompanhando e não por acaso, uma evolução também acelerada dos GGP's Grandes Gabinetes de Projecto, a avaliação da arquitectura parece ter passado a fazer-se nestes parâmetros um pouco insólitos do conceito de virtuosismo da primeira, do entendimento da complexidade e da contradição da segunda, e num espírito de record de bicicleta e bife da terceira.

Estou em crer que haverá qualquer coisa de subtilmente desenquadrado em tudo isto, até porque insólitos do conceito de virtuosismo da primeira, do entendimento da complexidade e da contradição da segunda, e num espírito de record de bicicleta e bife da terceira.

Seja como for hoje referem-se elogiosamente empreendimentos, por serem os de mais alta cota de implantação na cidade ou aqueles em que maior número de tacos foi empregue, faz-se a apologia dos litros de tinta gasta, enumeram-se as diferentes cores utilizadas, (quanto mais melhor), contabilizam-se os metros quadrados de tijolo aplicado, os milhares de

parafusos aparafusados, os quilos de pregos pregados, e por aí fora com uma precisão requintada e uma auto-satisfação surpreendente.

Os técnicos por sua vez enfundam o peito e afirmam terem centenas de ideias na manga, número que se apressam também a precisar ao nível da unidade, embora outros ao que parece mais modestos, mas não menos rigorosos, já tenham afirmado disporem de poucas ideias, reivindicando o parco número de três, mas que veementemente asseguram serem das boas, daquelas fundamentais.

Mas todos, mesmo assim ufanos das suas proezas atlético-criativas, uns e outros virtuosíssimos actualizadíssimos e moderníssimos a mais não poder. Bem dos anos 80 como tão ansiosamente aspiram, e lhes vai a matar pelo menos até 1989.

Se na escola primária tanto quanto me lembro, o número de metros a que se era capaz de cuspir constituía o método de aferição do lugar ocupado na escala de valores ali em curso, não deixa de me espantar que de então para cá o padrão se tenha profissionalizado, isto é se tenha vindo a adoptar no quadro do exercício de uma profissão: a de arquitecto. Claro que cada qual é virtuoso conforme pode, tem as ideias que tem, anda nas bicicletas de que gosta e serve-se dos

bifés conforme entende. Desde que não importune.

Só que em termos de arquitectura construída, o equivalente a este virtuosismo circense, a este idealismo pitoresco, a este olimpismo de Reboleira, a esta truculência alimentar, acaba por ser inevitavelmente maçador, até porque tal como as outras, as obras que neste espírito se erigem, vão ali ficar durante décadas.

E enquanto permanecerem, não terão solução as perturbações visuais e funcionais a que dão origem.

E de resto esta característica da arquitectura, da permanência no tempo e em cada momento, o que a torna pouco acessível também, a manifestações de ironia, que agora e em simultâneo com as proezas atlético-artísticas se invocam a cada passo sobretudo quando aquela é entendida a nível pouco acima da laracha, por falta de suficiente formação crítica, que de resto explica também aquela ânsia de constar no «Guinness» da profissão.

E a laracha urbana é inevitavelmente e a curtíssimo prazo uma grosseria. Há no entanto, e publicamente invocado, o argumento a que já tenho referido, das vozes que atendendo à aparente vastidão do fenómeno, consideram que a grandeza de uma obra (medida em quantida-

des de material exigidas para a sua construção), é sinónimo da qualidade dessa mesma obra.

E sinónimo de vanguardismo também.

O padre António Vieira, conta alguns do comentário de Zeuxis a um seu discípulo que para realizar uma imagem de Vénus a reveste de ouro e pedras raras: «nos dedos anéis de diamantes, nos braços braceletes de rubis, na garganta afogador de grandes pérolas, no tocado camafeu em figura de Cupido, cercado de um rosa de jacintos, com os ais da mesma flor imitando raios, as alpagatas semeadas de todo o género de pedrarias, as roupas recamadas de ouro e tomadas airosoamente em um cintilho de safras».

E o pe. António Vieira conclui: «Mas que vos parece que lhe dizia Zeuxis? «Fizeste-a rica, porque a não podendo fazer formosa»

Ora aí está. Se a riqueza não é qualidade estética da pintura, também as dimensões e a diversidade de materiais utilizados numa obra, não são a qualidade estética da arquitectura.

Nem lhe garantem qualidades, nem por essa via lhe fica a modicidade assegurada.

Pode muito bem ser, que sejam apenas grandes obras mediocres. Mas seja como for, parece existir hoje, não digo que generalizado felizmente, mas

pelo menos bastante visível em alguns sectores profissionais (e não), incertamente desentendidos das lições Vieira-Zeuxis, um sentido competitivo da prática profissional, baseado na quantificação de características de cada obra, uma tentativa de afirmação de qualidade técnica, pelos recordes que quantitativamente sejam nomeáveis.

Há que reconhecer que esta tentativa não fica culturalmente muito longe dos conceitos do violista apressado, do almirante perplexo, ou do ciclista almoçado em bifés.

Diria mesmo que ficam muito próximo e a situação se não fosse por outros motivos bem dramática, seria altamente caricata.

Talvez que estas obras assim, pensadas e assim levadas a cabo, tenham menor cabimento na história da arquitectura, do que os seus autores parece suporem lhes caber de direito.

Mas se não ficarem com suficiente relevo na história da arquitectura, certamente que ao nível do «Guinness» dos recordes, podem eles reivindicar a sua posição legítima, ao lado de homens famosos que conseguiram realizar a maior casca de batata ou os que foram capazes de comer mais número de empadões em meia hora.

Ao menos a este nível, os arquitectos (alguns) estão preparados e já prontos para a CEE.

Com a participação de mais de 700 congressistas

Eanes encerra na Marinha Grande Congresso da Indústria de Moldes

O Presidente da República considera que é necessário «delimitar competências, poderes e definir claramente a atribuição de meios» para que o Poder Local possa funcionar numa relação sã com o Poder Central.

Eanes falou na Marinha Grande, onde assistiu ao encerramento do II Congresso da Indústria de Moldes, que durante três dias reuniu mais de 700 empresários, técnicos e trabalhadores do sector.

Recebido na Câmara Municipal, o Chefe de Estado afirmou, num curto improviso, que só a delimitação de atribuições torna possível «determinar as estratégias nacionais mais adequadas aos nossos problemas, sejam eles locais ou nacionais». Eanes destacou também a importância dos moldes e sublinhou que em 1984, Portugal foi o décimo produtor mundial nesta indústria.

Expressando a sua confiança

aos responsáveis por esta indústria, o Presidente da República desejou o «máximo sucesso, o que só se consegue com a máxima conjugação de esforços e com a máxima coordenação».

Fez ainda votos para que «fabricando mais rapidamente, mais barato e melhor, consigamos em ambiente de verdadeira paz social afirmar a nossa liderança no mercado mundial de moldes». O ministro da Educação, João de Deus Pinto, que acompanhou o Chefe de Estado, referiu-se, por seu turno, à questão da formação profissional no sucesso da indústria.

Os vereadores do PS na Marinha Grande não estiveram presentes na sessão de boas-vindas realizada na Câmara ao Presidente Eanes, em virtude de na abertura do mesmo congresso os vereadores comunistas terem ignorado a presença do Primeiro-Ministro, Mário Soares.

Manuela Aguiar queixa-se de verbas

A secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar, condenou ontem a verba atribuída pelo Orçamento de Estado àquele departamento, considerando-a reduzida. Manuela Aguiar falava no decorrer da cerimónia de posse do novo secretário do Conselho das Comunidades, Carlos Lellis.

«Nunca, de há tantos anos para cá, a Secretaria de Estado da Emigração teve um orçamento tão reduzido. Não deixa de ser estranho que para aqueles que são uma das maiores fontes de divisas corresponda

uma das menores fatias do Orçamento de Estado» — sublinhou Manuela Aguiar. A secretária de Estado, considerou ainda que, apesar da situação financeira existente, «nunca a tão pequenos recursos correspondeu uma programação tão ambiciosa».

O orçamento da Secretaria de Estado da Emigração está ao nível de 1979, representa uma quebra de mais cinco por cento em relação a 1984 e, depois de pagas as despesas correntes, ficam livres para acções com os emigrantes apenas cerca de 40 000 contos, revelou Manuela Aguiar.

Referendo no PSD

Fumo branco para independente?

Os resultados definitivos só serão conhecidos dentro de uma semana mas tudo indica que o referendo feito pelo PSD às suas bases culmine na escolha de um candidato «independente».

Arredada que parece estar a hipótese de o candidato presidencial do PSD ser um militante do partido, falta saber se o candidato independente será civil ou militar.

Segundo informações prestadas pelo líder dos sociais-democratas, Rui Machete, participaram no referendo mais de 30 por cento dos militantes do PSD.

Admitindo que o perfil indicado no referendo seja o de um candidato independente e autónomo do PSD, Rui Machete adiantou

que o seu partido terá um papel menos relevante do que aquele que teria se o candidato fosse um militante do PSD, porquanto, a verificar-se a primeira situação, «o PSD vai apoiar uma candidatura que surja autonomamente, com determinadas características».

Ainda no campo dos pressupostos, o líder social-democrata disse que o candidato independente deverá sair do lote das personalidades que têm vindo a impor-se nesse sentido (Fimino Miguel, Lemos Ferreira, Atino de Magalhães, Rocha Vieira e Daniel Prouença de Carvalho), mas não exclui que «teoricamente» possam ainda vir à superfície outras candidaturas.

Ainda no que respeita ao refe-

rendo, lembre-se que para os resultados serem considerados válidos terão de ter votado mais de um terço dos militantes sociais-democratas, ou seja, cerca de 27 000 num total de cerca de 80 mil.

A Comissão Permanente do PSD «deve liderar imediatamente, depois de conhecidos os resultados do referendo, o processo de candidatura a apoiar», disse sábado o vice-presidente dos sociais-democratas, João Salgueiro.

O vice-presidente da Comissão Política do PSD falava depois de ter exercido o seu direito de voto no referendo interno do partido destinado a apurar o perfil do candidato que os sociais-

-democratas deverão apoiar nas eleições presidenciais deste ano.

Entretanto, o processo de escolha do candidato presidencial a apoiar pelo PSD prossegue esta noite com uma reunião da Comissão Política Nacional com as Distritais do partido, na qual serão analisados os resultados já conhecidos.

Já se conhecem aliás alguns dos resultados saídos do referendo: no Algarve, a maioria dos votantes votou num candidato independente; em Coimbra, mais de três quartos dos militantes do PSD do Distrito de Coimbra pronunciaram-se por um candidato presidencial que não seja filiado em nenhum partido político.

Há quem o diga no CDS

Basta que Adriano Moreira queira e o CDS já tem candidato a Belém

O antigo ministro do Ultramar, Adriano Moreira, será apoiado pelo CDS caso decida candidatar-se à Presidência da República — disse à NP uma fonte centrista.

«Adriano Moreira é um candidato natural do CDS e estamos convencidos de que poderá obter um bom resultado nas eleições presidenciais» — acrescentou.

O mesmo informador admitiu

que o presidente da Comissão Política do CDS, Lucas Pires «tenha iniciado diversos contactos com personalidades afectas ao partido com o objectivo de saber a receptividade da candidatura de Adriano Moreira».

A possibilidade de o actual presidente do Conselho Nacional do CDS, Adriano Moreira, se candidatar à Presidência da República

foi divulgada recentemente por um jornal da emigração «O Século» que se publica em Joanesburgo.

O jornal sublinhou na ocasião «o apoio incondicional da comunidade portuguesa residente na África do Sul a Adriano Moreira e a existência de um convite para o dirigente do CDS visitar aquele país».

O «Expresso», na sua edição de sábado afirma que Adriano Moreira aguardará mais dois meses para decidir se aceita ou não apresentar-se às eleições presidenciais.

Adriano Moreira — diz ainda o «Expresso» — aguarda sobretudo o evoluir de contactos entre o PSD e CDS com vista às presidenciais.

editando no presente livros chave • básicos no futuro •

O Problema Epistemológico da COMPLEXIDADE

Este livro é o resultado de um debate entre EDGAR MORIN e sete professores universitários portugueses de diversas áreas da investigação. Um manual de reflexão sobre o problema da complexidade e, simultaneamente, uma preciosa ajuda à compreensão do pensamento original, ousado e estimulante de EDGAR MORIN.

CAMÕES SONETOS

Esta não é mais uma edição dos «Sonetos», é a reconstrução do conjunto que o tempo e os humanos tinham mutilado ou despedaçado em fragmentos desconexos. Maria de Lourdes e José Hermano Saraiva ordenaram os sonetos temáticos e cronologicamente. Cada peça ganhou um sentido novo. O que poderia ser um cego acervo de antigalhas eruditas aparece assim com uma nova luz: surge-nos um novo Camões, profundamente humano, com uma mensagem de amor e protesto. Uma obra que passa a ser indispensável possuir. Edição anotada.

REVOLUÇÃO e INSTITUIÇÕES

MANUEL DE LUCENA

Entre 1974 e 1976, os Grêmios da Lavoura alentejanos foram extintos. Com este livro é agora possível compreender como essas instituições se transformaram; qual o comportamento dos grupos sociais para obter o seu domínio e serviços; as lutas de classe, sociais, políticas, regionais, familiares e institucionais que nelas se desenvolveram — enfim, uma das mais interessantes e elucidativas histórias da sociedade civil na revolução. Um livro essencial para perceber o que foi e o que resta da REFORMA AGRÁRIA.

Obviamente... uma edição
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

José Apolinário no Congresso da JS do Porto

É preciso reforçar a unidade

«A Juventude Socialista encontra-se actualmente numa fase de reorganização e de crescimento em que é preciso fazer um reforço da unidade» sublinhou ontem, em Vila Nova de Gaia, o presidente da JS, José Apolinário, no encerramento do II Congresso distrital do Porto daquela organização.

Depois de realçar o facto de cerca de 300 mil desempregados em Portugal serem jovens, José Apolinário considerou que «é necessário falar e discutir mais os problemas da juventude do que levantar à sua volta questões de índole ideológica ou política».

No entanto, prosseguiu, «é também preciso não descurar a

formação humana e ideológica dos jovens, como forma de acompanhar a evolução das sociedades».

No Congresso, que durou dois dias e no qual participaram cerca de 120 delegados de todos os distritos, foi aprovada a moção de organização política denominada «Virar o vento, mudar a sorte — um projecto distrital» que, além de já ter obtido quase 60 por cento dos delegados eleitos ao Congresso, conseguiu vencer as eleições para todos os órgãos distritais da organização.

Esta moção que se insere dentro das linhas de orientação política seguidas pela actual direcção

nacional da JS, liderada por José Apolinário, foi subscrita, por Carlos Motaz, João Correia, Joaquim Fonseca, Pedro Torres e António Mamede.

Segundo os subscritores da moção vencedora do Congresso a Juventude Socialista tem um papel importante na modernização e reorganização do Partido Socialista, sublinhando por outro lado a necessidade de aumentar a implantação da JS nos estabelecimentos de ensino superior.

O acesso ao ensino superior, a criação de comissões concelhias de juventude, as eleições autárquicas e presidenciais e as rádios livres, foram alguns dos temas abordados durante o congresso.

Com a participação de portugueses e alemães

Democratas-cristãos reúnem-se em Lisboa

O presidente da Comissão Política do CDS, Lucas Pires, disse ontem que o encontro que reuniu em Lisboa democratas-cristãos portugueses e alemães «foi uma espécie de abraço entre o ponto mais ocidental da Europa e o seu interior».

Lucas Pires, que falava numa conferência de imprensa acompanhado pelo dirigente do Partido Democrata-Cristão da Baviera (CSU), Dieter Schmidt, classificou o encontro de «muito importante», no contexto do diálogo luso-alemão. Esclareceu também que foram abordados os

temas sobre África, a adesão de Portugal à CEE e a segurança na Europa e revelou que uma delegação do CDS visitará a RFA depois do próximo Verão.

Referindo-se à entrada de Portugal no Mercado Comum, o líder centrista afirmou que Portugal «poderá liderar o diálogo a estabelecer entre a Comunidade e África, dadas as relações privilegiadas que mantém com países africanos». «Seria uma conquista da nossa política», comentou.

Dieter Schmidt disse, por seu turno, que o encontro CDS-CSU

«foi muito proveitoso» e esclareceu terem sido analisados «diversos problemas da situação política internacional, nomeadamente a questão da segurança na Europa». «Nós pensamos, como membros da NATO», que qualquer programa de defesa da Europa não deve ser imposto pelos EUA, mas sim discutido e, sobretudo, aprovado pelos europeus», concluiu.

O encontro entre os dois partidos realizou-se num hotel de Lisboa e de quinta-feira a sábado.

UDP quer candidatura comum das oposições

A apresentação de um candidato comum das oposições para as próximas eleições presidenciais foi ontem defendida pela União Democrática Popular, em conferência de imprensa realizada na sua sede nacional, em Lisboa.

O Conselho Nacional da UDP, que reuniu em conjunto com o Comité Central do PC(R) defende «ser necessário começar desde já a preparar o caminho de luta para as eleições presidenciais, para não dar oportunidade à direita de conquistar a Presidência da República». O ex-deputado Mário Tomé considerou «ser uma falsa questão o adiar da discussão das eleições presidenciais, pelo que se torna urgente começar desde já a trabalhar na apresentação de um candidato comum das oposições contra os candidatos da direita», situando a candidatura de Mário Soares como a que «representa o reforço da aplicação de uma política de direita e de submissão ao imperialismo».

Sobre a candidatura da engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo, que referem como sendo contra a direita, a UDP, e o PC(R) consideram que ela «não é boa nem má, mas que se trata de uma hipótese a considerar».

Quanto à entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, as duas organizações entendem que tal significa a «desgraça para o povo trabalhador e o aumento da dívida externa».

Conferência Económica do PCP

'Integração na CEE é pretexto para destruição das estruturas de Abril'

—frisou Álvaro Cunhal

«Pretexto para a destruição completa das conquistas democráticas nas estruturas socioeconómicas», assim classificou Álvaro Cunhal o plano de integração do nosso país na CEE, ao discursar no encerramento da Conferência Económica que o PCP levou a efeito em Paio Pires (Seixal), durante este fim-de-semana. «É isso — frisou o dirigente comunista — que Mário Soares quer dizer, quando anteontem (sexta-feira), deitando prematuramente foguetes pela integração ainda não efetivada diz que 'Portugal vai mudar totalmente'».

Acentuando as «consequências imediatas altamente lesivas» e «futuras verdadeiramente desastrosas» para a nossa economia desse projecto «de fins políticos reacccionários», disse Álvaro Cunhal que «mesmo antes da integração, o simples projecto tem feito sacrificar grandes projectos nacionais e sectores básicos da nossa economia (como a siderurgia, a indústria naval, o plano de beterraba sacarina e de fabricação de açúcar) aos interesses económicos egoístas dos países do Mercado Comum, onde esses sectores, com produções excedentárias, estão atingidos pela crise».

Ao aludir ao champagne com que os deputados do PS comemoraram o fim das negociações de Bruxelas, que foi, desta vez sim, o «constat d'accord», o líder do PCP advertiu para o «desastre» que representará a integração em relação ao conjunto do processo produtivo português.

«O desastre»

Num extenso e compacto documento de 66 páginas, que levou cerca de duas horas a ler, com improvisos ou apartes (sobretudo em relação à questão da CEE), o dirigente comunista fez o ponto da crise económica, das suas causas e efeitos e sintetizou as propostas económicas do PCP. Num terceiro, e mais breve, capítulo sobre «a luta por uma alternativa», sublinhou a existência «as condições políticas, sociais e institucionais necessárias para que o actual Governo seja prontamente demitido e para que se forme um Governo democrático».

Insistiu particularmente Álvaro Cunhal na tese de que «a causa fundamental da crise portuguesa» não «reside» nas «transformações democráticas das estruturas socioeconómicas realizadas pela revolução democrática», mas sim «na ofensiva contra as empresas e sectores nacionalizados, contra a Reforma Agrária e contra os direitos dos trabalhadores», iniciada há nove anos com o Governo PS sozinho.

«Tal ofensiva — disse — assentou profundos golpes em todo o processo produtivo, no sistema financeiro e nas condições de vida do povo, provocando a degradação e a desorganização dos sectores fundamentais da economia».

E alguns dos números e factos dessa ofensiva, já relatados nas intervenções de delegados à conferência, foram relembrados por Cunhal. As dívidas de 600 milhões de contos do Estado a empresas públicas, as limitações do crédito, as altas taxas de juro, a sabotagem das empresas pelos próprios gestores, a restauração de latifúndios no Alentejo, o ataque aos direitos dos rendeiros e aos baldios, a centralização e acumulação de capitais por parte de grupos privados, através da transferência para os grandes capitalistas da «mais-valia que vai sendo criada no País» e dos «capitais do Estado e da Banca nacionalizada».

E a propósito desta questão lembrou que «só o crédito malparado», reconhecido oficialmente, «sobe a 330 milhões» de contos mas que «atinge na realidade um montante incomparavelmente superior».

E entre «muitos exemplos» que disse existirem dessa espoliação da Banca citou os 840 mil contos de crédito a baixo juro aos Mello, os 300 mil da dívida ao ex-banqueiro Cupertino de Miranda, três milhões ao Pão de Açúcar, créditos fraudulentos de 500 mil no Borges e Imão e de centenas de milhares no Fonecas & Burnay, o caso de um contrabandista do PS que deve 500 mil à Fazenda, a inauguração do primeiro banco privado com (disse ironicamente) a «presença do embaixador dos Estados Unidos assistido pelo Primeiro-Ministro...».

Como «parte integrante» dessa política financeira e económica do Governo citou Cunhal «o compadrio, o nepotismo, as fraudes, os roubos, o suborno, a concussão, o peculato, a corrupção».

«Não se pode considerar — acrescentou — esta actuação como uma 'política'. É a espoliação e o saque. É a cruzada da contrarrevolução».

Analisou, depois, a articulação de tal política com as «crescentes concessões económicas, financeiras, políticas e diplomáticas e militares ao imperialismo, nomeadamente ao imperialismo norte-americano, multiplicando e apertando os laços de dependência de Portugal e atingindo gravemente a independência e a soberania nacionais».

E considerou, como manifestações dessa política, o reforço das multinacionais na economia portuguesa, o peso excessivo do comércio externo (concentrado num reduzido número de países capitalistas desenvolvidos), o aumento da dívida externa, os acordos como FMI e a integração na CEE.



Um alerta para o desastre da adesão à CEE

Alternativa

Como pressupostos político-económicos da alternativa proposta pelo seu partido, Álvaro Cunhal defendeu o fim imediato da ofensiva contra as nacionalizações e contra a Reforma Agrária e os direitos dos trabalhadores, a anulação das medidas inconstitucionais já tomadas e a dinamização das diversas formações económicas existentes com a participação dos trabalhadores.

Como eixo fundamental, dessa alternativa indicou Cunhal o «aumento da produção nacional» através, fundamentalmente, de quatro direcções: mais elevada utilização da capacidade produtiva já existente; aumento da produtividade e dos postos de trabalho; poupança de matérias-primas e energia e um mais profundo aproveitamento dos recursos nacionais.

São crimes antieconómicos: «que se importem carris que se fabricam na Siderurgia Nacional; que se fretem navios estrangeiros quando os navios nacionais estão parados; que se importem batatas quando em Braga e Viseu há milhares de toneladas sem escoamento; que se importem dez mil toneladas de maçãs, nos primeiros meses de 1985, quando na Cova da Beira os frigoríficos estão atulhados; que se importem suínos quando os produtores não têm mercado...».

Disse ser possível aumentar os postos de trabalho através do «relançamento da construção civil e obras públicas relacionado com uma nova política de habitação, novos aproveitamentos hidroeléctricos, obras de hidráulica agrícola, melhoramento das vias de comunicação», para acrescentar: «Só os 330 milhões de contos de crédito malparado dariam para a realização do Plano Siderúrgico e dos Planos da Metalurgia do Cobre, do Alqueva, da Cova da Beira e do Baixo Mondego e da instalação industrial do plano de beterraba sacarina».

A defesa de novas políticas na indústria («Portugal não pode converter-se num simples e atrasado instrumento das economias dos países capitalistas avançados»), nos transportes, no comércio, na produção alimentar e na agricultura e pescas, e a evocação dos «recursos nacionais» (hidricos, minérios de ferro, cobre, zinco, urânio, carvão, tungsténio) e a necessidade de restrição da importação de bens não-essenciais e de acordos de compensação e diversifi-

cação das relações comerciais externas, foram ainda pontos salientes da alternativa económica proposta pelos comunistas e anunciada por Cunhal.

Sobre a **dívida externa**, frisou ter atingido «tal nível de amortização e juros que efectivamente não poderá ser paga nos termos actuais e que, por isso, deve ser renegociada «com o fim de se obter taxas de juro mais baixas e prazos mais dilatados de pagamento». Lembrou que para numerosos países a renegociação da dívida externa é uma **questão de sobrevivência e de independência nacional** excedendo o «quadro da economia para se tornar um problema político e diplomático mundial».

«A defesa dos interesses nacionais — acrescentou — aconselha a que Portugal, na sua política externa, tome as iniciativas adequadas para, nesta matéria, coordenar a sua actuação com a actuação de outros países».

Eleições

No capítulo final do discurso, a **luta por uma alternativa**, e depois de invocar as condições institucionais (previstas na Constituição) e sócio-políticas (o Governo **perdeu legitimidade de governar porque faltou a todas as suas promessas, porque não resolveu um único problema do País, antes os agravou a todos...**), Cunhal defendeu a **imediata demissão do Executivo PS-PSD e a formação de um governo de gestão** para assegurar os negócios correntes do Estado e preparar novas eleições.

Considerou, entretanto, que independentemente do resultado das eleições, a solução para os problemas do País assentará sempre na formação de um **Governo Democrático de Salvação Nacional**, disposto a defrontar e a resolver os problemas nacionais».

Apelou à intensificação da luta e resistência populares contra as ofensivas «ilegais e subversivas» do Governo e para o fazer cair unido «todas as forças sociais e políticas que são atingidas pela política actual e que se pronunciam por uma alternativa democrática e patriótica».

A preparação das próximas «batalhas eleitorais» foi ponto igualmente em destaque na intervenção de Cunhal. Referiu, acerca das **presidenciais** que **não se deve ter «demasiada pressa dadas as modificações possíveis na situação política antes do fim do ano» nem «acompanhar a precipitação de quaisquer candidaturas e insistir na necessidade do acordo ou consenso verificado das forças que têm de contribuir com o seu apoio e os seus votos para a vitória de um candidato da democracia...**

Sobre o PRD, «porque surge de um ponto de vista crítico à política do Governo PS/PSD e porque pode ganhar grande parte do imenso espaço vazio pelo abandono do PS e do PSD por boa parte do seu eleitorado, tem de admitir-se que o novo partido venha a **representar um importante papel na alteração da armadura e da correlação de forças na própria Assembleia da República** — disse, não sem anotar que «só o reforço substancial das posições do PCP na AR pode dar garantia da constituição de um governo democrático com uma política democrática».



Cunhal: a urgente demissão do Governo

Proclamação

‘Existe uma política alternativa’

A Proclamação final aprovada pouco antes da intervenção de Cunhal, conclui existir uma **política alternativa capaz de fazer sair o País da crise** e que passa pela «urgente e possível demissão do Governo PS/PSD e a formação de um Governo que ponha em prática uma política alternativa, democrática e patriótica».

«A gravidade da crise — sublinha ainda o documento — exige a **convergência de todas as estruturas e sectores da economia portuguesa, a complementaridade das empresas nacionalizadas, privadas e outras formações económicas e a mobilização planificada de todos os recursos, energias, capacidades e potencialidades nacionais**».

A proclamação sintetiza o trabalho das 19 secções, que tiveram a participação de 907 delegados, com a idade média de 39 anos, sendo 119 mulheres.

Registos

Nas manhãs de sábado e domingo tiveram lugar intervenções de alguns dos delegados mais ligados à preparação dos trabalhos. **Carlos Costa**, o primeiro orador, falou das alterações propostas ao documento base e traçou o quadro da crise económica, financeira e social, sublinhando que o PCP não se julga «o único detentor da verdade» mas que está «em condições de dar uma importante contribuição positiva para se encontrarem soluções capazes de resolver os grandes problemas nacionais». Considerou, ainda, que a **dívida externa** portuguesa «é impagável nos termos em que está negociada».

Carlos Carvalhas lembrou que a dependência externa «não se prende somente com a dívida externa» mas também com a dependência tecnológica e a penetração do capital estrangeiro em sectores importantes como os da indústria eléctrica, electrónica, de madeira, agro-alimentar, química, extractiva.

Ida Figueiredo: «Os salários reais diminuíram (entre 1976 e 1984) 23 por cento na agricultura, 29% na construção civil, 42% na função pública e na indústria transformadora».

Valdemar Madureira: «Considerando os próprios estudos oficiais disponíveis, estima-se que a economia subterrânea em Portugal tenha representando, em 1980, cerca de 20 por cento do Produto Interno Bruto, envolvendo cerca de um milhão de pessoas, e que a evasão fiscal associada a essa economia, tenha atingido, em 1981, o valor de cerca de 30 milhões de contos».

António Gervásio: «A contra-revolução já roubou à Reforma Agrária 657 mil hectares (58% das terras), 242 mil cabeças de gado, 12 200 máquinas e alfaia, destruiu 200 cooperativas e 50 mil postos de trabalho».

Rosa Maria Marques: «O Governo projecta ainda a abertura ao capital privado da Centralcer, Unicer, Cimpor, Petrolgal e Tabacoeira, empresas que no seu conjunto geraram um montante de 22 milhões de contos de fundos próprios em 1984 e propõe-se levar a cabo uma pseudo-reestruturação das empresas do sector energético cujos objectivos são a abertura ao capital privado de partes estratégicas», como a distribuição de combustíveis.

Miranda Ferreira: «A parte das vendas das mercearias no comércio retalhista baixou de 75 por cento para pouco mais de metade entre 1975 e 1980, período em que as vendas dos grandes supermercados duplicaram».

Dantas Ferreira: «Há cerca de 40 mil habitações por vender o que conjugado com a dependência da construção civil relativamente à banca cria grandes dificuldades ao sector e à recuperação do investimento (...) o sector da construção civil representava em 1980, cerca de dez por cento do emprego total».

Carlos Ramildes: «O sector empresarial do Estado emprega 7,3 por cento da população activa, 24 por cento do valor acrescentado bruto nacional e 32,3 por cento do investimento total».

Vasco Paiva: «O produto agrícola bruto baixou 1,5 por cento nos últimos cinco anos, apesar de um crescimento de quase 10 por cento na componente florestal, importando o País mais de 60 por cento da sua alimentação».

Frederico Carvalho: «O sistema hidroeléctrico português produziu menos de metade do seu valor inventariado que é da ordem dos 20 mil gigawatts/hora. É possível satisfazer as necessidades energéticas nacionais, pelo menos até final do século, sem recurso à energia nuclear. A opção nuclear deverá passar pela construção prévia da base científica, técnica e industrial sobre a qual assentará o futuro do sistema energético».

TSD manifestam "reservas" à alteração das leis laborais

O secretariado nacional dos TSD (trabalhadores sociais-democratas) expressou as suas «mais sérias reservas ao fre-sim legislativo» do Governo no campo laboral.

O secretário nacional dos TSD, que se reuniu com os sociais-democratas do Secretariado Nacional da UGT, divulgou um documento final do encontro, no qual adinara que o Governo «persiste em seguir um caminho que sabe incidir de forma negativa essencialmente sobre os trabalhadores portugueses e, portanto, não pode encontrar receptividade neles nem nas suas organizações representativas».

Reconhecendo «alguma bondade» ao projecto de lei sobre contratos a prazo, os TSD expressam, no entanto, a sua

«clara oposição» a questões fundamentais do projecto de lei dos despedimentos, referindo como exemplo a «não admissibilidade de reintegração do trabalhador despedido sem justa causa, como tal considerada na sequência de decisão judicial».

Os TSD congratulam-se com a adesão de Portugal à CEE, recordam as diligências que Francisco Sá Carneiro fez nesse sentido e manifestam «fundadas reservas» a alguns **dossiers** acordados.

Deliberaram constituir um grupo de trabalho que apreciará os diplomas laborais actualmente em discussão pública e marcar para 19 de Abril uma reunião nacional de dirigentes sindicais sociais-democratas para uma posição final.

SETAA reivindica redução de horas no sector agrícola

A redução do período de trabalho agrícola para 40 horas semanais é uma das reivindicações saídas do III Congresso do Sindicato dos Empregados, Técnicos e Assalariados Agrícolas (SETAA/UGT) que terminou ontem em Tróia.

Com a participação de cerca de 150 delegados, decorreu em Tróia, durante três dias, o III Congresso do SETAA, sindicato vertical de âmbito nacional, que engloba trabalhadores dos sectores

agrícola e agro-alimentar.

A política agrícola e a integração europeia ocuparam o centro dos debates do encontro em que os congressistas estabeleceram também um programa de acções e um caderno reivindicativo para o próximo triénio.

No âmbito do combate ao desemprego, o programa saído do congresso reivindica, entre outras coisas, «o preenchimento dos lugares vagos na Função Pública».

Trabalhadores da Tabaqueira denunciam "clima persecutório"

Trabalhadores da Tabaqueira, EP, denunciaram ao «DL» o que consideram «um clima persecutório» criado na empresa pelo conselho de gerência (CG) e que conduziu já à destituição de funções do director-geral de ramas, eng.º Sá Sampaio. Este facto é aliás confirmado pelo comunicado n.º 1/85, do mesmo CG.

Aquele quadro, diz o documento, «passará a assessorar o conselho de gerência nas tarefas que este lhe distribuir». De referir ainda que o eng.º Sampaio foi igualmente substituído do cargo de administrador da RJ Reynolds (Portugal) por, ao que os trabalhadores supõem «já não merecer a confiança do CG».

O processo repressivo, segundo a mesma fonte, foi desencadeado na sequência de um abaixo-assinado reclamando a reintegração de uma trabalhadora despedida há duas semanas. O documento, que recolheu a assinatura de 900 dos cerca de 1500 trabalhadores da Tabaqueira, foi também subscrito pelo eng.º Sá Sampaio. Quanto aos trabalhadores que se solidarizaram com os objectivos do abaixo-assinado, o CG «tem estado a ouvir individualmente os que considera recuperáveis, convidando-os «a retratarem-se» na presença do advogado da empresa.

Esta atitude do CG, que é interpretada como «intimidatória»,

está, segundo os trabalhadores contactados pelo «DL» a gerar um «descontentamento crescente» na empresa.

O abaixo-assinado surgiu por os trabalhadores considerarem que não havia «motivos suficientes» para o despedimento de Ermínia Pereira, com 22 anos de casa. Com efeito, a trabalhadora foi despedida após uma «troca de palavras» com a responsável da direcção de recursos humanos da Tabaqueira.

Os trabalhadores acrescentam que «casos mais graves, de que há exemplos na empresa», não conduziram a despedimentos, concluindo que esta disparidade de procedimento tem muito

a ver com «favoritismo partidário», de que, afirmam, «há também exemplos na empresa».

O CG da Tabaqueira, que integrava três elementos, passou com a posse do Governo PS-PSD, a contar com mais dois, entre os quais Pedro Coelho, da FAUL do PS e «possível candidato à Câmara Municipal de Lisboa» por aquele partido. É este gestor que os trabalhadores apontam como «o que mais se tem destacado neste processo repressivo».

Entretanto o «DL» teve conhecimento que os directores dos diversos departamentos da Tabaqueira vão tomar posição sobre estes acontecimentos.

Extinção da CTM e CNN vai deixar mais de três mil no desemprego

— denuncia a Federação dos Sindicatos do Mar

A extinção da CTM e CNN provocará o despedimento de quase 3200 trabalhadores e que mais de 4600 pensionistas fiquem sem complementos de reforma — afirmou a Federação dos Sindicatos do Mar.

Os dirigentes sindicais sublinharam em conferência de imprensa, que até Junho de 1985

as empresas Transinsular e Portline apenas absorverão 795 dos 4542 trabalhadores actuais da CTM e CNN (545 a Portline e 250 a Transinsular). Precisaram que apenas a Portline poderá com a aquisição de navios, aumentar os seus efectivos para 885 até Novembro de 1985 e 1.350 até Março de 1986, «verificando-se assim que, na melhor das hipóteses e segundo os seus próprios dados, o Governo prepara-se para lançar no desemprego» 3197 trabalhadores, entre os quais 1624 tripulantes e os 347 trabalhadores dos estaleiros da CTM.

Os dirigentes da Federação consideraram que os decretos de extinção da CTM e CNN «têm aspectos claramente inconstitucionais» e criticaram o Presidente da República por apenas ter pedido a fiscalização da

constitucionalidade relativamente a um artigo e ter posteriormente promulgado os diplomas.

Responsabilizamos em primeiro lugar o Governo no processo de extinção da CTM e CNN, mas também o Presidente da República — sublinharam.

Os dirigentes sindicais denunciaram «a retirada de documentação e equipamento da CTM e CNN para a Portline e Transinsular», declarando que os trabalhadores «não deixarão de tomar medidas para obstar a que factos destes se avolumem».

Apontaram, nomeadamente, para uma acção judicial, nos termos do Código Civil, por estar a ser retirado material e transferido «Know-How» para empresas concorrentes.

Os dirigentes da Federação dos Sindicatos do Mar acusaram

o ministro do Mar de só aceitar dialogar com quem aceita à partida a extinção das duas empresas, como é o caso da frente de sindicatos e comissão de trabalhadores afecta à UGT, recusando o diálogo com a Federação, que se opõe à extinção.

Acrescentaram que aquela frente de sindicatos e a CT estão a negociar com o Governo a partir do zero, indemnizações, que a lei geral garante aos trabalhadores.

A Federação dos Sindicatos do Mar, que afirma representar 60 por cento do total de trabalhadores das duas empresas (52 por cento dos trabalhadores do mar), considera que a extinção da CTM e CNN «corresponde ao despoletar da grande ofensiva governamental de subversão da Constituição», que «na prática já ignora ou viola».

Parlamento não pode alterá-lo PS vota contra acordo laboral na Base das Lajes

O deputado socialista Ricardo Barros anunciou que votará contra o acordo laboral das Lajes quando este voltar ao plenário da Assembleia da República.

Ricardo Barros, que falava num plenário de socialistas de Angra do Heroísmo, afirmou que

«o Parlamento não tem competência para alterar o acordo laboral, devendo por isso rejeitá-lo, ou aprová-lo».

Por outro lado, um comunicado emitido após o plenário classifica de «caricatas» as posições do PSD açoriano sobre o

acordo laboral das Lajes.

Para o PS, os sociais-democratas «começaram por, através do secretário regional do Trabalho, dizer que o acordo era favorável aos trabalhadores e acabaram por rejeitá-lo aquando da sua discussão na Assembleia Regional».

EXPRESSOS RN

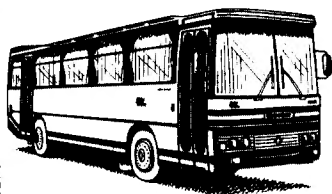
«PRAIAS DO ALENTEJO»

LISBOA — PRAIA DA ZAMBUJEIRA

ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS

HORÁRIO

07H30	17H00	LISBOA	12H45	20H30
08H15	17H45	C	P	12H00
08H20	17H50	P	C	11H55
09H50	19H20	C	P	10H25
10H00	19H32	P	C	10H18
10H13		SANTIAGO		
10H28		B.º S.º ANDRÉ	10H05	17H50
11H03	20H12	SINES	09H50	17H35
11H18	20H27	CERCAL	09H15	17H00
11H33	20H42	V. N. MIFONTES	09H00	16H45
11H43	20H52	ALMOGRAVE	08H45	16H30
12H03	21H12	CAVALEIRO	08H35	16H20
12H13	21H22	S. TROTONHO	08H15	16H00
		P. DA ZAMBUJEIRA	08H05	15H50



EFFECTUA-SE DIARIAMENTE

EM VIGOR A PARTIR DE 28.1.85

RN RODOVIA NACIONAL

PARA MAIS INFORMAÇÕES

LISBOA — Telefones 72 58 07 — 72 58 32 — 72 58 54 (Dias úteis das 08H00 às 20H00)



concurso



NOME

Idade Profissão

Morada

Localidade Cod. Postal

Telefone

Freguesia Concelho

Tem televisor? N.º Licença

ACOMPANHANTE

Idade Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso do Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.

Presidente da Câmara de Reguengos defende Alqueva

A barragem do Alqueva pode ser o pólo de desenvolvimento do concelho de Reguengos de Monsaraz no ponto de vista agrícola e turístico — disse à ANOP o presidente da edilidade, Vítor Barão Martelo.

O desenvolvimento na agricultura depende do Alqueva, já que o regadio permite o emprego de maior quantidade de mão-de-obra e maiores índices de produtividade, referiu Vítor Martelo.

Quanto ao lado negativo do Alqueva, o presidente da câmara de Reguengos afirmou que, contrariamente ao que foi propagado, «apenas 20 por cento das terras que ficariam submersas eram de boa qualidade para a agricultura e seriam recuperáveis pela maior produtividade da agricultura de regadio, ainda que houvesse necessidade de acompanhar o agricultor e prepará-lo para a mudança».

No ponto de vista turístico, Vítor Martelo referiu que a barragem «proporcionaria uma zona de pesca e de desportos náuticos, permitindo a instalação de unidades hoteleiras e um incremento significativo do turismo, que actualmente se resume à vila medieval de Monsaraz».

O desenvolvimento turístico da região está já a ser acompanhado por investimentos do turismo de habitação, em Monsaraz, e a curto prazo a autarquia tenciona avançar na divulgação da região, nomeadamente através do artesanato e das estações arqueológicas existentes no concelho, de grande tradição megalítica.

No Vouga e na vinha

Aveiro está a pedir uma revolução agrícola

Obras hidroagrícolas na bacia hidrográfica do Vouga e a reconversão da vinha são duas das soluções a que os responsáveis pela agricultura do distrito de Aveiro terão de recorrer a curto prazo para salvar o sector na região.

De outro modo, dentro de vinte anos não haverá agricultores no distrito e as terras ficarão incultas. Para evitar tal cenário impõe-se uma autêntica revolução agrícola, segundo um estudo de Joaquim Abrantes Zenhas, um especialista em co-operativismo agrícola e indústrias alimentares.

O envelhecimento da população activa agrícola e o subaproveitamento dos solos da região são as duas principais causas de tão drástico quadro neste distrito

da Beira Litoral com uma área de 1,3 hectares por exploração agrícola (minifúndio) repartidos por mais de 70 mil agricultores que, nas zonas industriais do distrito (S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Ovar, Ílhavo e Vila da Feira, entre outros concelhos) são mulheres com mais de 40 anos e, na parte serrana (Arouca, Vale de Cambra e Castelo de Paiva) homens a passar dos 60 anos.

É este o panorama humano no sector agrícola do distrito de Aveiro, o qual poderá levar a não haver agricultores nem terras em exploração dentro de vinte anos se desde já não for empreendida uma enérgica e rápida revolução industrial.

É nesse contexto que se colocam a realização de obras na ba-

cia hidrográfica do rio Vouga (que atravessa o distrito a meio) e a reconversão da vinha, duas soluções apontadas por aquele especialista no Congresso dos Engenheiros que recentemente decorreu em Coimbra e que proporcionarão um aumento do produto agrícola bruto na ordem dos 28 milhões de contos.

O distrito de Aveiro, que se pode orgulhar de ser a maior bacia leiteira do País, cobre 40 por cento da área total da floresta portuguesa e é, ainda, um grande produtor de vinho e batata. Tem, por outro lado, fortes probabilidades de melhorar os seus regadios e de aproveitar para o cultivo intensivo 16 mil hectares de terras em aluvião na zona lagunar do Baixo Vouga.

Distrito de Portalegre em estudo

Agricultura e turismo são sectores prioritários de desenvolvimento

A Empresa Geral do Desenvolvimento do Plano apresentou no sábado em Portalegre um estudo de 16 volumes sobre o aproveitamento das potencialidades naturais do distrito com vista ao seu desenvolvimento. Este estudo, que deverá servir de base para as políticas a implementar pelos órgãos de poder central e local foi divulgado em cerimónia presidida pelo secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha. O acto contou ainda com as presenças do governador civil do Distrito, dos autarcas locais e de alguns deputados à Assembleia da República.

Os seis volumes do trabalho abordam áreas como o clima, geomorfologia, paisagem, educação, demografia, saúde, segurança social, desporto, habitação, agricultura, indústrias extractivas e transformadoras, comércio, construção civil, transportes e comunicações. Debruçam-se, também, sobre os

aspectos religiosos e políticos dominantes na região.

Em termos de estratégias de desenvolvimento estabelece como sectores prioritários a agricultura, a silvicultura, a pecuária e o turismo. O trabalho debruça-se com especial atenção nos problemas da fixação da população, nomeadamente das camadas mais jovens. Com efeito, o distrito de Portalegre registou nos últimos anos um decréscimo demográfico. A população que era em 1950 de 197 mil habitantes, passou, em 1981, para apenas 142 mil.

O estudo aponta ainda várias medidas que visam a redução da elevada taxa de analfabetismo do distrito, um aumento do poder de iniciativa da população local bem como da sua receptibilidade à inovação. A fraca implantação de indústrias transformadoras é um dos aspectos que o estudo põe em relevo. No distrito de Portalegre apenas 11 por cento da população total trabalha em indústrias transformadoras.

Acesso ao crédito é o grande problema

Jovens agricultores querem revisão das leis vigentes

A revisão urgente do espírito e da letra da legislação sobre jovens agricultores foi ontem defendida por José Costa e Oliveira, presidente da Associação dos Jovens Agricultores de Portugal.

«Não se compreende que as leis existentes, porque limitativas e enfermando de um espírito errado, sirvam na prática de apoio unicamente a 100 ou 120

jovens agricultores em todo o país» — disse.

A Associação vai realizar a 19, 20 e 21 de Abril o seu segundo encontro nacional, nas Termas de Monfortinho, Castelo Branco.

«Entendem os jovens agricultores portugueses que só com a modificação da legislação vigente poderão assumir o papel a que têm direito na agricultura e, bem assim, na sua recuperação,

pelo que exigem a tomada urgente de algumas medidas» — disse o dirigente da AJAP.

Para a associação, a legislação peca essencialmente pelo espírito burocrático que transpira, o que dificulta na prática o acesso dos jovens agricultores aos possíveis benefícios.

«Quanto ao acesso à terra, ele terá de ser redefinido, tendo em conta as realidades regionais».

Mas o principal problema, segundo a AJAP, é o do acesso ao crédito, já que, para isso, e segundo a lei, «a exploração agrícola será tida como economicamente viável desde que assegure ao jovem agricultor e às pessoas de família empregadas a tempo inteiro na exploração, o salário mínimo nacional, não podendo, no entanto, o número de unidades de trabalho assalariadas ultrapassar o dos familiares».

Por outras palavras, para um jovem agricultor ter êxito na candidatura ao crédito especial previsto na lei, terá de avaliar (por que meios?) os rendimentos familiares provenientes da terra, e, mais grave do que isso, não poderá empregar mais pessoas do que o total do agregado que trabalha na exploração.

MESA DL

AMANHÃ

Rocha de Matos



A área política falhou sistematicamente em matéria de ausência de auscultação e de informação às empresas sobre o processo de adesão à CEE

Sabe que livros acabam de sair?

Sabe que filmes vale a pena ver?

Sabe que programas de TV não deve perder?

Sabe quais as principais exposições em todo o País?

Poderá saber tudo isto e muito mais lendo

JL jornal de letras, artes e ideias

- Uma nova estrutura e um novo aspecto gráfico
- Uma escolha crítica de oito páginas sobre Livros, Teatro, Exposições, Música, Cinema e Televisão
- Eduardo Prado Coelho escreve sobre o discurso político
- Uma maior atenção às Ciências Sociais
- Uma página de Poesia

**JL, às terças-feiras
agora ainda mais actual**

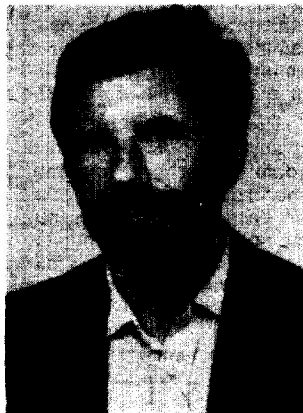
de ontem para hoje

Assassinado autarca do concelho de Cinfães

A Polícia Judiciária do Porto investiga as circunstâncias em que foi assassinado o presidente da Junta de Freguesia de Bustelo, no concelho de Cinfães, cujo cadáver, com dois tiros nas costas, foi encontrado na sexta-feira dentro do seu automóvel, de forma a simular um acidente de viação. José Pinto Rodrigues, de 59 anos, viúvo, abastado proprietário, apresentava ainda várias escoriações no rosto e no pescoço. O facto de a carteira da vítima estar vazia leva a PJ a admitir que o furto tenha sido o móbil do crime.

Prémios da «Associação 25 de Abril»

José Vultos Sequeira (foto) recebeu no sábado o 1.º Prémio de Poesia da «Associação 25 de Abril», com o livro «Da Semente ao Pão». O poeta, natural de Mora operário e antigo novilheiro — chegou a tourear em Espanha, já foi galegado por diversas vezes, tendo recebido em 1980 o 1.º Prémio da Literatura Infantil, da Fundação Calouste Gulbenkian. A «Associação 25 de Abril» atribuiu ainda os prémios do jornalismo a Rogério Rodrigues, de «O Jornal», e Joaquim Vieira, do «Expresso».



Jovem com perna amputada por comboio

Ao tentar escapar ao revisor, um jovem de 20 anos, que viajava sem bilhete, saltou de um comboio em andamento, entre as estações do Rio de Mouro e Cacém, tendo sofrido a amputação duma perna. Carlos Manuel Perpétua de Jesus deu entrada no Hospital de S. José, onde esta manhã se encontrava livre de perigo.

Agente da PSP dispara sobre irmão

A disputa de um terreno de cultura, legado por herança paterna, levou dois irmãos a envolverem-se numa rixa, em Baião, Santa Marinha do Zêzere, tendo um deles, David Pinto da Rocha, pedreiro, recolhido em estado grave ao Hospital de Santo António, no Porto, com tiros no tórax e no braço direito. O agressor foi Abílio Pinto da Rocha, agente da PSP, colocado numa esquadra da capital nortenha, que afirmou ter disparado para defender-se do irmão que o ameaçava com uma navalha.

Atropelada ao regressar de consulta

Quando caminhava a pé na estrada de Séram de Cima, nos arredores de Águeda, uma mulher de 57 anos, Felisminia Magna Ferreira, foi atropelada mortalmente por, pelo menos, três viaturas, a primeira das quais uma carrinha de transporte de mercadorias. A vítima, regressava a casa depois de uma consulta médica, tendo a Brigada de Trânsito da GNR de Aveiro tomado conta da ocorrência.

Professora burlada por «vidente»

A Polícia Judiciária de Chaves revelou que uma professora primária daquela cidade afirma ter sido burlada em 640 contos por uma «vidente», de raça cigana. Segundo a queixa apresentada, a «vidente» prometeu livrar a professora de vários perigos que a ameaçavam a ela e à sua família. Assim, durante uma das sessões

de «rezas» convenceu-a a meter jóias e dinheiro num embrulho de pano depois colocado debaixo do colchão da cama. Só que no dia seguinte a «vidente» conseguiu trocar o embrulho, deixando em seu lugar um outro apenas com papéis, após o que se ausentou para parte incerta.

«Tito Maia» capturado em Espanha

Um português acusado de assassinio foi detido em Espanha, a pedido da Interpol, e entregue à Polícia Judiciária, na fronteira de Vilar Formoso. Trata-se de António Maia, de 25 anos, conhecido pela alcunha de «Tito Maia», que era procurado, desde finais de Dezembro de 1982, após ter morto a tiros de caçadeira, na Mealhada, durante uma desordem, José Laranjo Maíra, de 44 anos.

Roubados 1500 contos em Camarate

Mil e quinhentos contos, destinados ao pagamento de salários, foram roubados cerca do meio-dia da passada sexta-feira, das instalações da firma «Tronix-Sociedade de Limitação, Lda», com sede em Azinhaga dos Fetais, em Camarate.

O assalto foi perpetrado por dois homens armados, que se faziam transportar numa motorizada, tendo um deles chegado a disparar um tiro de intimidação para o ar. Os assaltantes desapareceram em direcção a Loures.

Artigos roubados na PJ de Coimbra

A Polícia Judiciária recuperou os seguintes objectos furtados: um rádio, um extintor, um rádio leitor de «cassetes» e um rádio leitor de cartuchos. Os interessados deverão dirigir-se à 2.ª Brigada da 2.ª Secção daquela directoria.

Portugueses julgados na África do Sul

Dois portugueses radicados na África do Sul vão ser julgados no próximo dia 2 de Maio, em Joanesburgo, sob a acusação de terem posto a circular notas falsas de 50 randes. São eles Rui Dias, de 43 anos, treinador de hóquei em patins, e José Antunes, de 36.

«Novas fronteiras da legalidade», em Coimbra

Juristas e universitários debatem crise do direito e da Justiça

A actual crise do Direito e da Justiça perante o avolumar dos conflitos e tensões sociais no Mundo, foi o principal tema debatido em Coimbra, na quarta Conferência Europeia de Estudos Jurídicos Críticos.

As «novas fronteiras da legalidade» é o tema desta conferência, que ontem começou com a participação de mais de meia centena de juristas e professores universitários.

O catedrático Boaventura Santos, apresentando uma comunicação subordinada ao tema «Modos de Produção do Direito e do Poder», salientou que «a crise da Justiça e do Direito tem manifestações diversas nos diferentes países, consoante a posição que ocupam no sistema mundial».

Salientou, a propósito do estudo do fenómeno, a necessidade

de «ultrapassar a ortodoxia conceitual» que tem dominado a análise da questão e se caracteriza por uma «perspectiva excessivamente redutivista».

Teresa Beleza, da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, apresentou uma série de reflexões sobre a evolução jurídica ocorrida em Portugal nos últimos dez anos.

Abordou nomeadamente diversas questões relacionadas com o enquadramento legal da Reforma Agrária, nacionalizações e a Constituição de 1976.

O professor inglês, Bob Fine, da Universidade de Warwick, apresentou uma comunicação subordinada ao tema «O direito do Mercado e a Norma Jurídica».

Boaventura Santos, da organização, disse que esta conferência é um dos pontos mais impor-

tantes da actividade da Associação Internacional de Estudos Jurídicos Críticos e frisou que engloba cientistas sociais e juristas de vários países europeus.

As relações entre o direito e a sociedade são o tema de análise e estudo da associação que, através da conferência, promove anualmente um debate crítico destes problemas.

Este ano, a conferência realiza-se pela primeira vez em Portugal depois de ter ocorrido anteriormente na Inglaterra, Bélgica e Suécia.

Boaventura Santos adiantou que as comunicações apresentam versam essencialmente as mudanças sociais e jurídicas operadas em países como Portugal, os conflitos raciais na África do Sul e respectivo enquadramento jurídico, bem como a recente greve dos mineiros em In-

glaterra, para além de outros aspectos doutrinários.

Aqueles temas vão ser debatidos numa óptica jurídica e sociológica, designadamente ao nível das transformações jurídicas sucessivas e das discrepâncias entre o que está disposto em muitas delas e as práticas sociais que lhes são subjacentes.

Boaventura Santos, que é professor catedrático na Faculdade de Economia de Coimbra, salientou que aquelas discrepâncias são mais visíveis no direito do trabalho, no direito da família, no direito fiscal e económico.

A conferência prossegue até ao próximo dia 2 de Abril e proporcionará o debate de temas como «Lutas Políticas/Lutas Jurídicas», «Legalidade Infra e Supra-estatal» e «Teoria do Direito», entre outros.

Ao inaugurar quartel de Albufeira

MAI confirma cinco escudos por quilómetro aos bombeiros

O ministro da Administração Interna reafirmou ontem a decisão do seu Ministério em conceder um subsídio aos bombeiros, de cinco escudos por quilómetro, no transporte de doentes em ambulância.

Eduardo Pereira deu a conhecer a sua posição em Albufeira onde presidiu à inauguração do novo quartel dos bombeiros locais, obra que representou um investimento de 70 mil contos.

Os bombeiros tinham dado ao Governo um prazo até domingo para rever a comparticipação no transporte de doentes nas suas ambulâncias sob pena de virem a cobrar directamente aquele transporte.

Fontes ligadas aos bombeiros

afirmaram que com a concessão daquele subsídio o diferendo encontra-se em vias de solução já que conjuntamente a um outro de 20 escudos atinge o valor exigido pelas corporações para a prestação daqueles serviços.

Ao falar na cerimónia, o titular da pasta da Administração Interna referiu a necessidade de um maior empenho e cooperação entre o Governo e os bombeiros no combate aos incêndios na floresta algarvia.

Nesse sentido e tendo também em atenção a vigilância das praias e o movimento nas estradas da região durante a próxima época alta, Eduardo Pereira defendeu o estacionamento de um

helicóptero durante esse período no Algarve.

Para o efeito, disse esperar que algumas entidades locais e em especial a Região de Turismo do Algarve possam, com o Governo Central, empenhar-se no pagamento das despesas que daí advirão.

Eduardo Pereira referiu-se depois à adesão de Portugal à CEE, sublinhando que nos últimos anos também os responsáveis pelos bombeiros têm vindo a fazer um esforço no sentido de um maior relacionamento do estudo e análise dos sistemas utilizados na Europa no combate aos incêndios.

A este propósito declarou,

ainda, que se se mantiver o mesmo empenho e interesse que foi colocado para a adesão será possível, «já em 1986, duplicar, com a ajuda europeia, os investimentos na área de equipamentos e de estruturas dos bombeiros portugueses».

O novo quartel de bombeiros de Albufeira, a cuja inauguração assistiu, também, o secretário de Estado das Obras Públicas ocupa uma área de 5500 metros quadrados.

Tem uma camarata com capacidade para albergar dez homens, possui sala de leitura, posto médico, gabinete para os comandos, e uma área de telecomunicações.

Detido por corrupção no crédito

Funcionário da CGD não tinha funções de «alto quadro»

Não era um «alto quadro» o funcionário da Caixa Geral de Depósitos que há cerca de três semanas foi apanhado em flagrante delito de corrupção, por facilitar créditos, e por isso detido pela Polícia Judiciária.

A informação foi veiculada pelo Gabinete de Relações Públicas daquela instituição de crédito, em carta com data de 28 de Março. O «DL» publicara a notícia de detenção do bancário, em primeira mão, na sua edição do dia 18, tendo previamente confirmado as informações de que dispunha, inclusivamente a de que se tratava de um alto quadro, junto das Relações Públicas da CGD.

Segundo a nota do gabinete da CGD, o empregado em questão seria «um elemento com a categoria de chefe de sector que corresponde ao mais baixo grau da hierarquia de chefia».

«O referido empregado não tinha, nem nunca teve, qualquer poder em matéria de apreciação e decisão de operações de crédito» — acrescenta, ainda, o documento da Caixa Geral de Depósitos que dispensa «outros tipos de considerações para não prejudicar as investigações em curso».

Como o «DL» oportunamente noticiou, a prisão do funcionário da CGD foi confirmada pelo Tribunal de Instrução Criminal.

Pagavam-se de explicações que nunca davam

Dois falsos professores de Matemática e Física

Barreiros, de 43 anos, e Almeida, de 22, dois indivíduos que se intitulavam professores do Ensino Secundário, tendo nessa condição burlado os pais de vários alunos, com quem se tinham comprometido para explicações de Matemática e Física recebendo mensalidades adiantadas, foram detidos em Carregal do Sal, última localidade onde já tinham montado o seu esquema pouco usual de «conto-do-vigário».

Os dois burlões são também acusados de terem ficado a dever o aluguer dos quartos particulares ou das pensões onde se hospedavam e nos quais cometeram ainda vários furtos.

A sua captura ficou a dever-se a uma circular difundida pela Direcção-Geral do Ensino Secundário, a instâncias da PJ de Setúbal, para todos os estabelecimentos de ensino do País.

Entre as localidades visitadas por Barreiros e pelo seu afilhado Almeida contam-se Sabugal, Beja, Santarém, Castelo Branco e diversas localidades da Margem Sul.

Vendedor ambulante faltou à palavra

Um vendedor ambulante foi surpreendido a conduzir sem carta, na estrada que liga Beja à Vidigueira, tendo afirmado à GNR que a deixara esquecida na sua residência em Évora.

Conforme o que esta determinado por lei deram-lhe concedidos oito dias para fazer a sua apresentação na área da casa que habita, mas passado esse prazo, Ernesto Ramos, de 36 anos, casado, natural de Almerim, não deu sinal de vida, tendo-lhe por isso sido mandado passar um mandato de busca.

Assaltaram vivenda e acabaram em Custóias

Mediante denúncia anónima, a GNR do posto da Maia, no Porto, conseguiu surpreender três indivíduos que tinham assaltado uma vivenda no Bairro do Sobreiro, Vermoim, tendo-lhe apreendido o material furtado (um televisor a cores, um video-gravador com

cassetes e duas colunas de som, tudo no valor de 250 contos).

Os detidos, que recolheram à cadeia de Custóias, são José Moreira, de 28 anos, trolha, Joaquim Correia, de 33, e Altino Correia, de 28, irmãos e ambos electricistas.

Histórico do PRP detido no Porto

José Ricardo, um dos históricos do PRP-BR (ala oposta à linha de Isabel do Carmo e Carlos Antunes) foi ontem detido no Porto, na residência que ocupava com a sua companheira.

A detenção, ao que o «DL» conseguiu apurar, foi efectuada por

elementos da Polícia Judiciária pertencentes à Direcção Central de Combate ao Banditismo (DGCB), no âmbito, ao que se presume, do chamado «Processo das FP-25». José Ricardo é natural da Marinha Grande.

Entre os altos e baixos das marés

Setúbal comemora 125 anos de vida: “vêm ver a crise do mercado?”

Entre os altos e baixos das marés e algumas ondas de ebulição social, o peixe, as conservas, os vinhos, a construção naval e a montagem de automóveis dão vida à cidade de Setúbal há 125 anos.

Antigo burgo piscatório, salinero e mercantil, a que D. João III atribuiu o título de «notável vila», Setúbal ascendeu à categoria de cidade em 19 de Abril de 1860.

«O movimento e a vastidão do seu comércio, devido ao porto de mar», a «excelente posição topográfica e grande população»: eis algumas das razões evocadas no decreto assinado por Fontes Pereira de Melo, que elevou a antiga vila do Sado.

Vai ser na tradicional feira de Santiago, de 25 de Julho a 4 de Agosto na Avenida principal, a de Luísa Tódi, que terão lugar os principais acontecimentos alusivos ao aniversário.

Mas, como pano de fundo para as celebrações deste ano, sobressaem as frequentes manifestações dos trabalhadores da cintura industrial de Setúbal «contra o desemprego e os salários em atraso».

O próprio peixe fresco da praça que fica por vender é outro dos sintomas do momento que a cidade, e o seu concelho, atravessam.

«Vêm ver a crise do mercado?» — interroga uma peixeira enquanto se aproximam os jornalistas, de bloco, caneta e máquinas fotográficas.

«Que crise» — é a resposta falsamente ingénu.

«Ora, ainda perguntam? Então, desde quando é que já se viu a uma da tarde o peixe ainda todo nas bancas por vender?»

O peixe que os fregueses não compram — contou —. Fica guardado em arcas frigoríficas durante a noite à espera de melhor sorte no dia seguinte. Por cada noite de utilização destas arcas os peixeiros pagam 400 escudos.

Sede de um concelho com cerca de 100 mil habitantes, 40 mil dos quais desempregados e 21 mil com salários em atraso, Setúbal atravessa um dos vários momentos de convulsão social da sua história.



«A habitação e o emprego são os problemas que mais afligem o concelho» — afirma à Agência NP o presidente da Câmara, Francisco Lobo. Acrescenta: Existem cerca de oito a nove mil famílias necessitadas de casa.

O apogeu e a crise de indústrias como a de conserva de peixe, construção naval, montagem de automóveis e metalomecânica determinam o desenrolar da vida económica e social de Setúbal nestes seus primeiros 125 anos de existência.

A fauna marítima, as suas conservas, o sal, o vinho e, mais tarde, os adubos e os cimentos foram as principais fontes de riqueza locais até à década de sessenta.

Datam de 1855 os primeiros êxitos internacionais da indústria conserveira setubalense e do vinho moscatel produzido em Azeitão.

Nesse ano, as conservas de peixe em azeite, de Feliciano António da Rocha, obtiveram uma menção honrosa num salão internacional em Paris. A mesma

exposição abriu as portas do mercado internacional ao moscatel de José Maria da Fonseca.

Este conhecido vinho tem hoje por principal comprador os Estados Unidos da América.

Sobre a indústria conserveira, conta o presidente da Câmara que chegaram a laborar no concelho mais de 150 unidades fabris mas hoje já só duas estão em funcionamento.

Como razões para a quase extinção desta actividade apontou «a inexistência de uma frota de pesca adequada, a falta de redes de frio e de iniciativa empresarial para montar unidades modernas e rentáveis».

Existem actualmente em Setúbal cerca de três mil pescadores. Dispõem de uma frota composta por duzentos barcos costeiros, duzentos e vinte botes artesanais e quatro barcos de pesca longínqua.

Mas a implantação de novas indústrias no concelho, a partir da década de 60, é outro dos factores explicativos para o declínio da faina marítima e suas

indústrias complementares.

Como alternativa ao rigor e incerteza da pesca, feita de forma quase arcaica, surge, para a população local, a oportunidade de enveredar por formas de sustento que aparentemente não iam depender de ventos e marés.

Saliente-se de entre elas a construção naval, metalomecânica, montagem de automóveis, pasta de papel, construção civil.

No entanto, vinte e cinco anos passados, estas indústrias parecem ter entrado, por seu turno, também em declínio.

Como expoentes da nova crise salienta-se o desaparecimento de muitas linhas de montagem de automóveis, sector que — segundo informações da Câmara — já só emprega, no concelho, cerca de 1500 pessoas, mas que no seu período áureo chegou a dar trabalho a mais de cinco mil.

Neste caso é a retracção da procura no mercado interno e o aumento das taxas fiscais sobre as peças importadas que expli-

cam a crise.

O declínio da procura internacional no âmbito das grandes construções navais constitui, entretanto, a causa determinante para o impasse numa das principais empresas do concelho de Setúbal: a Setenave.

Actualmente com cerca de quatro mil empregados, depois de ter procedido ao despedimento de cerca de mil pessoas, com atrasos nos pagamentos de salários, a Setenave aguarda, como alternativa às anteriores encomendas de grandes petroleiros, a hipótese de poder vir a ficar encarregada pela renovação de parte da frota da Marinha Mercante Portuguesa.

Entretanto a empresa, paralelamente à Lisnave (concelho de Almada mas também no distrito de Setúbal), tem-se dedicado a trabalhos de reparação naval.

A crise destes sectores-chave tem afectado, por seu turno, outras actividades, a montante e a jusante, quer na indústria quer no comércio e serviços.

Assim por exemplo o movimento do comércio e turismo recente-se não só com a diminuição do poder de compra da população local como também pela ausência do consumo das tripulações dos grandes navios e petroleiros.

A construção civil que sofrera um forte incremento é outro dos sectores afectados.

Perante este panorama, e contrariando a tendência de há vinte anos atrás, diz Francisco Lobo: Agora muitos jovens retomam a actividade que mais tradição faz em Setúbal: a pesca.

Entre os altos e os baixos das marés do crescimento industrial, o peixe de Setúbal parece não ter perdido o seu sabor. Os salmões grelhados regados pelo bom vinho de Azeitão fazem homenagem à cidade e àqueles que a visitam.

Alguns dos museus da Rainha do Sado, que foi mãe de nomes sonantes como Luísa Tódi e Bocache, as ruínas romanas de Tróia, a zona comercial na antiga Rua dos Ourives, são outros cartões de visita, que os responsáveis pelo turismo local, legitimamente não esquecem, quando tentam «vender o seu peixe».

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CÁSTRIM



Durante muitos anos esforcei-me por entrar. Para não entrar em pormenores escusados, direi que essa entrada era uma bela saída.

Então sai para entrar definitivamente, embora muitas vezes quase entrasse em transe quando percebi que todas as entradas se encontravam fechadas.

Entravam em discursos patéticos, os meus adversários, e saíam-se com argumentos do género:

«Vamos entrar numa onda de miséria, de desemprego e de falências se tal entrada nos sair na rifa». Era com isto que eles se saíam, mas a mim esses discursos entravam-me por um ouvido e saíam-me pelo outro. O que eu queria ardentemente era entrar, saísse o que saísse do nosso corpo, da nossa alma, da nossa vida. Fui morrendo de desgosto, aos poucos, durante anos, eles diziam: «Entra, entra!» mas quando eu me preparava para entrar, a entrada fechava-se e saía lá de dentro uma bafarada de desespero. Várias vezes cheguei a pensar que jamais entraria e que todos, afinal, estavam a entrar comigo. No entanto, eu sabia que me havia de sair a sorte grande, quando entrasse no Reino.

Nessa altura saíria fora de mim, entraria no jogo e daria a mais poderosa estocada a quem me saísse ao caminho porque eu, meus senhores, eu sabia que me não sairia a porca mal capada. Entrando directamente no assunto: aos que se saíam com o

desemprego, a miséria, as falências, aí contra eles entrava eu a matar: havemos de entrar, nem que eu tenha de vos fazer sair pela janela. Lá saíam eles a terreiro, o desemprego, as falências, blá, blá. Mas para os meus adversários era tarde: já tínhamos entrado na dança e entraríamos sem ser pela porta do cavalo. Todos

haveriam de entender que para entrar alguma coisa, alguma coisa tem de sair, aliás saio-me com esta sempre que entram comigo a propósito de nossa entrada. Entrada que, finalmente, nos saiu ao caminho da História.

Finalmente, sim. Vamos entrar. E mais: vamos entrar de borla, entrar dentro e bem dentro! Quanto à saída, meus senhores, quem é que fala em sair? Olhem para a porta, vejam bem as palavras que estão lá por cima: «Perdei toda a esperança, vós que entrastes!»

Para criar empregos

Autárquicas de Setúbal PS dialoga com o PSD

A Federação Distrital de Setúbal do Partido Socialista anunciou que vai aprofundar o diálogo com o PSD para o estabelecimento de coligações para as eleições autárquicas naquele distrito.

Em comunicado ontem divulgado o PS de Setúbal afirma que «a gestão da maioria APU nas treze câmaras do distrito é desastrosa» e que «as dívidas atingem milhões de contos no conjunto de todas as Câmaras».

Segundo os socialistas de Setúbal, «existem no distrito 35 mil desempregados e 12 mil e 500 trabalhadores com salários em atraso, o que constitui um facto de mau-estar social impossível de resolver com os comunistas em maioria nas câmaras».

«Os resultados já provaram as dificuldades do sector público e é impossível captar o investimento privado num distrito totalmente

dominado por comunistas» — acrescentam.

Considerando que só uma mudança profunda na política autárquica poderá salvar o distrito, os socialistas pretendem assim, juntamente com o PSD, obter a maioria em grande parte das câmaras e freguesias do distrito.

Alternativa em Vila Real

Os socialistas da Federação Distrital de Vila Real consideram, ontem, que o PS é, nas eleições autárquicas daquele distrito, a verdadeira alternativa ao PSD e ao CDS.

Esta convicção foi expressa em comunicado divulgado na sequência de uma reunião da Federação Distrital do PS de Vila Real.

Nova equipa, nova vida

Casa do Ribatejo mostra verdadeira face da região

Organizar manifestações de carácter cultural com vista a uma melhor divulgação e dignificação dos poetas, prosadores e artistas plásticos, colaborar nos estudos das diferentes potencialidades do rio Tejo em estreita ligação com a Associação dos Amigos do Tejo e preparar o III Congresso do Ribatejo são algumas das linhas de acção da Casa do Ribatejo para o triénio 1985/87 a desenvolver por uma equipa directiva a cuja Assembleia Geral preside Veríssimo Serrão, sendo Marecos Duques e José Carlos Lilaia os presidentes da direcção e do Conselho Fiscal, respectivamente.

Os novos corpos gerentes da Casa do Ribatejo tomaram recentemente posse e, além dos objectivos atrás referidos, vinham que nos seus planos está igualmente a dinamização da instituição no sentido de uma «maior aproximação e identificação das gentes do Ribatejo» e actividades inseridas na promoção do desenvolvimento regional. Aliás, a Casa do Ribatejo há

muito que vem pugnando para que regionalismo e regionalização não continuem a ser «letra morta nos programas do Governo», por considerarem que neste aspecto «muito tem a dar ao País».

Os limites naturais e históricos do Ribatejo são bem definidos e não poderá ser apenas a vontade dos homens que poderá modificar esses limites», porque o Ribatejo é designação que se encontra em documentos da remota era de 1370, tendo desde então vindo a ser usada pelo povo, frisou o presidente da Direcção, Marecos Duarte, ao «Diário de Lisboa».

«Tremenda e longa batalha em prol do Ribatejo, do seu progresso e dos seus interesses espera a actual equipa directiva desta casa», afirmou Marecos Duarte ao «DL». Como instituição regionalista com mais de 40 anos, a CR «não deseja e não quer, sobretudo hoje, continuar a viver um regionalismo construído à base de saudades, um regio-

nalismo anquilosado, sem vida futura — porque divorciado da vida real e estuante das populações dos concelhos que formam a agremiação. Desejamos e queremos — acrescentou Marecos Duarte —, isso sim, viver e agir com vista ao futuro e dentro das linhas que definem um verdadeiro e mais que nunca actual conceito de regionalismo que não diz apenas respeito ao desenvolvimento das potencialidades económicas de uma região, mas também diz respeito ao estudo e divulgação da sua cultura histórica e à sua projecção num mundo moderno».

Consulados ou embaixadas de todos os concelhos (24) que constituem a região — eis o que a Casa do Ribatejo poderá representar em Lisboa. É essa a aposta dos seus dirigentes que no âmbito do seu programa de actividades promoverão no último trimestre deste ano as Primeiras Jornadas do Tejo, rio que atravessa a região de Norte a Sul e constitui a sua maior riqueza

bons melões

**EXIGEM
BOAS
SEMENTES**

MELÃO VALENCIANO
MELÃO PELE DE SAPO
MELÃO BRANCO DO RIBATEJO
MELÃO AMARELO
MELÃO HÍBRIDO GALLICUM
SEMENTES DE PRODUÇÃO
DISPONÍVEIS EM LATAS DE 500 GRS
E BALDES DE 5 KILOS.

José Afonso Duarte

Rua de S. Nicolau, 24 Tel. 866754 863426
Rua de S. Mamede ao Caldas, 29 LISBOA
FILIAL EM FARO
Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65 Tel. 25375



MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concursos n.ºs: 3-09/8/85 — 3-0919/85 e
3-0923/85

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia
10 de Abril próximo, para os mencionados concus-
sos.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de
Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos
os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16, as
respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de
Lisboa, em 20 de Março de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
Ilídio Luís de Sousa



CAMPO PEQUENO

PRAÇA DE TOIROS MONUMENTAL DE LISBOA
Propriedade da Casa Pia - Emp. Fernando dos
Santos

ASSINATURAS

Avisam-se os interessados que os poucos lugares cativos que restam
para a época de 1985 se encontram à venda até ao dia 6 de Abril de 1985.
A Empresa garante como mínimo, a realização de 20 corridas, com
início a 7 de Abril na tradicional corrida da Páscoa. Contacte:

Tels. 732093 - 732143 - 732191
A Empresa

FREGUESIA DAS MERCÊS (BAIRRO ALTO — LISBOA)

Precisa-se só até Agosto, andar ou vivenda
com um mínimo 200 m², cozinha e casas de banho.

RESPOSTA, URGENTE, A ESTE JORNAL AO
N.º 5301.

Manifestações no País Basco

Centenas de manifestantes
defrontaram-se ontem com a
Polícia e montaram barricadas
na cidade basca de San Sebas-
tian na noite de sábado como
protesto contra a morte de um
jornalista basco, Javier Gal-
deano, abatido em França (St.
Jena de Luz) pelo grupo de en-
trega-direita, GAL.

A violência irrompeu em várias
cidades bascas onde jovens blo-
quearam as principais estradas
com autocarros e outras viatu-
ras.

Os manifestantes quebraram
vidros de automóveis Renault e

Peugeot a venda em stands lo-
cais.

Santiago Garrillo

O Partido Comunista Espanhol
(PCE) afastou ontem o antigo
líder do partido, Santiago Car-
rillo, do cargo de porta-voz par-
lamentar num agravamento da
divisão entre facções do partido,
anunciou um porta-voz oficial.

O porta-voz disse que o comité
central votou a saída de Carrillo
depois de o antigo secretário-ge-

ral ter publicamente proposto a
sua alternativa à estratégia de
liderança nas eleições gerais do
próximo ano.

O PCE terminou ontem a sua
conferência nacional de emer-
gência convocada para resolver
uma disputa entre Santiago Car-
rillo e o actual líder Gerardo Iglé-
sias.

Carrillo, que boicotou a confe-
rência com um quarto do partido,
opôs-se aos planos da direcção
do PCE de procurar uma aliança
eleitoral com grupos de es-
querda como os ecologistas e
pacifistas.

Segundo o Papa

Humanidade mais ameaçada que nunca

O Papa João Paulo II iniciou
ontem as cerimónias da Semana
Santa e disse aos milhares de
jovens que assistiam à celebra-
ção dominical que a humanidade
está agora mais ameaçada do
que nunca.

Pelo menos 200 mil jovens de
mais de 70 países acorreram à
Praça de São Pedro para assistir
a celebração, que se prolongou
por cerca de três horas.

O Pontífice, envergando pa-
ramentos de cor vermelha e
branca, afirmou que o homem
sente orgulho dos seus gigan-
tescos êxitos tecnológicos e
científicos, mas que se sente
«simultaneamente ameaçado...
O homem nunca se sentiu tão
ameaçado como agora».

As actividades da Semana
Santa atingem o ponto máximo
no próximo domingo quando o
Papa celebrará uma missa solene
alusiva à Páscoa, na Praça de
São Pedro, para comemorar a
Ressurreição de Cristo. Nessa
altura o Papa proferirá a sua
mensagem «Urbi et Orbi» (à Ci-
dade e ao Mundo).

Em Jerusalém

Milhares de pessoas deslo-
caram-se ontem, Domingo de
Ramos, a Jerusalém para recor-
dar à entrada de Jesus nessa
cidade.

Católicos de todo o mundo
desceram o Monte das Oliveiras,
por onde Jesus passou, dando

assim início à Semana Santa,
que termina na Páscoa e pre-
tende recordar a última semana
de Jesus, incluindo a sua crucifi-
cação e ressurreição.

Sob boas condições atmosfé-
ricas, os peregrinos, empu-
nhando ramos de oliveira e de
palmeira, visitaram os locais de
devoção.

Um porta-voz do Ministério is-
raelita do Turismo disse que a
afluência de visitantes este ano é
maior do que no ano passado
quando 45 mil fiéis visitaram a
cidade.

O porta-voz atribuiu o au-
mento de visitantes ao elevado
nível do dólar e das divisas es-
trangeiras em Israel e à relativa
acalmia política no país.

Exército e Polícia actuam em conjunto

Repressão aumenta na África do Sul

Um negro foi ontem morto em
10 outros ficaram feridos quando
a Polícia sul-africana efectuou
disparos para dispersar uma
multidão que integrava um fune-
ral de quatro negros mortos em
tumultos, afirmaram testemu-
nhas.

Apólitica disse que usou pisto-
las, balas de borracha e gás lac-
rimogénio quando grupos de
300 a 400 negros aandonavam o
cemitério, mas adiantou que não
tinha dado conta de haver feridos.

Testemunhas disseram, con-
tudo, que um ferido foi transpor-
tado por negros e morreu numa
casa.

A violência surgiu no Leste da
provincia do Cabo, onde várias
dezenas de milhar de negros
participavam no funeral de qua-
tro vítimas negras dos tumultos
anteriores, numa área próxima
de Port Elizabeth, no oceano in-
dico.

Entre os sepultados contava-
se um rapaz de nove anos.

Antes, soldados foram envia-
dos para ajudar a Polícia a evitar
tumultos nos arredores de Port
Elizabeth e de Uitenhage.

Testemunhas afirmaram que
foram feitas patrulhas conjuntas
em carros blindados nos bairros
negros, tendo ainda sido realiza-
dos controlos rodoviários.

Nkomati

Um livro sobre o acordo de
Nkomati, intitulado «Pela Paz,
Acordo de Nkomati» é hoje posto
à venda em Maputo.

Editado pela Direcção Nacio-
nal de Propaganda e Cultura, o
livro, com 154 páginas, inclui o
texto integral do acordo, assi-
nado em 16 de Março de 1984

nas margens do rio Nkomati, e
insere outra documentação
sobre o assunto.

A nota de apresentação pre-
tende ressaltar a importância do
exemplar nos seguintes termos:
«Este livro reúne documentação
imprescindível para a compre-
ensão do Acordo de Nkomati.
Aqui se incluem não só textos
básicos do acordo, mas também
depoimentos, artigos, e inter-
venções a diversos níveis que
dão a ideia do alcance e dimen-
são do acordo».

Enquanto isto a AIM informa
que o governo moçambicano re-
afirmou como prioridade absoluta
do país o combate pela liquida-
ção total dos bandidos da Resis-
tência Nacional Moçambicana
(RNM).

Nun comunicado tornado hoje
público pelo Conselho de Minis-
tros, essa luta é descrita como a
«condição decisiva para devolver
a paz e tranquilidade ao nosso
povo e para a recuperação e de-
senvolvimento da economia na-
cional».

O documento resulta de uma
série de reuniões realizadas pelo
Conselho de Ministros, que termi-
naram no passado dia 23, duran-
te as quais foram feitas análises
da situação político-militar e eco-
nómica de Moçambique. Foi tam-
bém feito o balanço da execução
do plano estatal central para
1984.

O comunicado frisa que «os
mentores e financiadores dos
bandidos armados são estrangei-
ros, saudosistas do colonialismo,
inimigos da nossa independência
e liberdade».

«São os antigos proprietários —
lê-se no documento — aqueles
que, com a nossa independência,
perderam a possibilidade de re-

primir, explorar e pilhar o povo
moçambicano. São os antigos
donos das fábricas de açúcar, de
chá, de cimentos, da refinaria de
petróleo e de bancos, são os anti-
gos donos das plantações e ma-
chambas, das minas e dos terre-
nos e prédios de rendimento que,
com a independência nacional,
trocaram ao serviço do nosso
povo.»

O comunicado afirma que a
economia e a defesa estão inti-
mamente ligadas. «Combater os
bandidos armados, garantir a se-
gurança das unidades económi-
cas, é contribuir para o aumento
da produção. Aumentar a produ-
ção é contribuir para reforçar a re-
taguarda estratégica do nosso
combate, é contribuir para melhor
combatermos e liquidarmos os
bandidos armados».

O comunicado revela que o
Conselho de Ministros determi-
nou medidas especiais para re-
forçar a defesa. Isto inclui a afec-
tação de quadros e outros recur-
sos às Forças Armadas e o au-
mento da produção destinada à
defesa nacional. O executivo mo-
çambicano decidiu igualmente
acelerar o treino e equipamento
das milícias populares, uma vez
que «o povo armado constitui a
principal garantia da vitória».

O comunicado afirma que o
Conselho de Ministros constatou
que, para além da economia ter
continuado a sofrer os efeitos ne-
gativos da situação de guerra,
das calamidades naturais e de
«uma conjuntura internacional
desfavorável», «as insuficiências
ao nível dos métodos de direcção
e controlo, e especialmente a fal-
ta de exigência e responsabiliza-
ção sistemáticas, têm contribuído
significativamente para a situa-
ção de incumprimento das tarefas
e planos definidos».

Chile

Três opo

Sete pessoas foram feridas na
domingo no exterior da Catedral
de Santiago do Chile quando a
polícia dispersou manifestações
de protesto pela morte de três
opositores ao governo militar, dis-
seram testemunhas.

Os incidentes interromperam o
sermão de Domingo de Ramos
do arcebispo de Santiago, Juan
Francisco Fresno, exactamente
quando ele começava a referir-se
aos assassínios, tendo sido im-
possibilitado de prosseguir.

Gritos de «assassinos» come-
çaram a ouvir-se entre as várias
centenas de pessoas que não pu-
deram entrar na Catedral apinhada,
e a polícia utilizou jactos de
água e cargas de bastão para os
dispersar.

Polícia uniformizada entrou,
entretanto, nos escritórios da As-
sociação de Professores Profe-
sionais, um sindicato de oposição

Cimeira EUA

Uma reunião cimeira entre o
presidente Reagan e o líder so-
viético, Mikhail Gorbachev, no
final deste ano, tornou-se muito
provável», afirmaram fontes oc-
cidentais de Londres.

Ambos os lados parecem estar
interessados; apesar do receio
das mesmas fontes de que a
ideia possa ser anulada se as
conversações norte-america-
nas-soviéticas de Genebra
sobre desarmamento forem in-
terrompidas.

Mas há indícios do desejo de
ambos os governos em manter
um clima favorável geral para
que a cimeira se venha a efec-
tuar

Resposta ao MX

A União Soviética não fará

«Sábado negro» no Líbano

Combates vio- e onda de terr

Os combates violentos que on-
tem continuavam a registar-se
pelo segundo dia consecutivo, no
Sul do Líbano, causaram 50 mor-
tos, mais de cem feridos e milha-
res de deslocados — revela a im-
prensa libanesa, referindo-se ao
«sábado Negro».

Durante o dia de sábado, as
Forças Armadas das milícias cris-
tãs libanesas bombardearam
campos de refugiados palestina-
nos em Ain e Mien, a partir das co-
linas situadas a Leste do porto de
Sidon, no Sul do Líbano.

A imprensa de Beirute anun-
ciou 30 mortos e 60 feridos, a
maioria dos quais nos campos de
refugiados.

Entretanto o exército israelita
tornou a atravessar, pela sétima
vez, a linha de fronteira estabele-
cida em 16 de Fevereiro, arrasando
quatro aldeias libanesas.

O porta-voz do exército israeli-
ta afirmou que apenas cinco ter-
roristas foram mortos em Libaa.

O jornal de Beirute «L'Orient-
Le Jour» afirmou, no entanto, que
na operação morreram 23 pes-
soas e 45 outras ficaram feridas,
revelando que, só em Libaa uma
das quatro aldeias hoje arrasadas,
se registaram 19 mortos.

Por outro lado, dois membros
da pequena comunidade judaica
de Beirute, um dos quais um des-
tacado médico, foram raptados
este fim-de-semana por homens
armados no sector Ocidental da
capital libanesa, essencialmente
muçulmana.

Um cidadão britânico e uma ci-
dadã francesa que haviam sido
raptados em Beirute foram já li-
bertados.

Planos

Os Estados Unidos estão dis-
postos a receber, em finais de

Posicionistas degolados

cujo presidente regional, Manuel Guerrero, se encontrava entre os três opositores mortos e encontrados degolados no fim-de-semana.

Funcionários sindicais disseram que três pessoas foram detidas quando tentavam impedir que a polícia retirasse posters das paredes da sede da Associação. Uma multidão tinha-se concentrado no local à espera da chegada do corpo de Guerrero, que ali deveria ficar em câmara ardente.

O governo anunciou ontem que os corpos das três pessoas raptadas na passada quinta e sexta-feira foram encontrados com as gargantas cortadas nos arredores de Santiago.

Um comunicado oficial nomeia as vítimas como sendo Manuel Guerrero, de 36 anos, líder do Sindicato dos Professores oposto

ao governo militar, um membro de uma organização de direitos humanos, e Santiago Nattino, de 64 anos, desenhador.

Guerrero, presidente regional da Associação dos Professores, e Parada foram raptados na sexta-feira de manhã por civis armados quando falavam à porta da escola.

Tancredo

Os médicos do presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, disseram domingo que ele está melhor do que esperavam, após três operações aos intestinos em 12 dias, mas que só dentro de uma semana poderá ser considerado fora de perigo.

Os médicos acrescentaram que o que ainda resta de uma infecção abdominal não é motivo

para alarme.

O semanário brasileiro «Veja» na sua edição mais recente, refere que os médicos têm divulgado informações parciais ou ilusórias sobre o estado de saúde do presidente eleito e que as fotografias divulgadas na véspera da terceira operação foram um trabalho de montagem numa altura em que os médicos já suspeitavam de que o estado de Neves estava a deteriorar-se.

Entretanto, os militares brasileiros assinalaram domingo com cerimónias discretas o 21.º aniversário do golpe de Estado de 1964 que os levou ao poder.

«Queremos que o Exército se concentre nas suas missões constitucionais, com prioridade para a defesa do país», disse o ministro do Exército, general Leonidas Pires Gonçalves, na sua ordem do dia.

UA-URSS tornou-se «muito provável»

concessões nas conversações de Genebra e, responderá aos mísseis MX norte-americanos com um sistema balístico idêntico — disse o director do Instituto de Estudos Norte-americanos do Kremlin.

A afirmação de Guerogui Arbat, a Televisão soviética reproduz a tese do Kremlin de responder aos Estados Unidos «arma por arma» e pode ser considerada a primeira reacção oficial do Governo à recente aprovação pelo Congresso norte-americano de fundos especiais para o desenvolvimento do programa MX.

Num programa sobre as posições da URSS e dos EUA nas negociações de Genebra, Arbat

disse que a União Soviética não pode evitar o desenvolvimento e instalação de uma arma idêntica ao MX «para sua própria segurança e na linha de manutenção aproximada do equilíbrio estratégico».

«De qualquer modo, a União Soviética — acrescentou — não pode responder a um novo sistema balístico com concessões nas negociações sobre desarmamento».

Até agora, as análises soviéticas publicadas na imprensa tinham-se centrado sobre as «pressões escandalosas» da Casa Branca sobre o Congresso antes da votação sobre a concessão de fundos especiais para o MX.

O académico soviético reiterou as «dúvidas» da URSS sobre «os propósitos obscuros» dos Estados Unidos nas negociações de Genebra, «utilizadas até agora pela administração norte-americana para forçar a oposição interna e activar os projectos armamentistas».

Prisões

A Polícia britânica prendeu 34 mulheres activistas antinucleares que penetraram hoje numa base norte-americana de mísseis de cruzeiro em Greenham Common, anunciou um porta-voz do Ministério da Defesa.

Afirmou que as mulheres foram presas depois de terem passado a vedação base, no exterior na qual estão acampadas desde 1981 em protesto contra a presença dos mísseis naquela base.

As mulheres poderão ser multadas em 100 libras por ofensas incluindo a entrada em bases militares sem a autorização.

As mulheres serão acusadas segundo novas regulamentações.

Libano

Violentos entre facções terror israelita

Abril, uma delegação jordano-palestina, se os países árabes deixarem de insistir na inclusão de representantes da OLP — revelaram domingo fontes oficiais em Washington.

As fontes disseram que o secretário norte-americano de Estado Adjunto para os Assuntos do Médio Oriente, Richard Murphy, partirá em breve para a região para discutir a constituição da delegação, com os países envolvidos no conflito.

A acção segue-se à iniciativa de paz do presidente egípcio, Hosni Mubarak.

Os Estados Unidos não queriam ser o primeiro país a receber a delegação jordano-palestina, mas acabaram por aceitar a hipótese, desde que os países árabes tomem a mesma atitude e a delegação não integre nenhum membro da Organização de Libertação da Palestina.

Numeiry na Casa Branca

O presidente sudanês Gafar Numeiry, o primeiro de quatro lí-

deres estrangeiros a visitar a Casa Branca esta semana, reúne-se hoje com o presidente Reagan num momento crítico da vida do Sudão afectado pelo endividamento e seca.

Numeiry, líder militar em dificuldades, foi a Washington em visita privada, embora se reúna esta semana com o secretário de Estado, George Shultz, secretário da Defesa, Caspar Weinberger, administrador da ajuda ao exterior, Peter McPherson e líderes do Congresso.

«Consideramos o presidente Numeiry e seus colegas como amigos importantes e esperamos que resolvam os problemas que enfrentam», afirmou um alto funcionário norte-americano.

Afirmou que os sudaneses deram «um dado número de passos» e que tiveram «discussões frutuozas com o FMI».

«Estamos preocupados com a situação, estabilidade e força do governo do Sudão», disse outro oficial.

Conferência defende reunificação da Coreia

Uma conferência internacional para a eliminação do perigo de guerra e pela paz e reunificação pacífica da Coreia, celebrada em Paris, aprovou, no dia 17 de Março, um apelo dirigido a todos os povos, governos, partidos políticos e organizações sociais do mundo.

Os participantes na conferência assinalaram os perigos decorrentes da aliança tripartida EUA-Japão-Coreia do Sul e condenaram as manobras «Team Spirit».

Depois de apoiarem as últimas propostas do presidente Kim Il Sung no sentido de se proceder a conversações tripartidas com vista a substituir por um acordo de paz o armistício de 1953, os participantes exortaram os povos, os governos, os partidos políticos e as organizações sociais de todos os Estados a fazer malogradas tentativas de divisão perpétua da Coreia e a desencadear acções de solidariedade para com a luta pela reunificação pacífica e independente da nação coreana.

Jornal inglês anuncia

EUA prontos a intervir no Irão

Os Estados Unidos estão preparados para desencadear uma acção militar contra o Irão, se os norte-americanos cativos pelas facções pró-iranianas no Líbano forem executados ou levados a tribunal, anunciou o jornal «Sunday Times».

O jornal cita fontes da espionagem ocidental como tendo declarado que o regime iraniano do «ayatollah» Khomeiny foi avisado da possibilidade desta acção numa mensagem veiculada pela missão diplomática suíça em Teerão no mês passado.

O jornal afirma que o tipo de retaliação não foi especificado mas as fontes afirmaram que o torpedeiro «US Texas», com mísseis de cruzeiro teleguiados, a operar no golfo, talvez seja a forma utilizada para lançar um ataque com mísseis contra o terminal da ilha de Kahng e contra o porto comercial de Bnadar Khomeiny.

Cinco cidadãos desapareceram depois de terem sido raptados em Beirute e a sua captura foi reivindicada pela organização islâmica Jihad ou Guerra Santa.

Teerão bombardeada

A aviação iraquiana bombardeou Teerão domingo à noite em represália, por disparos de mísseis terra-terra por parte do Irão contra Bagdad.

Segundo um porta-voz militar iraquiano, aviões do seu país bombardearam a capital iraniana, horas depois de uma forte explosão que sacudiu Bagdad.

Pouco depois da explosão, o Irão anunciou o lançamento de dois mísseis contra a capital iraquiana.

A agência oficial iraniana «IRNA» disse que a artilharia antiaérea obrigou um avião do Irão a abandonar o espaço aéreo de Teerão.

A agência adiantou que o intenso fogo antiaéreo também obrigou a aviação iraquiana a abandonar o espaço aéreo de várias cidades iranianas.

Por sua vez, a agência noticiosa iraniana «IRNA» anunciou que os bombardeamentos sobre Teerão causaram pelo menos 58 mortos.

Um porta-voz militar iraquiano anunciou em Bagdad que o seu país alvejara um «grande objectivo naval» no terminal de Khang.

Cuellar

O Secretário-Geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, em busca de uma via para pôr cobro à guerra do golfo que já dura há mais de 4 anos, reúne-se hoje com o rei Fahd da Arábia Saudita.

Cuellar, na Arábia Saudita na primeira etapa da sua visita a quatro nações do golfo para debater as vias para pôr fim ao conflito, manteve conversações no domingo com o ministro dos Negócios Estrangeiros do Reino, príncipe Saud Al-Faisal. O Secretário-Geral da ONU visita depois o Bahrain, Qatar e Oman.

Cuellar disse que gostaria de ir ao Irão, mas que continuava à espera de uma resposta de Teerão. Bagdade já o convidou para debater o fim da guerra.

El Salvador

Urnas favoráveis a Napoleon

O Partido Democrata-Cristão do presidente Napoleon Duarte deverá obter maioria parlamentar — indicam os primeiros resultados das eleições de domingo em El Salvador.

O Partido Democrata-Cristão estava com 57 por cento dos votos quando estavam escrutinadas pouco mais de 10 por cento dos sufrágios.

Uma sondagem aos votantes realizada pela cadeia de televisão norte-americana Spanish International Network (SIN) indica que o Partido Democrata-Cristão terá 31 dos 60 lugares da Assembleia Legislativa, podendo ainda obter mais três deputados.

Dirigentes do Partido Democrata-Cristão afirmaram que os resultados já conhecidos indicam que o partido deverá obter a direcção de 200 dos 263 municípios do país.

A situação no Kampuchea

O primeiro-ministro kampucheano, Hun Sen, afirmou numa entrevista à «Newsweek» que conferenciaria com os líderes dos rebeldes antigovernamentais, se eles se afastassem do dirigente khmer vermelho, Pol Pot.

Na entrevista concedida em Phnom Penh, Hun Sen referiu a possibilidade de uma solução pacífica conducente à retirada de cerca de 180 000 soldados vietnamitas do Kampuchea e à realização de eleições em que os rebeldes poderiam participar embora não como grupo político.

PÁSCOA-85
ESCOLHA O SEU DESTINO

Cruzeiro a IBIZA - PALMA
• MARROCOS • LOURDES • TORREMOLINOS
• ANDORRA • SEVILHA
• MADRID • GIBRALTAR
• MINHO • GRANADA •
CEUTA • TÁNGER •
MONFORTINHO • GALIZA
• VIGO • MÉRIDA •
ALGARVE • SALAMANCA
• BRAGA, etc., etc.

31 VIAGENS - 5 ALMOÇOS

Consulte o n.º CATALOGO

LUSANOVA - TOURS
GROSSISTA N.º 435/83
RESERVAS NA SUA
AGÊNCIA DE VIAGENS



Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

VENDAS A PRESTAÇÕES

JAN FEB MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ



FACILITAMOS AS SUAS COMPRAS

M.L. FERREIRA
R.D. Estefânia, 48-A-1000 Lisboa

DESPORTO

Benfica, 0-Guimarães, 0

Azar vimaranense e águia empalhada

Nos arquivos da memória lá está: desde a temporada 79/80 que o Benfica não conclui um campeonato em 3.º lugar e, embora ainda faltem disputar 14 pontos antes da meta final, a dis-

entrar na Luz e sofrer o impacto do espectacular e trovejante «Terceiro Anel», sabido (e registado) que o Benfica, tirando um ou outro momentâneo fogacho, não actua hoje com velocidade e

alegria, energia e tenacidade, frescura e improvisação. É um desconjuntado conjunto de vedetas que, por isto ou aquilo, rendem somente o que cada «estrela» que pode fazer no

tempo em que a bola (quase sempre ao acaso) lhe chega aos pés.

Ontem, por exemplo, perante um Vitória do mais alto calibre, sem qualquer destaque especial para um exército de irmãos unidos (ainda que Paquito e César, Roldão e Hilário, Laureta e Neno) saltassem para o poleiro mais alto, assistiu-se ao arrastar de uma penúria futebolística que, com outras camisolas, lembraria clube de 2.ª apanha. Mas lá estavam Bento e Pietra, Carlos Manuel e o esforçado Diamantino, a aplicação meio aproveitada de Nenê e a muita vontade de Álvaro: só que eles, este punhado de homens que pretendia remar contra a maré, não puderam evitar a pobreza mais paupérima da exibição de Oliveira e José Luís, do desacerto completo do sambista Vando e do agora frágil Jorge Silva (que nos dizem estar a contas com um sério problema de saúde). Isto já para não dizer que Manniche anda a passo, Bastos Lopes não dobra as deficiências do parceiro mais localizado no seu círculo e

que a chamada de Nivaldo (uma vez mais) pecou por tardia e sem chama.

Imaginem os leitores que esteve a um passo de suceder escândalo bem maior que o nulo briosamente arrancado pelos pupilos de Goethals / Djunga na casa rubra: se tem entrado um dos dois «chapéus» que Rolão e Hilário desperdiçaram à porta vermelha, seria o bom e o bonito. E não se ficaria por tremenda via a reacção final de benfiquistas verdadeiramente frementes de cólera com o que os seus olhos vão registando em cada exame do grupo de Csernai.

Com o 4.º ataque e a 3.ª defesa do campeonato, que mais pode esperar o Benfica? Sem solucionar os vários problemas que estão latejando em futebolistas que esta época terminam os seus compromissos com a gerência do presidente Fernando Martins, quem lhes pode negar tranquilidade?

E os falhanços sucedem-se, Porto e Sporting vão fugindo, Portimonense já queima os calcanhares. Em contrapartida, o

Vitória de Guimarães sai da Luz com um ponto perdido, essa é que foi a verdade maior, porque sempre o «onze» minhoto esteve na mó de cima e, desta feita, nem sequer se poderá escrever uma só beliscadura ao árbitro José Guedes, que esteve simplesmente impecável e, logo após o raio de futuro-próximo para o esplêndido Benfica, que está a rolar pela encosta como águia ferida e sem capacidade de voo.

Não valerá a pena rebater pontos já vinculados: poderá surgir qualquer corvo a atirar flecha a quem apenas deseja ser honesto crítico. Deixo a tarefa de catalogar o Benfica - 85 a quem nele superintende: ou por lá tem interesse / paixão de coração. Nesta hora bastará virar-me para o Vitória de Guimarães e, saudando o seu belo comportamento global, também não ficar espantado pelo êxito, dados os antecedentes que o «placard» mostra da produtividade encarnada nos tempos que correm.

Neves de Sousa



Carlos Manuel: um dos resistentes sempre foi tentando

tância seja de uma dúzia de degraus para o zénite traz intrigada a gente afecta a um emblema que, em qualquer disciplina desportiva, sempre se habituou a salutar tradição: competir directa e permanentemente pelo trono.

Isso não está acontecendo no futebol rubro de plano cimeiro: 5.º empate consecutivo, qualquer «team» já sem receio de

Árbitro: José Guedes (Porto), ao lado de Joaquim Albino (ataque do Benfica) e António Capela (ataque vimaranense) esteve excelente.

BENFICA: Bento; Pietra, Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; Diamantino, Carlos Manuel, José Luís e Vando (Nivaldo, 2.º parte); Jorge Silva (Nenê, 2.º parte) e Manniche.

V. Guimarães: Neno; Costeado, Valério, Miguel e Laureta; Rui Vieira; Paquito, Hilário, Isma e Roldão (Paulo Viana, 84 m); César.

Belenenses, 0-Sporting, 3

Sousa aticou o leão

Num «clássico» lisboeta, o Sporting venceu o Belenenses por 3-0, no Estádio do Restelo, em jogo que a equipa de John Toshack dominou por completo, realizando talvez a sua melhor exibição na presente época futebolística. O sucesso do Sporting começou a desenhar-se quando Sousa (aos 39 minutos) obteve o 1.º golo, na sequência de uma jogada bem delineada por Manuel Fernandes e Eldon.

A esperança do Belenenses em conseguir operar uma modificação no resultado morreu aos 50 minutos, quando Eldon, depois de um «livre» excelentemente apontado por Litos, marcou o 2.º golo, vantagem que seria ampliada pouco depois (58) por Manuel Fernandes, que, lançado por Sousa, não perdeu o (isolado) perante Melo.

O início do encontro não foi fácil para os sportinguistas, que pareciam estar a actuar sob pressão motivada pelos acontecimentos surgidos no seio do clube após a sua inesperada eliminação da Taça de Portugal. A equipa, que contrariamente ao que vinha acontecendo desde o princípio da época não jogou com cinco defesas (o que permitiu o reforço do meio-campo e do ataque, ficando ambos os sectores com mais opções táticas), começou gradualmente a acreditar no «seu futebol» e passou a exibir alto nível competitivo. Principalmente na 2.ª parte, o Sporting realizou uma exibição que não raras vezes chegou a aproximar-se do deslumbramento, como se a equipa estivesse a disputar uma final muito importante ou um jogo decisivo para título.

O triunfo do Sporting sobre o Belenenses marca também o reaparecimento de um grande jogador.



Forbs finta excelentemente Pereirinha

O Belenenses lutou muito (as substituições operadas reflectem isso mesmo), mas foi impotente para sustentar a qualidade do futebol leonino. David Byrne foi o seu jogador mais activo, o que não chegou para evitar a derrota mais pesada da equipa no Estádio do Restelo (antes, só o FC Porto ali tinha ganho).

Sousa, Litos, Manuel Fernandes, Morato e Jaime Pacheco (este, a espaços) foram os grandes animadores do futebol leonino, tendo até Forbs, estreante a tempo inteiro nos jogos do «nacional», jogado bem no seio de uma turma que esteve toda em bom nível.

O triunfo do Sporting sobre o Belenenses marca também o reaparecimento de um grande jogador.

Futebol infantil: Sporting vence Torneio da Pontinha

Organizado pelo Clube Atlético e Cultural da Pontinha realizou-se a 5.ª edição do torneio internacional de futebol infantil com a participação do Belenenses, St. Michel, Sporting, selecção de Lisboa, Huelva e o clube organizador. Os resultados foram os seguintes:

SÉRIE A - Cultura da Pontinha - Belenenses, 0-3; Cultural da Pontinha - St. Michel, 0-0; Belenenses - St. Michel, 0-1.

SÉRIE B - Sporting - Selecção de Lisboa, 2-0; Sporting - Huelva, 0-0 5-0.

Apuramento do 5.º e 6.º - Cultural da Pontinha - Huelva, 2-2 (5-0); Apuramento do 3.º e 4.º - Selecção de Lisboa - Belenenses, 1-0.

No jogo da final, entre Sporting e o St. Michel, 3-0.

Por aí fora

Resultados de vários jogos internacionais: Moçambique, 1 - Malawi, 1, em encontro da 1.ª mão da «Taça das Nações Africanas»; O 2.º embate efectua-se

por esta época ainda não tinha atingido a sua melhor forma: Sousa, a grande figura deste encontro, que um foi espectáculo no bonito cenário do Restelo (com muito sol e o Tejo ao fundo). Um grande jogo.

Sob má arbitragem de Veiga Trigo (de Beja) as equipas alinharam: Belenenses: Melo; Pereirinha, Hélder, Meneses e Artur; José António; Dudu (Jaime 51), Murça, Ronnie e Byrne; Norton de Matos (Djão, 60).

Sporting: Damas; Carlos Xavier, Oceano, Morato e Mário Jorge; Jaime Pacheco (Gabriel, 83), Litos e Sousa; Forbs, Manuel Fernandes e Eldon.

Cartão amarelo para José António, Damas, Hélder, Byrne e Meneses

a 14 de Abril, no Estádio da Machava (Maputo); Uruguai, 2 - Equador, 0; Malásia, 5 - Nepal, 0; Índia, 2 - Bangladesh, 1; Síria, 1 - Iémen, 0; Barém, 4 - Iémen do Sul, 1 e Angola, 0 - Argélia, 0 (todos para as eliminatórias do mundial, no México).

Campeonato francês

O Sochaux venceu o Nancy (1-0) e o Laval derrotou o Racing de Paris (1-0) em jogos do Campeonato francês. O Bordoéus e um guia isolado (48 pontos em 30 jogos) seguido do Nantes (43) e do Auxerre (38)

NOTARIADO PORTUGUÊS 1.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua dos Douradores, 135-2.º
A cargo da Notária: Eulália da Natividade Martins Neto
Lina da Silva.

Certifico, para efeitos de publicação que por escritura de 5, do corrente mês, suscrita desde folha 77, verso, a folha 80, do livro n.º 270-C, de escrituras diversas deste cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Lisboa, sete de Março de mil novecentos e oitenta e cinco.

O Ajudante
Alberto Vila Rodrigues

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «RUIZ - COMÉRCIO DE ARTIGOS DE HIGIENE E PRODUTOS DE BELEZA, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua de São Mamede ao Caldas, número vinte e dois sala, quatro, freguesia de São Cristóvão, concelho de Lisboa, terceiro andar.

ARTIGO SEGUNDO

A sua duração é por tempo indeterminado e tem início a partir de hoje.

ARTIGO TERCEIRO

O seu objecto é o armazenamento por grosso de artigos de higiene, de produtos de conservação e limpeza e de produtos de beleza.

ARTIGO QUARTO

A sociedade poderá participar na constituição de outras sociedades, desde que tal deliberação seja aprovada em assembleia geral, por maioria do capital nela representado.

ARTIGO QUINTO

O capital social é de quatrocentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro correspondendo à soma das seguintes quotas: uma de duzentos mil escudos pertencente a Rui Jorge Domingues Teófilo; uma de cem mil escudos pertencente a Isabel Maria Rodrigues Constantino e uma de cem mil escudos pertencente a Alfredo de Almeida dos Santos.

ARTIGO SEXTO

Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital para o desenvolvimento das actividades da sociedade ou para suprir as deficiências do seu fundo de manuseio.

ARTIGO SÉTIMO

As causas que possam motivar o estabelecido no artigo anterior poderão também ser sanadas através de suprimentos feitos à sociedade pelos sócios nas condições fixadas em assembleia geral.

ARTIGO OITAVO

A administração e representação da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, consoante for deliberado em assembleia geral, compete a todos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes.

Para a sociedade se considerar obrigada será necessária a assinatura de dois gerentes, mas nos actos de mero expediente bastará a assinatura de um só.

UM - Fica vedado aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor ou quaisquer outros actos ou documentos estranhos ao objectivo social.

DOIS - Os gerentes poderão delegar no todo ou em parte os seus poderes de gestão em pessoas estranhas à sociedade, desde que tal delegação tenha prévia concordância dos restantes sócios reunidos em assembleia geral.

ARTIGO NONO

A cessão total ou parcial de quotas entre os sócios é livre; na cessão a estranhos a sociedade em primeiro lugar, e os restantes sócios, em segundo, terão sempre o direito de preferência.

a) O sócio que pretender ceder a sua quota ou parte dela a estranhos notificará por escrito a sociedade da sua resolução, mencionando e indentificando o respectivo cessionário, bem como o preço ajustado, o modo como o mesmo será satisfeito, além de todas as restantes condições estipuladas.

b) A sociedade reunirá em assembleia geral no prazo de vinte dias a contar daquela notificação para deliberar adquirir ou não a quota; se deliberar não a adquirir poderão os sócios fazê-lo, declarando-o logo nessa assembleia.

c) Se mais de um sócio pretender exercer o seu direito de preferência será a quota dividida por eles, em partes iguais, ou conforme for combinado entre si.

d) Na hipótese de, tanto a sociedade como os sócios não cendem não se pronunciarem no prazo de trinta dias a contar da notificação, o sócio que pretende ceder a sua quota poderá fazê-lo livremente, considerando-se aquele silêncio como acordo da sociedade para o contrato a efectuar.

ARTIGO DÉCIMO

A sociedade poderá amortizar qualquer quota: a) por acordo com o respectivo proprietário e nos respectivos termos desse acordo em assembleia geral.

b) quando houver quebra do proleituado na alínea a) do artigo nono;

c) em caso de falência ou insolvência do sócio titular.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

O balanço e o contas deverão ser submetidos à assembleia geral ordinária até trinta e um de Março do ano seguinte ao do exercício a que diga respeito e os lucros líquidos apurados pelos balanço terão a seguinte aplicação:

a) cinco por cento para fundo de reserva legal até atingir uma quantia igual ao capital social e, depois de atingir esse limite, quando se torne necessário reintegrá-lo.

b) cinco por cento para fundo de amortização de quotas até ao valor do capital social.

c) o saldo restante será aplicado ou distribuído de acordo com a deliberação da assembleia geral.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

Por morte de qualquer sócio a sociedade continuará entre os sobreviventes e os herdeiros do falecido, os quais porém, deverão nomear de entre si, um que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO

A sociedade dissolve-se nos termos legais ou como for de direito.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO

Dissolvida a sociedade, serão liquidatórios os sócios que entre eles acordarem os termos de liquidação e na falta de acordo, licitarão no conjunto dos valores sociais, que serão adjudicados ao que maiores vantagens oferecer.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

Nos casos em que a lei não exigir outros requisitos, as assembleias gerais serão convocadas, por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos.

D.L. 1/4/1985

DESPORTO

ponta esquerda



Csemai trocou de intérprete?

Treinadores: sindicatos unem-se

Os treinadores portugueses de futebol vão dar hoje no Porto um passo decisivo para a unificação da classe extinguindo o Sinbol e fazendo renascer o velho Sindicato de Treinadores do Futebol Nacional. Dirigentes do Sinbol reunem-se à tarde no Porto e um dos pontos da ordem de trabalhos aponta para a extinção do organismo e para a fusão com o STF (Sindicato dos Treinadores de Futebol).

Os dois Sindicatos já assinaram um protocolo, no qual extinguem os dois organismos e dão vida ao STFN, fundado em 1961, mas actualmente sem vida. Nelo Barros (técnico do Felgueiras), Manuel Oliveira (técnico do Vitória de Setúbal) e Frederico Passos (secretário-técnico do Sporting de Braga) são apontados para presidentes da direcção, assembleia geral e conselho fiscal do «novo-velho» organismo.

O «novo» STFN irá funcionar com sede no Porto e visará unir os treinadores de futebol que desde há 10 anos vivem divididos em dois sindicatos.

Nacionais de futebol

Benfica: cada dia maior tropeção

O FC Porto subiu mais um degrau na escalada para o título ao vencer (nas Antas) o Salgueiros por 2-0, na 23.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão. A sete jornadas do final, o FC Porto dispõe de cinco pontos de vantagem (43-38) sobre o 2.º classificado (Sporting) que, após um período conturbado iniciado 3.ª-feira com o afastamento da Taça de Portugal pelo Rio Ave (em Alvalade), venceu fora o Belenenses, por 3-0.

O ainda campeão (Benfica) continuou a sua série de empates, 5.º consecutivo, com o nulo frente ao Guimarães (na Luz) e viu reduzir para dois pontos (31-29) o seu avanço sobre o Portimonense que, no Algarve, despachou o Vitória de Setúbal, por 4-2.

Na luta para a Europa, o Boavista ganhou pontos ao Belenenses e com o triunfo de sábado sobre a Académica (2-0) ficou mais descansado. Os axadrezados somam 27 pontos, contra 24 dos azuis. O Sporting de Braga, ao vencer em casa o Varzim (4-1) ultrapassou a Académica, ocupando agora a 7.ª posição com 22 pontos contra 21 dos estudantes.

O FC Porto sentiu dificuldades inesperadas frente ao Salgueiros, mas um «forcing» no 2.º tempo deu-lhe o triunfo merecido, só conseguido porém com duas grandes penalidades convertidas por Gomes, aos 65 e 75 minutos.

O Sporting encerrou uma semana «quente» com vitória fácil no Restelo, onde só o FC Porto tinha conseguido ganhar e por 1-0. Abandonando o esquema tático de cinco defesas, o Sporting resolveu o desafio no espaço de 20 minutos, com golos de Sousa (39), Eldon (50) e Manuel Fernandes (58). O técnico galês John Toshack, que a meio da semana esteve a um passo de ver a entidade patronal rescindir o contrato, foi muito aplaudido pelos adeptos do Sporting, o que prova que os associados do clube estão a favor do técnico.

O Benfica aumentou para sete o número de jogos consecutivos sem vitória e, frente ao Guimarães (na Luz) a partilha dos pontos foi o melhor que lhe pôde acontecer, já que a haver um vencedor seria a equipa visitante.

O Portimonense confirmou-se como um sério candidato à Europa e, não obstante ter estado a perder no seu campo, frente ao Setúbal, (golo de Formosinho, aos 24 minutos) conseguiu dar a volta ao marcador. Um autogolo

de Edmundo (33) conduziu os algarvios para o triunfo alcançado com tentos de Cadornin (41), Luís Reina (46) e Vitor Oliveira (82, penalty), enquanto os sadinos só viriam a reduzir por Sobrinho (aos 76).

O Boavista, desde que Alves assumiu o comando técnico da equipa, entrou no caminho das vitórias e frente à Académica, obteve a 3.ª consecutiva, 2.ª para o nacional, desde o afastamento de Mário Wilson. Phil Walker (44) e Filipovic (74) apontaram os tentos dos axadrezados.

O Sporting de Braga, sem problemas na tabela da geral, venceu com facilidade o Varzim, com golos de Zinho (10), Reinado (20), Fontes (36) e Spencer (66), enquanto o angolano Vata foi o autor do tento dos pozeiros.

O Penafiel continua sem ser batido desde que o «patrício» Fernando Cabrita tomou conta da equipa, e já vai no 5.º jogo consecutivo. A perder por 2-0 ao intervalo (Fernando Jorge, 33; Salvador, 35), o Penafiel soube contrariar, na 2.ª parte, o futebol do Vizela e chegar à igualdade, graças a tentos dos suplentes Elias (66) e Babá (75).

Mas não foi só o Penafiel a obter um ponto precioso: o Rio Ave foi mais feliz e, em casa, bateu o Farense (por 2-1) cinco dias depois de ter feito «escândalo» em Alvalade. Álvaro adiantou os vilacondenses no marcador (aos quatro minutos) mas o Farense empatou por Rui Lopes (39), até que o defesa Brito desfez a igualdade, ao transformar com êxito uma grande penalidade (58).

A jornada rendeu 25 golos, quatro dos quais de grande penalidade.

Para a história

Números e nomes da ronda: FC Porto - Salgueiros, 2-0; Boavista - Académica, 2-0; Belenenses - Sporting, 0-3; Braga - Varzim, 4-1; Benfica - Guimarães, 0-0; Rio Ave - Farense, 2-1; Portimonense - Setúbal, 4-2 e Vizela - Penafiel, 2-2.

Disciplina

A expulsão de Edmundo (52) no embate Portimonense - Setúbal e a exibição de 23 cartões amarelos marcaram a jornada no capítulo disciplinar, tendo o jogo Rio Ave - Farense sido o mais fértil em «amarelos», com um total de sete.

O Farense (com cinco jogadores admoestados) foi a equipa que somou mais cartões amare-

los, tendo Edmundo visto o vermelho no Portimonense - Setúbal depois de lhe ter sido apresentado um dos quatro amarelos mostrados à sua formação e, para cúmulo, ter rubricado um auto golo.

Os encontros Benfica - Guimarães e Boavista - Académica foram os únicos confrontos em que não houve acção disciplinar.

Marcadores

O portista Fernando Gomes aumentou a sua vantagem no comando da lista dos melhores marcadores da 1.ª Divisão do Campeonato de Futebol. Apontando os dois tentos da vitória do FC Porto sobre o Salgueiros, no Estádio das Antas (ambos de grande penalidade), Gomes ficou com 32 tentos em 23 jogos, mais 19 do que Manuel Fernandes e Cadornin, os seus perseguidores mais imediatos. Classificação dos primeiros após a 23.ª jornada:

1.º Gomes (FC Porto), 32 golos; 2.º Manuel Fernandes (Sporting) e Cadornin (Portimonense), 13; 4.º Manniche (Benfica), 12; 5.º Djão (Belenenses), 11; 6.º Jaime Magalhães (FC Porto) e Zinho (Braga), 10.

Seleção: convocados

As chamadas de Ribeiro (Académica), Morato (Sporting) e Rui Águas (Portimonense) são as novidades na lista dos 16 convocados para o encontro particular de futebol entre a Itália e Portugal (4.ª feira, em Ascoli). José Torres, seleccionador nacional, convocou cinco jogadores do FC Porto, onde se nota a ausência de Lima Pereira e Futre, ambos lesionados. Benfica e Sporting têm quatro jogadores convocados, sendo o defesa Morato a novidade entre os «leões». Ribeiro (da Académica) foi chamado pela 1.ª vez aos trabalhos assim como Rui Águas (do Portimonense). A lista dos jogadores convocados é a seguinte:

● FC Porto (5): João Pinto, Eurico, Inácio, André e Gomes.
● Benfica (4): Bento, Bastos Lopes, Carlos Manuel e Diamantino.
● Sporting (4): Damas, Morato, Sousa e Jaime Pacheco.
● Académica (1): Ribeiro.
● Portimonense (1): Rui Águas.
● Braga (1): Dito.

Segunda Divisão

O Aves isolou-se no comando da Zona Norte do Campeonato Nacional de Futebol da 2.ª Divisão, ao ganhar em casa (2-0) ao Famalicão e ao beneficiar do empate do seu rival mais directo, o Chaves.

O Marítimo (Zona Sul) averbou mais uma vitória (1-0) frente ao Estrela da Amadora e dilatou para nove pontos o avanço sobre o 2.º classificado, o União da Madeira, enquanto o Covilhã (li-

der da Zona Centro) perdeu um ponto no campo da União de Coimbra.

O Aves tem agora 30 pontos, mais um que o Chaves, que empatou (1-1) no terreno do Feirense, tendo o Leixões, terceiro da geral (27 pontos) batido em casa o Lixa, por tangencial 1-0.

O União da Madeira saiu derrotado (4-2) na sua deslocação ao campo do Odivelas, tendo o Estoril (3.º: 25 pontos) desperdiçado uma ocasião de se aproximar dos madeirenses, ao perder no Montijo, por 3-1.

O Covilhã empatou (1-1) fora, frente ao União de Coimbra, somando 29 pontos, tendo o Elvas perdido a oportunidade de alcançar o guia, ao empatar também (1-1) no campo do Guarda. União de Coimbra e União de Leiria partilham o 3.º lugar, com 26 pontos.

Desfechos do campeonato da 2.ª divisão, Zona Norte: Marco Sanjoanense, 1-1; Paços Ferreira - Lourosa, 4-1; Aves - Famalicão, 2-0; Leixões - Lixa, 1-0; Felgueiras - Fafe, 2-2; Gil Vicente - Valonguense, 2-1; Tirsense - Espinho, 1-1; Feirense - Chaves, 1-1. Classificação: 1.º Aves, 30 pontos; 2.º Chaves, 29; 3.º Leixões, 27; 4.º P. Ferreira, 25; 5.º Espinho, 24; 6.º Famalicão, 23; 7.º Felgueiras, 22; 8.º Fafe, 21; 9.º Tirsense e G. Vicente, 20; 10.º Lixa e Lourosa, 19; 13.º Feirense e Sanjoanense, 16; 15.º Marco, 13; 16.º Valonguense, 12.

Zona Centro: União Coimbra - Covilhã, 1-1; Guarda - Elvas, 1-1; União Leiria - Torriense, 2-1; Caldas - Estarreja, 2-0; Beira Mar - Águeda, 1-0; Mangualde - Peniche, 1-1; Estrela Portalegre - Marinhense, 2-0; Benfica Castelo Branco - Alcobaca, 3-0. Classificação: 1.º Covilhã, 29 pontos; 2.º Elvas, 28; 3.º U. Coimbra e U. Leiria, 26; 5.º Torriense e Beira Mar, 22; 7.º Águeda e Estrela, 21; 9.º Alcobaca e Caldas, 20; 11.º Peniche, 19; 12.º Estarreja, 18; 13.º Mangualde, 17; 14.º Guarda e Benfica C. Branco, 16; 16.º Marinhense, 15.

Zona Sul: Campinense - Barreirense, 1-1; Lusitano Évora - Atlético, 1-1; Odivelas - União Madeira, 4-2; Nacional Madeira - Cova da Piedade, 1-0; Olhanense - Torralta, 1-2; Amora - Sesimbra, 1-0; Montijo - Estoril, 3-1; Marítimo - Estrela Amadora, 1-0. Classificação: 1.º Marítimo, 38 pontos (mais um jogo); 2.º U. Madeira, 29 (mais um jogo); 3.º Estoril, 25; 4.º Amadora e Atlético, 24; 6.º Olhanense, 23; 7.º C. Piedade, Lusitano, Barreirense e Montijo, 21; 11.º Torralta, 20; 12.º Nacional, 18; 13.º Amadora

Cont. na pag. 14

TOTO BOLA a chave

Porto-Salgueiros 1
Belenenses-Sporting 2
Benfica-Guimarães x

Portimonense-Setúbal 1
Boavista-Académica 1
Rio Ave-Farense 1

Braga-Varzim 1
Vizela-Penafiel x
Feirense-Chaves x

U. Coimbra-Covilhã x
Guarda-Elvas x
Odivelas-U. Madeira 1
Montijo-Estoril 1

Totobola: previsões

Entre 79 a 83 apostadores com 13 resultados certos é a previsão dos serviços de escrutínio do Totobola relativo ao concurso número 13. O valor de cada prémio é de cerca de 303 444\$00

Com 12 resultados certos deverão ser apurados entre 2698 a 2833, com um valor aproximado

TOTO BOLA jogue connosco CONCURSO n.º 14/85

TOTO BOLA jogue connosco

7 de Abril de 1985

Sevilha-Barcelona X
Real Madrid-At. Madrid 1
Valhadolid-Gijón X

Santander-Valência 1
Elche-Real Sociedad 1
Espanhol-Bétis 1

Ossassuna-Málaga 1
Aston Villa-Sheffield 1
Ipswich-Nottingham 1

Leicester-Liverpool 2
Newcastle-West Bromwich X
Watford-Southampton X
West Ham-Tottenham X

Classificação

	J	V	E	D	G	P
F. C. do Porto	23	21	1	1	63-9	43
Sporting	23	16	6	1	59-20	38
Benfica	23	12	7	4	43-22	31
Portimonense	23	12	5	6	44-32	29
Boavista	23	9	9	5	30-23	27
Belenenses	23	9	6	8	33-34	24
Braga	23	8	6	9	37-34	22
Académica	23	8	5	10	31-35	21
Setúbal	23	6	8	9	26-37	20
Farense	23	6	7	10	17-32	19
Guimarães	23	6	6	11	23-32	18
Rio Ave	23	5	6	12	21-36	16
Penafiel	23	3	10	10	19-37	16
Varzim	23	2	11	10	17-34	15
Salgueiros	23	5	5	13	31-49	15
Vizela	23	4	6	13	26-54	14

PRÓXIMA JORNADA (14 de Abril): Guimarães - Setúbal (0-1); Académica - Benfica (2-3); Farense - Boavista (0-3); Salgueiros - Rio Ave (0-0); Varzim - Futebol Clube do Porto (1-5); Penafiel - Braga (1-1); Sporting - Vizela (5-2); Belenenses - Portimonense (1-2).



João Rocha, cercado de «leões» por todos os lados, explica as «medidas drásticas» anunciadas após a saída da «Taça de Portugal»

Rocha contra especulações

O presidente sportinguista, João Rocha, insurgiu-se contra o sensacionalismo gratuito da notícia de um semanário, que afirmava sexta-feira que os jogadores Jordão, Lito e Virgílio iam ser dispensados pelo clube de Alvalade. Estranha-se este sensacionalismo gratuito da parte de um semanário que versa os assuntos desportivos a voo de pássaro, afirma João Rocha num comunicado público. O presidente do Sporting, depois de salientar que esse jornal não encontrou melhor chamariz para os seus leitores, do que uma invenção cada vez mais grave, sublinha que o Sporting não confia ao director daquele periódico a resolução dos seus problemas. Desmente-se pois formalmente e com toda a indignação essa notícia maldosa, ainda por cima susceptível de vir a criar no seio da colectividade problemas inexistentes, refere o comunicado. Dos prejuízos advindos, quer para o clube, quer para os jogadores, fica já responsabilizado o jornal, acrescenta o documento do presidente do Sporting, que considera irresponsáveis os autores da notícia.



DESPORTO

Ian Rush ingressa no Benfica

Torrente de novidades neste abrir de Abril

Embora com as naturais reservas, que são fruto da tremenda surpresa que tombou nos círculos normalmente bem informados do Benfica (mas que nem sonhavam neste golpe de mestre do presidente Fernando Martins) pode informar-se a massa associativa do clube da Luz que na noite de ontem, precisamente poucos momentos antes de encerrar o prazo de inscrição de jogadores estrangeiros, um telex remetido pela Federação Britânica dava entrada no organismo da Praça da Alegria, autorizando a transferência (imediate) do famoso «internacional» inglês Ian Rush que, assim, vem juntar-se ao romeno Camataru, de há tempo assegurado como reforço rubro para a nova temporada. A vinda de Rush apenas foi possível mercê da interferência de John Mortimore que, como é do domínio público, está de pedra e cal na nova temporada benfiquista.

Por seu lado, também poucos momentos antes da meia-noite, a concorrência não se quedava impávida e serena: o Sporting conseguia o «sim» para o regresso de Futre a Alvalade, enquanto os portistas vão ver regressar ao lar em que tanto se distinguiram Romeu e Gabriel, enquanto Jacques viajará para o Restelo e Walsh é brevemente cedido ao Marítimo, onde poderá juntar-se a Costa, agora sem lugar certo no banco dos suplentes da turma de Artur Jorge.

Esta manhã, um dos clubes pior colocados na tabela pontual do campeonato, entrou em conversações com Juca, tentando que o técnico há tanto tempo afastado do activo possa regressar

à sua actividade principal. Por outro lado, podemos igualmente garantir que o jornalista Costa Santos, nosso prezado camarada do «Diário Popular» e do «Record» foi convidado para integrar (provavelmente com funções de chefia) o novo bloco do Conselho Nacional de Arbitragem.

Sem dúvida que este mês de Abril, logo no primeiro dia, trará grande alvoroço ao futebol. Mas, não só: porque também já se anuncia como muito provável o regresso do Sporting ao basquetebol, a instalação do bingo na secretaria do Benfica e a entrada (regresso) do Belenenses no ciclismo profissional, com uma turma arrematada em países de expressão africana pelo presidente Mário Rosa Freire.

E, já agora, saude-se (pela elegância do gesto) a emenda de posição assumida pelos actuais dirigentes do Vitória de Guimarães, que resolveram ofertar a colaboração gratuita da sua turma de futebol para um jogo com qualquer clube estrangeiro, com receita para a Casa da Imprensa, num gesto de reencontro com os jornalistas e para disputa de dois troféus altamente valiosos: «A Bola» (que será entregue à formação vencedora pelo jornalista Alfredo Barbosa) e «Rádio» (distinção que pertencerá a José Barroso conferir ao «onze» batido). O jogo (podemos já anunciar) terá lugar no Jamor, para o qual a Federação já iniciou negociações com vista à afixação de publicidade que possa ser isca para a Eurovisão.

U de A



Falta sobre Futre que o árbitro não marca



Gomes: mais um «penalty»

Porto, 2-Salgueiros, 0

Gomes: mais dois no activo

O FC Porto ganhou ao Salgueiros com dois golos de Gomes (de «penalty», num espaço de dez minutos). Gomes marcou aos 65 e 75 minutos, sendo a primeira grande penalidade a castigar uma alegada falta de Matias sobre Jaime Ma-

galhães. O segundo «penalty» deve-se a uma carga de Gouveia sobre Vermelhinho.

O FC Porto sentiu dificuldades para vencer o Salgueiros, que se dispôs no Estádio das Antas com uma reforçada defesa, abdicando totalmente do ataque. Po-

voando muito bem o meio-campo e não dando espaços livres ao ataque do Porto, o Salgueiros cobriu também a ala direita dos portistas que é geralmente o seu sector mais forte. Sentindo essas dificuldades, Artur Jorge tirou Frasco (aos 31

minutos) entrando para o seu lugar Jaime Magalhães, para dar mais velocidade à equipa. A segunda substituição foi a troca de João Pinto por Vermelhinho (aos 45 minutos) permitindo um reforço no ataque.

Com as alterações verificadas, o FC Porto passou a jogar um futebol mais dinâmico, com os jogadores a correrem menos com a bola e a acertarem os passes. Mas, no capítulo da concretização, o FC Porto tardava em marcar e uma falta de Matias sobre Jaime Magalhães abriu caminho para a vitória do FC Porto. Dez minutos depois, com o 2.º golo de Gomes, o FC Porto assentou jogo e partiu para uma exibição que deixou os seus adeptos satisfeitos. Apenas aos 81 minutos, o Salgueiros se acercou com perigo da baliza de Zé Beto, com Tonanha a rematar de cabeça e a rasar o poste. No último minuto, Casimiro salvou sobre a linha, um golo que parecia certo, a remate de Jaime Magalhães.

Sob má direcção de Fortunato Azevedo (Braga), que perdeu ainda um 3.º «penalty» ao Salgueiros, alinharam:

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto (Vermelhinho, 45); Eduardo Luís, Eurico e Inácio; Quim, Frasco (Jaime Magalhães, 31) André e Quinho; Gomes e Futre.

SALGUEIROS: Madureira; Casimiro, Germano, Matias e João Gouveia; Gilberto, Joy (Zé Manuel, 81), Jorginho, João (Armando 70); Tonanha e Rui França.

Cartão amarelo para Futre (44), Eduardo Luís (83), João Gouveia (50), Joy (55), Madureira (64) e Gilberto (66).

Futebol por aí fora

Continua da pág. 13

e Odivelas, 17; 15.º Sesimbra, 11; 16.º Campinense, 10.

3.ª Divisão

Resultados do torneio da 3.ª Divisão futebolística, Série A: Bragança - Monção, 3-2; Montalegre - Esposende, 0-1; Neves - Moirense, 0-2; Valdevez - Merelinense, 0-1; Mirandela - Vieira, 1-1; Taipas - Vianense, 0-0; Valenciano - Macedo Cavaleiros, 3-1. Líder: Vianense, 30 pontos. SÉRIE B: Trofense - Oliveirense, 3-1; Esmoriz - Paivense, 4-0; Amarante - Régua, 1-1; Ovarense - Infesta, 2-0; Paredes - Vilanovense, 5-0; União Lamas - Ermesinde, 2-0; Cucujães - Valadares, 1-1; Freixumunde - S. Martinho, 1-0. Líder: Ovarense, 29 pontos. SÉRIE C: Oliveira Bairro - Poiares, 2-0; Naval - Académico Viseu, 0-3; Tondela - Penafiel, 3-0; Gouveia - Mealhada, 1-0; Lusitano - Anadia, 0-0; Marialvas - Seia, 3-1; Viseu e Benfica - Santarém, 3-1; Lusitano Viladomense - Belmonte, 0-0. Líder: Académico Viseu, 32 pontos. SÉRIE D: Elétrico - Alcains, 1-1; Nazarenos - Portalegre, 2-1; S. Marinha - Paroquia Fátima, 0-1; Bombarralense - Rio Maior, 2-0; União Santarém - Almeirim, 0-0; União Tomar - Alfareira, 3-1; Mirense - Guinense, 1-0; Niza - Benfica - Louzense, 2-3. Líder: União Santarém, 34 pontos. SÉRIE E: Marinhais - Tires, 2-1; Olivais Moscavide - Charneca, 1-0; Oriental - Águla - Açores, 4-0; Vilafrankense - Vialonga, 1-2; Almada - Lusitânia Açores, 3-0; Santa Clara Açores - Samora Correia, 2-0; Campomaiorense - Cacém, 1-0; Sacavenense - SL Olivais, 3-1. Líder: Sacavenense, 33 pontos. SÉRIE F: Quarteirense - Esperança Lagos, 1-3; União Montemor - Silves, 0-1; Moitense - União Santiago, 3-0; Beja - Alvorense, 1-0; Lusitano VR St.º António-Louletano, 0-0; Vasco Gama - Aljustrelense, 3-0; Comércio Indústria - Estrela Vendas Novas, 2-0; Quimigal - Juventude Évora, 0-0. Líder: Esperança Lagos, 31 pontos.

Juniões

Resultados completos da jornada n.º 3 da 3.ª fase do nacional de juniores: ZONA NORTE: Leixões - FC Porto, 1-1; União de Coimbra - Braga, 4-1; Varzim - Anadia, 1-0. ZONA SUL: V. Setúbal - Barreirense, 2-3; Sporting - Caldas, 6-0; Nazarenos - Ben-



José Pedro: estratega do Bessa derruba conimpricenses

fica, 0-0. Classificações na ZONA NORTE: 1.º FC Porto, 5 pontos; 2.ºs Leixões e U. Coimbra, 4; 4.º Varzim, 3; 5.º Braga, 2; 6.º Anadia, 0. ZONA SUL: 1.ºs Sporting e Barreirense, 5; 3.ºs Benfica e Nazarenos, 3; 5.º V. Setúbal, 2; 6.º Caldas, 0.

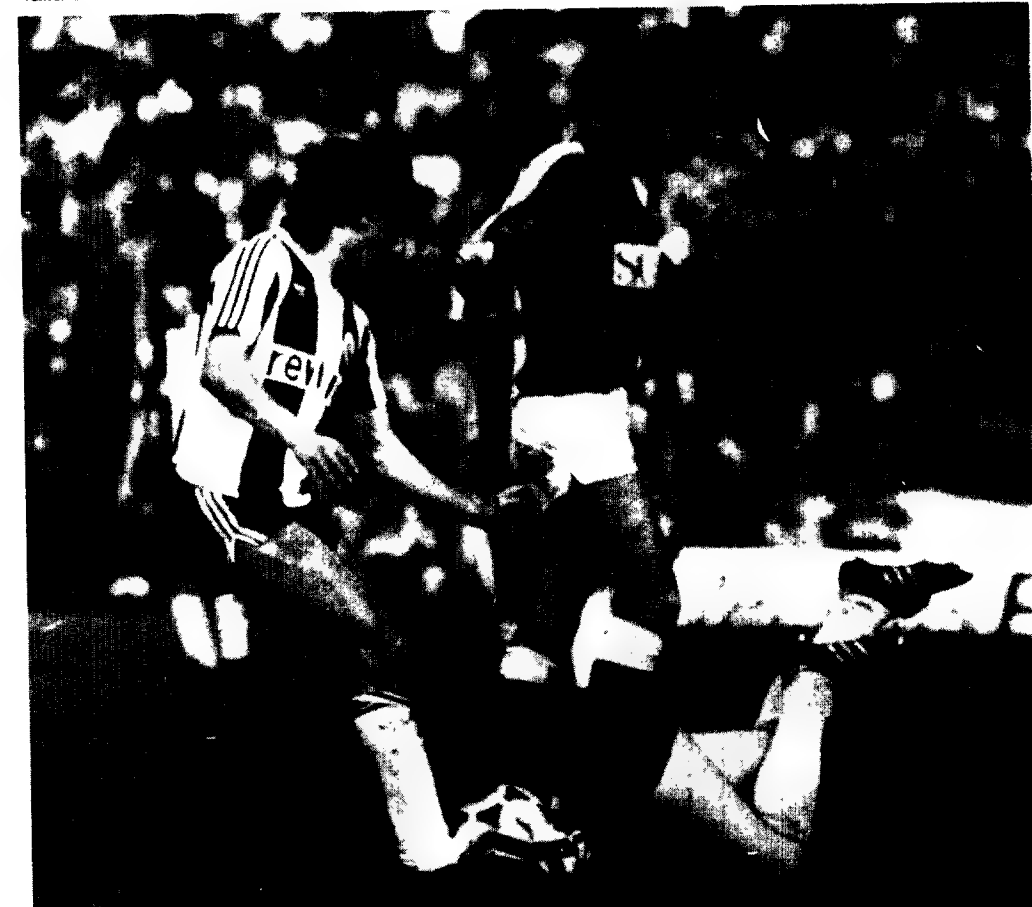
Futebol de salão: Os nossos gráficos golearam a Casa da Moeda

Começou a disputar-se o torneio de futebol de salão dedicado aos trabalhadores gráficos e no encontro inaugural os nossos colegas daquele sector «ciclindraram» o seu opositor (Imprensa Nacional/Casa da Moeda) pelo elevado «score» de 7-1, que evidencia a inquestionável superioridade dos nossos talentos futebolísticos, com relevância para o goleador Paraiso que à sua conta marcou quatro golos, cabendo os restantes a João Brás, Carlos Baleia e Joaquim Romão. Saliente-se, que o nosso adversário dispõe de uma excelente equipa e só o talento e virtuosismo dos nossos «craques» tão eficientes no grafismo como na arte do chute na bola determinou tão acentuado desnível. Desempenha as funções de treinador-jogador, Jacinto Silva e a turma alinhou com: Acácio Paiva, Jacinto Silva, João Brás, José Figueirinha, Paraiso, José Honrado, Carlos Baleia e Joaquim Romão. O delegado ao jogo (que se realizou no campo Francisco Lázaro) foi José Guerreiro e os cuidados físicos estiveram a cargo de Armando Oliveira.

No próximo dia 13 os nossos excelentes artistas futebolísticos irão encontrar-se com os seus colegas da «Mirandela» no Estádio 1.º de Maio e quando forem 17 horas começará o «festival» da arte de bem jogar.



INICIADOS: o Benfica conquistou o campeonato regional organizado pela AFL ao derrotar na final o Alverca por 3-0, sendo autores dos golos que ditaram o triunfo Jorge Teixeira, Zeca e Nuno. Em cima, ambos os quadros ladeados pelos técnicos Emídio Espiginha (Alverca) e o «lendário» José Henrique (Benfica) e na foto de baixo o dirigente associativo Barcinio Pinto entrega a taça a Vilela, ufano capitão benfiquista.



Madureira aos pés de Vermelhinho

DESPORTO

MICROSCÓPIO

Voleibol:
Portugal perde
na Dinamarca

Portugal estreou-se com uma derrota, por 3-2, frente à Noruega, em jogo do Grupo 3 da Taça Primavera em Voleibol, na cidade dinamarquesa de Aarhus.

A selecção portuguesa ganhou o primeiro «set» por 15-13, mas perdeu os dois seguintes por 15-11 e 15-5. No 4.º, os portugueses voltaram a ganhar (15-11), forçando o quinto e decisivo «set», no qual perderam por 15-13.

A partida demorou duas horas e 30 minutos.

Luta: Ateneu vence
o Sporting

O Ateneu venceu o Sporting, em Alvalade, por 5-3, no encontro mais importante da 5.ª jornada do campeonato nacional de luta greco-romana, zona centro.

Nos outros jogos da «ronda» o Benfica derrotou o Ginásio de Baixa da Banheira, por 7-1, e o Runa impôs-se ao Santoantonense, por 6-2.

O Ateneu lidera invicto com 15 pontos, seguido do Sporting com 12 e do Runa e do Benfica com 10. O Santoantonense e o Baixa da Banheira são últimos com seis pontos cada.

Ciclismo sulista

Paulo Ernesto (do Pinheiro de Loures) ganhou a prova de ciclismo «Grupo Desportivo Ericense» organizada por esta colectividade e em colaboração com a Associação de Ciclismo do Sul. O vencedor gastou o tempo de 54,07 minutos para os 36 quilómetros do percurso, que compreendia 20 voltas. Em 2.º lugar classificou-se Luís Sequeira (Sporting) com 54,24 m seguido de Helder Lopes (Camide), Serafim Vieira (Sporting) e Baltasar Coelho (do Desportivo Luís Almeida). Em juniores triunfou Luís Rodrigues (Sporting) com uma hora e 17 segundos. Participaram 90 ciclistas de 12 equipas.

JOGO DO PAU, NO GCP. O Ginásio Clube Português promove nas suas instalações durante as férias da Páscoa um curso de introdução ao «jogo do pau» e «capoeira» (modalidade brasileira).

O curso, a realizar nos quatro primeiros dias de Abril, é orientado pelos técnicos Nuno Russo, no «jogo do pau», e pelo brasileiro Luís Carlos Afonso, na «capoeira».

A iniciativa do Ginásio Clube visa promover a divulgação de conhecimentos sobre os jogos tradicionais portugueses e brasileiros.

Hóquei em patins: torneio de Paris

Derrota frente à Espanha

Com o recurso aos «italianos» Luís Nunes e Leste, António Livramento apresentou no Torneio de Paris uma equipa inexperiente que perante uma forte equipa de Espanha teve de se contentar com a segunda posição já que no encontro derradeiro e que decidia a conquista do lugar cimeiro a nossa representação foi derrotada por concludente «três-zero». Um jogo caracterizado por uma parcial arbitragem do francês Herent manifestamente favorável aos nossos opositores. Nesse encontro as equipas apresentaram a seguinte formação:

ESPAÑA: Sales; Canaas, Blanco, Jimeno, Deveso e Macia.
PORTUGAL: Quim; Vasco, Castanheira, Tó Neves, Jorge Conceição, Leste e Luís Nunes.

Campeonato Nacional

O Turquel deixou de ser o último classificado no Nacional de Hóquei em Patins ao vencer os dois jogos na jornada do fim-de-

semana, enquanto o FC Porto continua firme no comando. O Turquel na sua deslocação ao Sul ganhou sábado ao Belenenses por 7-5 e domingo venceu o Paço de Arcos por 6-3, passando agora a ocupar a penúltima posição com 35 pontos, mais um que o Oeiras e dois que o Valongo.

O FC Porto continua firme no primeiro lugar e é a única equipa sem conhecer a derrota. Sábado ganhou ao Benfica, por 8-4, e ontem derrotou a Académica da Amadora por 10-6.

O Sporting manteve a diferença de dois pontos que o separa em relação ao FC Porto com dois triunfos folgados, primeiro contra o Oliveirense (4-1) e depois contra o Sporting de Tomar (11-2).

Com 23 jogos disputados, o FC Porto tem 66 pontos contra 64 do Sporting e 56 da Sanjoanense que perdeu os dois jogos: sábado em Cascais (7-3) e domingo em Sesimbra (6-5).

O Cascais aproveitou para se aproximar derrotando o Juventude de Viana por 8-5, que perdeu

por 4-1 na véspera em Sesimbra e o Paço de Arcos ganhou ao Valongo por 5-1 e perdeu em casa com o Turquel por 3-6 e agora soma 46 pontos, tantos quantos a Juventude de Viana e Sesimbra.

Classificação: 1.º FC Porto, 66 pontos; 2.º Sporting, 64; 3.º Sanjoanense, 56; 4.º Cascais, 55; 5.º Tomar, 47; 6.º Juventude de



Golo portista perante o Benfica

Viana, Sesimbra e Paço de Arcos, 46; 9.º Benfica e Oliveirense, 44; 11.º Amadora e Famali-

cense, 41; 13.º Belenenses, 38; 14.º Turquel, 35; 15.º Oeiras, 34 e 16.º Valongo, 33.

Ténis em Cascais

Cunha e Silva vence e convence

João Cunha e Silva, recém-regressado da América do Sul, onde colheu fartos proventos em termos de sucesso e subida espectacular no «ranking» mundial júnior, repousou um pouco no doce lar e venceu o torneio inaugural do Country Club de Cascais.

Entretanto esperávamos mais de José Maria Santiago (campeão nacional de segundas e quarto jogador do «ranking» absoluto nacional) nesta decisiva confrontação. Todavia, começou da melhor maneira, ganhando dois jogos de enfiada. Presumiu-se, então, que, no mínimo, a coisa iria ser discutidíssima. Então, aconteceu a quebra inacreditável do jogador do Norte, que só ao cabo de 17 jogos voltaria a pontuar. O primeiro «set» terminou em 6/2 para Cunha e Silva e o segundo foi meteórico, cifrando-se em 6/0.

Quando havia 2/0 para o lisboeta, no terceiro, Santiago logrou enfim novo sucesso. Depois, a marca pulou para 5/1, mas José Maria teve ainda um assomo de brío e «raiva» para encurtar distâncias, reduzindo para 2/5, perdendo, porém, logo a seguir, ingloriamente, através de um «match point» que deu bola sua para fora. Portando, 6/2, 6/0, 6/2, para Cunha e Silva. Resultado que não espelha a diferença de capacidades entre eles — de maneira nenhuma — mas que reflecte, de facto, o que ontem se passou no lindíssimo recinto do Country Club de Cascais, emoldurado por uma assistência enorme.

Vencedores das restantes finais:

Rapazes: **Bernardo Mota** - Emanuel Couto, 6/2, 6/4; Meninas: **Tânia Couto** - Inês Valadas, 6/4, 6/2 e Veteranos: **Virgílio Coutinho** - Alfredo Vaz Pinto, 7/6, 6/4.

Italianos esperam Portugal

Seis avançados, entre os quais figuram Paolo Rossi (Juventus) e Alessandro Altobelli (Inter), integram o lote de 18 jogadores convocados para a selecção italiana de futebol que defronta Portugal em jogo particular, dia 3 de Abril, em Ascoli. O técnico da selecção transalpina, Enzo Bearzot, conta ainda com os dianteiros Bruno Conti (Roma), Piero Fanna (Verona), Bruno Jordano (Lazio) e Aldo Serena (Torino). Bearzot, que conquistou o título mundial para a Itália (em 1982, em Espanha) formou a selecção com base em nove equipas da 1.ª divisão, tendo a Juventus a maior representação, com quatro futebolistas. A lista completa dos 18 convocados é a seguinte:

● Guarda-redes: Franco Tancredi (Roma) e Giovanni Galli (Fiorentina)
● Defesas: Giuseppe Bergomi (Inter), Antonio Cabrini (Juventus) Fulvio Collovati (Inter), Obaldo Rioggetti (Roma), Ga-

etano Scirea (Juventus) e Pietro Vierchowodo (Sampdoria).

● Médios: Salvatore Bagni (Nápoles), Antonio Di Gennaro (Verona), Giuseppe Dossena (Torino) e Marco Tardelli (Juventus).
● Ataque: Alessandro Altobelli (Inter), Bruno Conti (Roma), Piero Fanna (Verona), Bruno Jordano (Lazio), Paolo Rossi (Juventus) e Aldo Serena (Torino).

Itália: campeonato

O Verona empatou fora com o Sampdoria por 1-1, mas aumentou para seis pontos a distância que o separa do segundo classificado no Campeonato Italiano de Futebol. Após a jornada 24, o Verona soma 36 pontos, mais seis que um grupo formado por cinco clubes — Juventus, Torino, Sampdoria, Inter e Milão. O Roma de Eriksson voltou a perder, desta feita, por 1-0, no terreno da Fiorentina de Sócrates, baixando para o oitavo posto com 25 pontos. Resultados completos: Cremonese - Como,

2-0; Fiorentina - Roma, 1-0; Lazio - Atalanta, 1-1; Milão - Avezzano, 2-0; Nápoles - Ascoli, 1-1; Sampdoria - Verona, 1-1 Juventus - Torino, 2-0; Udinese - Inter, 2-1.

Espanha: campeonato

O Barcelona (virtual campeão) somou mais uma vitória (2-0) em casa, frente ao Gijon, em encontro da 31.ª jornada do Campeonato Espanhol da 1.ª Divisão. Os resultados completos da ronda foram os seguintes: Barcelona - Gijon, 2-0; Valência - Sevilha, 0-0; Real Sociedad - Real Madrid, 0-3; Málaga - Espanhol, 1-1; Hércules - Valladolid, 2-1; Atlético de Madrid - Atlético de Bilbao, 0-0; Murcia - Santander, 3-1; Bétis - Saragoça, 2-0; Osasuna - Elche, 2-2. Classificação: 1.º, Barcelona, 50 pontos; 2.º, Atlético de Madrid, 41; 3.º, Gijon, 38; 4.º, Real Madrid, 36; 5.º, Atlético de Bilbao, 36; 6.º, Espanhol, 32; 7.º, Real Sociedad, 31; 8.º, Osasuna, 30.



Caminhos de Ferro
Portugueses

Informação

NOVAS CONDIÇÕES PARA A VENDA DE BILHETES A PESSOAS IDOSAS

«CARTÃO DOURADO»

A CP divulgou recentemente a criação do «Cartão Dourado» destinado às pessoas com 65 anos ou mais, como condição de acesso aos benefícios que lhe são concedidos nas viagens de caminho de ferro.

Como oportunamente divulgámos o «Cartão Dourado» é gratuito, não exige fotografia e é válido por um ano.

Aconteceu — como é do conhecimento geral — que a repentina procura daqueles cartões provocou uma situação de ruptura em grande número de estações, o que obrigou a uma reedição que acaba de ser feita, permitindo o reabastecimento indispensável das estações, cujo pessoal se viu injustamente confrontado com uma situação a que era alheio.

Ao pedirmos desculpa pelos inconvenientes que involuntariamente causámos ao Público, informamos que — face ao lapso de tempo decorrido — o «Cartão Dourado» só será exigível a partir de **1 de Junho próximo**. Até lá mantêm-se as condições presentes de utilização das regalias, através da apresentação dos bilhetes de identidade.

Lisboa, 19 de Março de 1985



DESPORTO

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo 1.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, 2.ª Secção, pos Autos de Divórcio Litigioso, n.º 5037/84, em que são Autora LUCÍLIA TAVARES GIL DE DEUS e Réu ARMÊNIO DOS PASSOS DE DEUS, natural de Dois Portos, Torres Vedras, com última residência conhecida em Rua Sebastião Saraiva Lima, 76-3.º Esq., Lisboa, e actualmente em parte incerta, correm editos trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquele réu, para no prazo de vinte dias, fíndos que sejam os dos editos, contestar, querendo o pedido formulado pela autora que consiste em ser decretado o divórcio entre ambos, com fundamento nos art.ºs 1672.º, 1779.º e 1781, al) — a) do Cod. Civil e no mesmo prazo deduzir oposição ao pedido de assistência judiciária, conforme melhor consta da petição inicial, cujo duplicado fica nesta Secção à disposição do citando.

Lisboa, 27 de Março de 1985

O Juiz de Direito,
(Arlindo Oliveira Rocha)

A Escriutária,
(Gilda Maria Gameiro Pereira)

«DL» — 1/4/85 — 1.º Pub.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «MÁQUINAS CRIPTOGRÁFICAS» — PROC.º N.º 153/85

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «MÁQUINAS CRIPTOGRÁFICAS».
2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 2 de Maio de 1985, procedendo-se à abertura às 10H00 do dia imediato, 3 de Maio de 1985.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30\$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 140 000\$00.



Caminhos de Ferro
Portugueses

Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 8 de Abril de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação e subsequente exploração de uma dependência para venda de jornais e revistas na estação de Abrantes

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 20 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C.P., a quantia de 34 000\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Abrantes — Secção Comercial

Entroncamento

Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (Santa Apolónia)

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência para venda de jornais e revistas na estação de Abrantes.»

Carlos Lopes não abranda

Soma e segue: Carlos Lopes bateu bem Fernando Mamede, ao vencer uma prova de estrada em Nova Orleães (Estados Unidos), enquanto o seu companheiro de clube se classificou na 5.ª posição. A prova reuniu cerca de 20 mil concorrentes, entre os quais, além dos dois portugueses, alguns dos melhores fundistas mundiais, mas Lopes, logo a seguir dos sete quilómetros, tomou o comando da corrida sendo acompanhado pelo queniano Michael Musyoki, vindo a batê-lo nos últimos 300 metros para cortar a meta destacado como a gravura documental.

Em femininos, a vitória coube à inglesa Wendy Sly (na gravura), que se impôs à norueguesa Grete Waitz.

Rita Borralho: 3.ª em Haia
Rita Borralho obteve a se-

gunda melhor marca portuguesa na meia-maratona ao classificar-se em 3.º lugar naquela prova em Haia, Holanda. Rita Borralho fez o tempo de 1h 15m 05s contra 1.10.44 da holandesa Carla Burkins. A inglesa Sara Rowel foi segunda com 1.12.20. Cidália Caetano foi o melhor português na prova masculina, classificando-se em oitavo lugar com 1.32.26; também o segundo melhor tempo nacional.

As melhores marcas portuguesas na meia-maratona pertencem a Carlos Lopes e a Rosa Mota.

Campos: 2.º em Espanha

O atleta olímpico João Campos classificou-se em 2.º lugar numa prova de estrada de 5000 metros em Santander (Espanha).

Ténis de mesa: campeonato mundial

Portugal: dois triunfos

Portugal obteve duas vitórias em masculinos contra o Líbano e Breumdas, por 5-1, mas perdeu os dois encontros femininos frente a Colômbia (3-2) e País de Gales (3-0) no «mundial» de ténis de mesa em Gotemburgo.

João Portela bateu Marwan Bizri por 21-18 e 21-19. **Pedro Miguel** derrotou Alex Ajamian por 21-13, 20-22 e 21-8. **Diamantino Pinto** venceu Raffi Moumjoglian por 21-13 e 21-11. Miguel bateu Bizri por 21-15 e 21-10. Portela perdeu com Moumjoglian por 10-21 e 15-21 e Diamantino Pinto venceu Ajamian por 21-11 e 21-15.

Contra a selecção das Bermudas, **Diamantino Pinto** venceu Gary Williams por 21-19 e 21-13. **João Portela** bateu Rawley Frederick por 21-17 e 21-14. **José Viegas** derrotou Dexter Smith por 21-12 e 21-13. Portela perdeu com Williams por 15-21 e 19-21. Diamantino derrotou

Smith por 21-14 e 21-19 e Viegas bateu Frederick por 21-8 e 21-9.

Em femininos, **Anabela Fernandes e Odete Cardoso** venceram os dois primeiros jogos contra a Colômbia, mas nos três seguintes Portugal sucumbiu. Anabela bateu Claudia Garcia por 17-21, 21-19 e 21-15. Odete Cardoso venceu Yubeli Garcia por 16-21, 21-19 e 21-15. Claudia e Yubeli venceram Anabela e Maria Alexandra por 21-12 e 21-16. Yubeli Fernandes por 15-21, 21-8 e 21-15 e Claudia Garcia derrotou Odete por 21-19, 15-21 e 21-19.

Contra o País de Gales, Odete Cardoso e Anabela Fernandes ganharam apenas um «set». Lesley Tyler bateu Odete por 21-18, 15-21 e 21-16. Shirley Williams venceu Anabela por 14-21, 21-18 e 22-20 e Williams/Tyler bateram Anabela/Alexandra por 22-20 e 21-19.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE V. FRANCA DE XIRA ANÚNCIO

O dr. José Augusto Fernandes do Vale, Juiz de Direito do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Vila Franca de Xira

FAZ SABER QUE pelo 1.º Juízo e 2.ª secção, nos autos de Acção de Despejo n.º 104/84 em que são autores Lino Cândido Marques dos Reis e mulher Graciete Duarte dos Reis Amaral e réus MANUEL CASEPELO BORRALHO e mulher MARIANA DE MIRANDA RODRIGUES CAPELA e outra, residentes em parte incerta e com a última residência conhecida no Lote 110, r/c, Dt.º — 2.ª fase — Forte da Casa — Póvoa de Santa Iria, são estes réus citados para, sob pena de multa, comparecerem neste Juízo, ou fazerem-se representar por mandatário com poderes especiais para transigir, no dia 15 do próximo mês de Abril, pelas 14.30 horas, a fim de ter lugar uma tentativa de conciliação nos referidos autos.

FAZ SABER AINDA QUE, no caso de comparecerem aquela diligência e a mesma se frustrar, deverão, querendo, contestar a dita Acção no prazo de cinco dias, contados a partir da data da referida diligência, sob pena de serem condenados ao pedido, deduzindo em reconvenção o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julguem com direito e de que, caso não compareçam, aquele prazo de cinco dias, começa a contar da data designada para a tentativa de conciliação.

O duplicado da petição inicial encontra-se a disposição dos citandos na Secretaria deste Juízo.

Vila Franca de Xira, 11 de Março de 1985

O JUIZ DE DIREITO
Jose Augusto Fernandes do Vale
O Escrivao Adjunto
Francisco Manuel F. Monteiro

D.L. 1/4/85 — 1.º Pub.

Basquetebol: Porto senhoril



Benfica vencido nas Antas

Os resultados da dupla jornada do nacional de basquetebol foram os seguintes: Grupo A: FC Porto - Benfica, 83-82; Sanga-lhos - Olivais, 93-82; Queluz; Barreirense, 83-88; FC Porto - Olivais, 82-70; Sanga-lhos - Benfica, 67-79. Classificação: 1.º FC Porto, 51 pontos, 28 jogos; 2.º Benfica, 51/29; 3.º Barreirense, 45/28; 4.º Sanga-lhos, 44/28; 5.º Queluz 43/28; 6.º Olivais, 40/29.

Grupo B: Sanjoanense - Iliabum, 65-75; Ovarense - Ginásio, 85-84; Sanjoanense - Iliabum, 71-62; Ovarense - Ginásio Figueirense, 79-73. Classificação: 1.º Ovarense, 39 pontos, 27 jogos; 2.º Ginásio, 39/27; 3.º Iliabum, 37/27; 4.º Sanjoanense, 36/27; 5.º Belenenses, 31/26.

Oscar Santos foi 25.º com 1.05.10 e Hermínio Martins terminou em 30.º lugar com 10.5.36.

José Pinto: vitória

José Pinto (Belenenses), ganhou ontem o Grande Prémio da Urgeirica em marcha atlética, percorrendo os 20 quilómetros em 1h 31m 14s. O Grande Prémio da Urgeirica é prova mais antiga que se disputa em Portugal em marcha atlética e a 10.ª edição reuniu 120 atletas em representação de 23 clubes, incluindo quatro espanhóis. O espanhol Carlos Montes foi segundo com 1.32.32. Em juniores ganhou Jorge Esteves (Belenenses), com 45m 20s para os 10 quilómetros e Paula Gracioso (Oriental), venceu a prova feminina gastando 25m 37s para os cinco quilómetros, batendo por 12 segundos a espanhola Maria Jesus Gutierrez.

Três Léguas do Nabão

Eduardo Pádua, do BUD de Viseu, ganhou a prova Três Léguas do Nabão em atletismo gastando o tempo de 47m 16s para os 15 quilómetros do percurso. José Vieira (Belenenses) vencedor do ano passado, foi segundo e António Alçado, (individual) terceiro. Em senhoras triunfou Cristina Pires (Loures) e em juniores venceu Francisco Ferreira, (Ribeirinhos-Viseu). Participaram cerca de 1300 atletas.

Rallye da Figueira da Foz

Joaquim Santos e o velho Escort vencem sem dificuldade

A equipa da Diabolique Motosport constituída por Joaquim Santos e Miguel de Oliveira ao volante de um Ford Escort RS 1800, venceu o Rallye da Figueira da Foz, terceira prova do Nacional de Rallyes.

Jorge Ortigão (Toyota Corolla) e Manuel de Mello Breyner (Audi 80 Quattro) venceram os agrupamentos A e N respectivamente. A ausência de Joaquim Moutinho e o seu Renault 5 Turbo neste Rallye, facilitou de uma certa forma a tarefa a Joaquim Santos que venceu nove das dez provas de classificação que constituíam esta prova.

José Miguel e Carlos Bica, ambos em Ford Escort RS, proporcionaram como sempre um belo duelo pela conquista do segundo lugar. José Miguel, vítima de um furo logo no primeiro troço, apenas obteve o quinto posto, vindo gradualmente a recuperar o tempo perdido. Carlos Bica durante a primeira secção também não foi muito feliz, já que um «tête» no troço do Bidoeiro e colector de escape partiu na primeira passagem por Arganil, obrigou o piloto da Duriforte a deixar o segundo posto para José Miguel. Apesar de dar tudo por tudo nas últimas classificativas, Carlos Bica chegou à Figueira da Foz no terceiro posto.

Joaquim Santos limitou-se a controlar o andamento dos pilotos que o seguiam mais de perto e, sem se esforçar muito chamou a si vários recordes alguns dos quais já lhe pertenciam. No agrupamento B salienta-se a desistência de José Venâncio (Citroën Chrono) com problemas de motor.

Jorge Ortigão vence grupo A

Uma das ausências do agrupamento A a destacar é a de «Mê-

quêpe» em Opel Manta 2000 que em princípio seria um dos pilotos a fazer frente a Jorge Ortigão. No entanto, durante um período do rallye Jorge Ortigão viu-se perseguido de muito perto pelo ex-iniciado Joaquim Jorge, em Opel Ascona.

A partida da segunda secção o piloto do Team Toyota tinha apenas uma vantagem do seu opositor directo de cerca de 1 minuto, e levava a crer que o agrupamento A iria ser bastante discutido para a posição cimeira.

Tal não aconteceu já que Joaquim Jorge viria a desistir na Candosa com a junta da cabeça queimada.

No grupo N, apenas Lamy Viçoso (Toyota Corolla GT) ousou aproximar-se do Audi 80 Quattro de Manuel Mello Breyner.

Das 46 equipas inicialmente inscritas partiram quarenta, chegando apenas 27 à Figueira da Foz.

Classificação final

1.º Joaquim Santos/Miguel Oliveira (Ford Escort RS 1800) — 1.22.47; 2.º José Miguel/José Nascimento (Ford Escort RS 1800) a 1.43; 3.º Carlos Bica/João Sena (Ford Escort RS 1800) a 2.22; 4.º Santinho Mendes/Rui Cunha (Nissan 240 RS) a 4.04; 5.º Jorge Ortigão/João Batista (Toyota Corolla GT) a 5.25 (1.º grupo A); 6.º José Rodrigues/Paulo Silva (Ford Escort RS 1800) a 5.32; 7.º António Coutinho/Cândido Júnior (Toyota Corolla GT) a 8.25; 8.º Pedro Sena/António Guerra (Ford Escort RS 2000) a 9.29; 9.º M. Mello Breyner/Alfredo Lavrador (Audi 80 Quattro) a 9.30; 10.º Ramiro Fernandes/António Monteiro (Fiat Ritmo 130) a 10.24.

Tiago Alexandre

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Brecht vivo

ASCENSÃO E QUEDA DA CIDADE DE MAHAGONNY, de Bertolt Brecht e Kurt Weill. Tradução: João Lourenço, Vera San Payo Lemos e José Fanha. Dramaturgia: Vera de San Payo Lemos. Direcção musical: John Neschling. Encenação: João Lourenço. Cenografia: Jochen Finke. Figurinos: Renée Hendrix. Coro do Teatro de São Carlos. Orquestra Sinfónica da RDP. Interpretação: João Perry, Helena Afonso, António Silva, António Saraiva, Helena Vieira, Fernando Serafim, Carlos Guilherme, José Fardilha, José de Freitas, João Queirós, Filomena Amaro, Sara Rosa, Anabela Rosado, Ana Paulo Russo, Manuela Santos, Susana Teixeira. Teatro Nacional de S. Carlos 21.3.1985.

O Mário Vieira de Carvalho sublinhou na sua crítica ao espectáculo do S. Carlos («DL», 21.3.1985) a importância fundamental que assumiu a estreia da ópera de Brecht-Weill tanto em termos musicais como em termos mais latamente culturais. De acordo com esse comentário, apetece glosar, em relação a este espectáculo, o que Vítor Pavão dos Santos escreveu há anos em relação ao «É Menino ou Menina?», da Barraca, sobre textos de Gil Vicente: o 25 de Abril chega finalmente ao S. Carlos. Por isso valerá a pena voltar a esta criação portuguesa da obra de Brecht-Weill tendo em consideração, em especial, os seus aspectos teatrais.

Sabe-se que a ópera é um ritual tanto na sua função de espectáculo como nas relações deste com o público. Desde a entrada do maestro ao aparecimento dos solistas para agradecer os aplausos, no primeiro intervalo, até à maneira de vestir e ao comportamento do público, e isto ao posicionamento dos cantores, ao respeito por determinadas hierarquias, à não utilização, em termos cénicos, de elementos que o teatro há muito utiliza, todos estes, e outros sinais constituem um código razoavelmente fechado que vem do século XIX e ainda, numa maneira geral, se mantém. Encenar uma obra como «Mahagonny», como qualquer obra de Brecht, implica, antes de mais, um questionamento desse ritual, a sua ruptura. Essa a primeira arma, corajosa e eficaz, de que João Lourenço se serviu com resultados que poderemos considerar surpreendentes. Esta encenação é, de um ponto de vista estritamente teatral, o que de mais revolucionário se fez até hoje em S. Carlos, e se assim não for peço desculpa por me enganar.

Não recorreu o encenador a formas cénicas originais no que se refere à sua utilização em teatro, nem precisava: o ter feito com que elas irrompessem nesse mundo fechado que é o palco de ópera, e fazê-lo com coerência e a energia que transformaram esse palco num espaço de comunicação a nível teatral incrível (naturalmente de acordo com o facto fundamental da ópera ser cantada em português) — aí está qualquer coisa que vale a pena festejar.

A transformação do narrador em realizador de cinema, com a presença de vídeos em que o seu rosto surge em imagens múltiplas, não é talvez o elemento mais produtivo desta leitura, embora a interpretação de João Perry ajude a clarificação dessa dupla função com um trabalho à altura dos seus méritos. Foi na cenografia (de J. Finke, da RDA) que o espectáculo começou a encontrar os elementos que ajudaram o encenador a entender como este trabalho implicava uma tentativa de transformação da ópera pelo seu interior (a qual estava já implícita e explícita na própria obra encenada, sem o que não passaria de uma colagem mistificadora). Os elementos cenográficos que, ao longo do espectáculo, vão enchendo o espaço cénico dotando-o de um conjunto de signos de leitura imediata, constituíram uma base essencial para que a ópera dramática se transformasse, como queria Brecht, num quadro que implicasse as seguintes transformações fulcrais (do programa): na ópera épica a música transmite (em vez de servir, como na ópera dramática), interpreta o texto, pressupõe o texto, toma posição, indica um comportamento (Brecht, no programa).

O jeep em que os três com-

parsas fogem à polícia e que surge no palco vazio, o hotel ladeado de duas palmeiras com folhas de néon, os vários letreiros a néon (bank, bar, dream, free); a cena entre Jim e Jenny, para a qual o corpo superior do hotel sobe vindo-se as duas personagens que rodam numa pequena plataforma giratória; a multiplicação dos arranha-céus (Mahagonny como uma Las Vegas antecipada); depois, os «charriots» que servem de palcos para quatro quadros fundamentais legendados por uma palavra a néon: comer, amar, lutar, beber; o bar que se transforma em navio; a nuvem que passa sobre o palco (elemento «ingénuo» tão caro a Brecht); o painel com cabeça de Deus com a boca que se abre para que o discurso se faça; a cena do tribunal e a cadeira eléctrica que desce do alto — são estes alguns dos elementos que ajudaram a encenação a levantar a função épica da obra de Brecht-Weill.

Se teatralmente não é nova a utilização de filmes (basta recordar Piscator, claro) é preciso ter em conta não só a forma como esse recurso é utilizado como ao seu conteúdo. Aqui, é em especial a montagem de cenas filmadas que dá a passagem do furacão por Mahagonny que apoia esse carácter épico: é a imagem da guerra, do passado à nuclear, intercalada com cenas do quotidiano, que vale mil palavras e opera, naquele contexto, como elemento distanciador que provoca um efeito considerável.

Finalmente foi com a marcação dos intérpretes e do coro e com a composição das personagens, com figurinos cuja gestualidade é talvez demasiado discreta, que João Lourenço completou a organização do espectáculo como uma obra cujo carácter épico assume uma admirável força artística.

Dois ou três momentos servirão para «indicar o comportamento» do espectáculo. O quadro «Comer» em que surge sobre o charriot o esqueleto de um enorme animal com o intérprete (Carlos Guilherme) a morrer de indigestão, dentro da respectiva carcaça, e as outras personagens a ajoelharem como em prece a um deus pagão; a cena do furacão, tão pouco brechtiana sob o ponto de vista de iluminação, como de resto, sob

esse aspecto, quase todo o espectáculo, em que são utilizadas lâmpadas de bolso que provocam um efeito cénico de grande beleza; a cena em que Jim empunha a faca, aliás anterior, com uma movimentação do coro, correndo de um lado para o outro em semicírculo e fechando o espaço da personagem, admirável de ritmo; a cena do tribunal em que se denuncia a venalidade da justiça surgindo o juiz na interpretação de Helena Afonso, que justamente interpretara a mulher do hotel de passe, o final em que personagens e coro surgem da plateia cantando. Também isto é velho em teatro e, no entanto, como é inovador no S. Carlos, como, neste caso, funciona tão fortemente. Como é velho o recurso ao nu, aliás discreto, mas aqui irruptor.

Por fim, talvez o mais extraordinário e mais significativo momento do espectáculo, quando junto da ribalta cantores e coro retiram a maquiagem do rosto enquanto cantam e o pano de boca desce lentamente. Se isto não é teatro e não é grande teatro, temos conversado.

Sob o ponto de vista musical já o Mário Vieira de Carvalho escreveu o que havia a escrever. E como foi bom reencontrar Helena Vieira, Helena Afonso, Fernando Serafim. Naturalmente que, sob este aspecto e em especial, no que se refere à inevitável carga erudita que uma interpretação deste tipo implica, alguma coisa haveria a dizer tendo em consideração o texto de Kurt Weill incluído no programa: «... o estilo de base, simples e baladesco, tinha de ser mantido».

Também em relação às interpretações dramáticas de Vera San Payo Lemos haveria alguma coisa a discutir embora seja esse um trabalho fulcral no espectáculo, aliás muito bem argumentado no texto do programa, certamente um dos melhores trabalhos tanto da dramaturgia como do encenador.

Aspectos polémicos, e ainda bem, porque é assim que se demonstra que Brecht está vivo, e bem vivo, embora não falem coevos para o enterrar (esses vão morrer muito primeiro). É por isso mesmo, ou também por isso, que este é um espectáculo histórico para repetir, por outras palavras, e com que gosto, Mário Vieira de Carvalho.

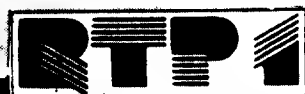


A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26

Av. S. Joao de Deus 13 B • R. de Macau 8-1 LISBOA

Hoje



A RTP-1 inicia esta noite uma série intitulada «Anno Domini, Ano do Senhor»

- 18.17 Notícias
- 18.22 Tempo dos Mais Novos
- 19.00 Teleregiões
- 19.25 Feiras de Portugal — Ponte de Lima.
- 20.00 Telejornal
- 20.27 Boletim Meteorológico
- 20.35 «Chuva na Areia» — 61.º episódio.
- 21.10 «Anno Domini, Ano do Senhor»
- 23.20 Último Jornal



Exibe-se na RTP-2 o 61.º episódio da telenovela «A Sucessora»



- 19.32 Desenhos Animados
- 20.15 RTP/Açores — «O Correto»
- 20.50 Documentário — «Santorini, 500 Anos Antes de Cristo»
- 21.40 «A Sucessora» — 61.º episódio.
- 22.15 Jornal da Noite

Amanhã



18.17: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 19.00: Teleregiões; 19.20: Música da América; 20.00: Telejornal; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: «Chuva na Areia»; 21.05: Actual; 22.00: «Ano do Senhor»; 23.00: Último Jornal

19.32: Desenhos Animados; 19.55: Música/81; 20.15: Conheça Melhor; 20.20: «La Millième Nuit»; 21.25: «A Sucessora»; 22.15: Jornal da Noite.

Galeria de Arte do Casino Estoril

Desenho/Pintura de José Cândido

Inaugura-se às 22 horas do próximo dia 3 de Abril, na Galeria de Arte do Casino Estoril uma exposição de Desenho/Pintura da autoria de José Cândido.

Quarenta obras que, sob temas ligados ao desporto, abordam o problema do movimento na tradu-

ção e reinvenção da realidade, integram esta exposição. O seu autor é natural do Barreiro e diplomou-se, em Pintura pela ESBAL onde, em 1970, prestou provas para professor agregado. Expondo desde 1954 em Portugal e no estrangeiro, José Cândido regista

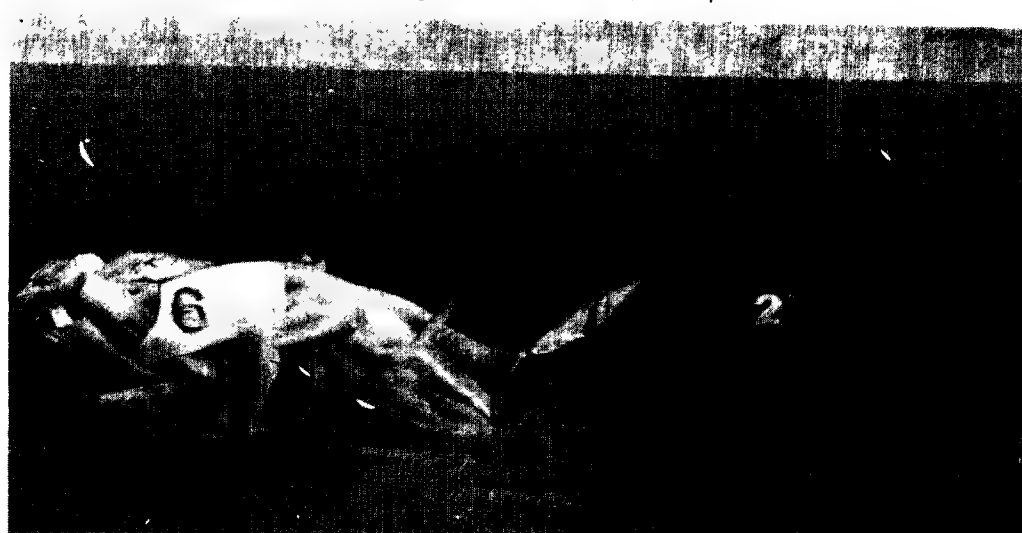
no seu currículo vários prémios nomeadamente o 1.º prémio do Concurso de Medalha Comemorativa do 10.º Aniversário da Pro-fabril, 1.º prémio do Concurso de Medalha Comemorativa do 1.º Centenário da CGD (1976), 1.º prémio no Concurso de Cartazes

para as Comemorações do 20.º Aniversário da Gravura, 1.º prémio no Concurso de Criação de um Símbolo para a Aliança Seguradora (1980), etc.

Criador de cartazes, selos dos CTT e Imagens de Empresas, este «designer» pintor pertenceu durante alguns anos aos conselhos técnico e directivo da SNBA.

Sobre o seu trabalho, no texto de apresentação do catálogo, entre muitas outras considerações de grande interesse, refere Rocha de Sousa: «Para além do evidente prazer de riscar, do rigor gráfico de cada formulação, o tecido dos desenhos assim constituídos, mostra um modo de perceber a realidade móvel, ou seja: abre-se a um processo específico de como essa realidade se deforma e se transfigura pela acção do movimento no campo perceptivo. O artista representa sobretudo as diferenças progressivas do real entre instantes e não propriamente (embora o pareça) a coisa que viaja de instante para instante.»

Esta exposição estará patente ao público das 15 às 24 horas de todos os dias até 17 de Abril de 1985.



Um dos trabalhos de José Cândido expostos no Estoril

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...«Anno Domini, Ano do Senhor»
(21.10)«Santorini»
(20.50)

CHUVA NA AREIA

Costa continua a querer seduzir a secretária Gabriela. Esta parece simpatizar mais com ele e acaba por confessar-lhe que este facto se deve a uma atitude benévola do patrão. Diz ela «que o empréstimo feito ao Gomes lhe revelou os bons sentimentos do Sr. Costa»...

O Gomes sorri, satisfeito, no interior do armazém, que está totalmente modificado. O seu amigo Nunes admira as obras efectuadas mas estranha a abundância de balões frigoríficos para carnes frias...

Enquanto o Pereira distribui dinheiro aos seus homens na taberna do Leopoldo, o Sargento Lima traz um recado ao Tenente Ferrel a parte da mulher.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“Um Lugar no Coração” de Robert Benton

O cinema é a arte de contar histórias ou a prática exímia do sussurro? Quem viu **Um Lugar no Coração** decerto se decidirá pela segunda hipótese e talvez perceba (com as interpretações de Sally Field e de John Malkovich) que a arte de representar é um jogo fascinante entre o corpo que se expõe e a palavra que se revela.

Há algo de extraordinário que se exala desta filme. É a sensação de ver uma ficção aparentemente convencional (uma viúva com dois filhos que luta contra a adversidade, alguns anos após 30, numa pequena cidade rural do Sul americano) tomar as inesperadas e, num lento vórtice em torno do seu tema, se povoar de gente em estado de todante desamparo.

Mais do que o fio central da narrativa, são essas ficções transversais (o cego mr. Will, o frágil e inconstante Wayne Lomax, o vagabundo negro Moze, a professora Viola de amores tristonhos...) que fazem de **Um Lugar no Coração** um objecto cativante, cheio de serena angústia, cinematograficamente hábil e de uma segurança a toda a prova.

Não estamos, claro, em presença de um filme espampante, onde a marca do talento esteja afixada em lugar bem visível. Ao contrário: Robert Benton escolhe o recato, numa estratégia que privilegia o intimismo, a contenção, o plácido olhar. Nota-se, aliás, que é aí que o filme brilha com fulgor (a cena de Malkovich com Sally Field no banho, inesquecível: um mínimo de efeitos para um máximo de intensidade dramática), empalidecendo na hora em que uma amplitude maior de espaços e significações se busca (a sequência do tornado, excelente

de fotografia e efeitos especiais, é, por exemplo, desequilibrada e pretende tornar exponencial o que só tem sentido de portas e janelas adentro).

Essa segurança deambulação por mundos e amados personagens

está mais presente — é óbvio — o Benton-argumentista que o Benton-realizador. Daí que bem andou a Academia em lhe dar o Oscar para o melhor argumento original. Daí que o filme se fecha com a segurança de quem que

está decidido antes de a câmara entrar a fazer o seu trabalho, portanto sem que a força da imagem transfigure a escrita, antes a ilustre, sem hiatos e sem delírios. Por mim prefiro um cinema com outros vozes mas é impossível

não reconhecer a **Um Lugar no Coração** méritos vastos.

E se o argumento é a pedra de toque do filme, que dizer desses actores, condenados a não serem excessivos (há code um grande actor se pascencara), torçados a jogar todo num ohar, numa postura numeantiso, num gesto? Sally Field está à cabeça é claro (o Oscar assenta-lhe que nem uma luva) mas é Malkovich quem nos sidera, bem acolitado por um grupo em que Ed Harris (está-lhe na pele ser material moldável), Amy Madigan (tanta solidão...), Lindsay Crouse (a dor que se olvida, a revolta, a resignação, o reencontro) ou Danny Glover (anos de humilhação a habitá-lo) desfilam diante de nós como que a confirmar que não há como os americanos para produzir actores secundários.

FICHA:

Título original: Places in the heart

Realização e argumento: Robert Benton (EUA-1984)

Fotografia: Nestor Almendros

Cenários: Gene Callahan (production designer), Sydney Z. Litwak (art director), Lee Polle Derek Hill (set decorators)

Música: John Kander.

Montagem: Carol Littleton

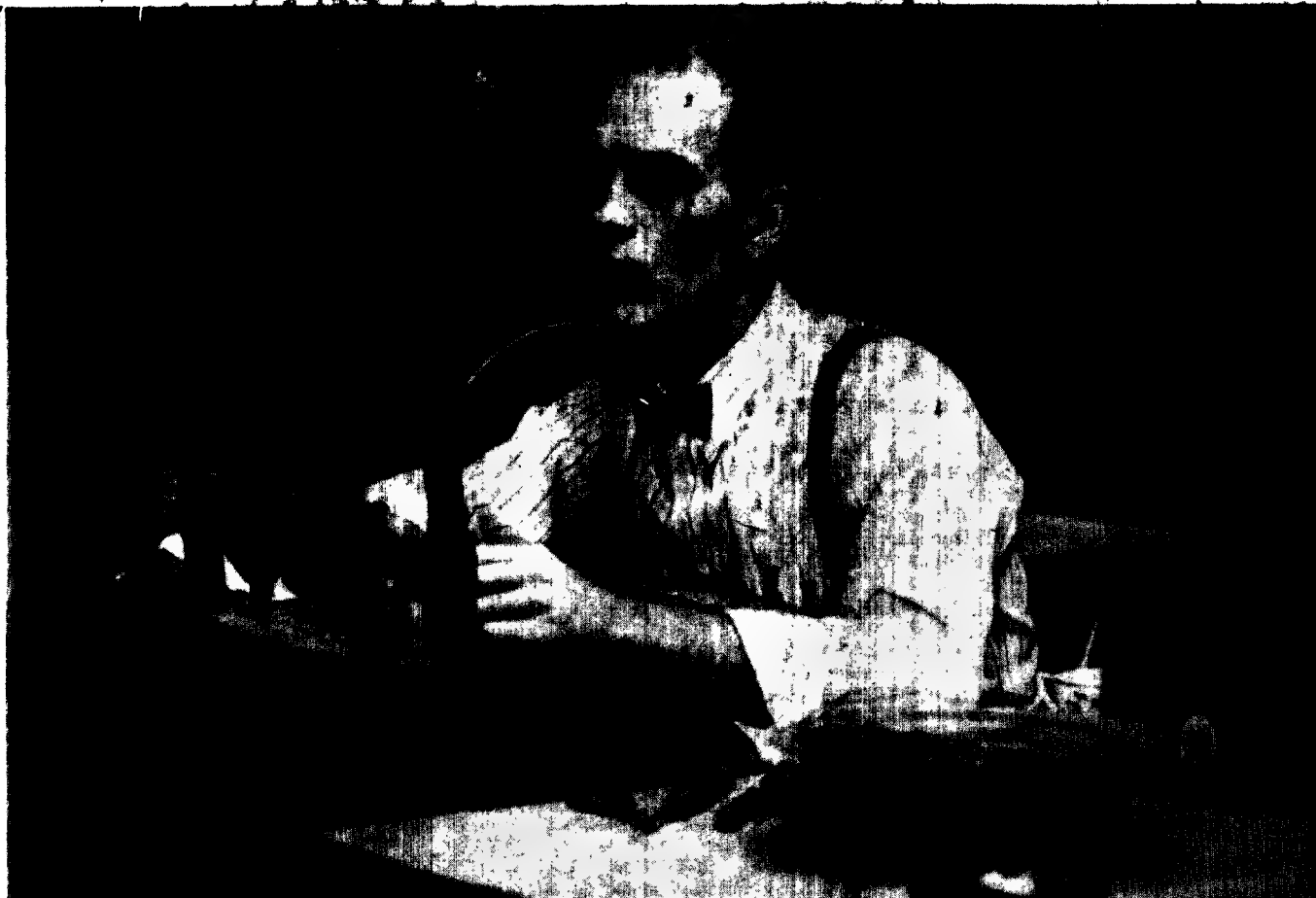
Produção: Arlene Donovan

Interpretação: Sally Field (Edna Spalding), Lindsay Crouse (Margaret Lomax), Ed Harris (Wayne Lomax), Amy Madigan (Viola Kelsey), John Malkovich (mr. Will), Danny Glover (Moze), etc.

Distribuição em Portugal: Columbia/Warner

Cinema: Nimas

Classificação: Para maiores de 12 anos



O desamparo tocante dos personagens é mais forte lastro do filme (na foto: John Malkovich em «Um Lugar no Coração»)

Mitsui O.S.K. Lines, Ld.^a nomeia a Portline como seus agentes gerais em Portugal.

A Mitsui O.S.K. Lines, Ld.^a tem o prazer de anunciar a nomeação da **Portmar** como seus agentes gerais em Portugal, desde o dia 1 de Abril de 1985.

A **Portmar** é uma nova agência portuguesa de navegação, associada da Portline, Transportes Marítimos Internacionais.

A Mitsui apresenta as mais sinceras desculpas a todos os seus clientes por eventuais dificuldades causadas no período de transição, mas assegura que, com o acordo celebrado com a **Portmar**, a alta qualidade dos seus serviços será mantida.



COTAÇÕES E NOTAS

(Por unidade) COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	76\$70	82\$70
ALEMANHA FED (marco)	54\$90	56\$00
AUSTRIA (xelim)	7\$75	7\$95
BELGICA (franco)	2\$562	2\$762
BRASIL (cruzeiro)	\$025	\$040
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	123\$95	125\$95
(notas de 5 a 1000)	124\$45	126\$45
DINAMARCA (coroa)	15\$35	15\$75
ESPAÑA (peseta)	\$933	\$953
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	169\$90	171\$90
(notas de 5 a 1000)	170\$40	172\$40
FINLÂNDIA (marka)	26\$30	26\$90
FRANÇA (franco)	18\$00	18\$70
HOLANDA (florim)	48\$70	49\$70
IRLÂNDIA (libra)	171\$95	175\$95
ITALIA (lira)	\$078	\$088
JAPÃO (iene)	\$648	\$663
NORUEGA (coroa)	19\$05	19\$55
REINO UNIDO (libra)	210\$60	214\$60
SUÉCIA (coroa)	18\$95	19\$55
SUIÇA (franco)	64\$80	65\$90
VENEZUELA (bolivar)	10\$90	11\$90

Observações.

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 17.50: Informação regional; 18.05: A gaita dos sete foles; 20.00: Musicat; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Cozinha económica; 21.30: Notícias de luar; 23.30: Último Jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: O piano na era romântica; 16.00: Música do século XX; 16.40: Duas obras de Rameau; 16.45: Trechos de óperas; 17.00: Ciclo Beethoven; 17.20: Interpretações do coro «Os Pequenos Cantores da Cruz de Madera»; 17.30: Música de todos os quadrantes; 18.00: Uma poesia; 18.05: Música vocat; 18.40: Música de tecla; 19.00: Música de Brahms; 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.00: «Les Nations, Deuxième Ordre, l'Espagnole», de Couperin; 20.40: Música orquestral; 21.00: Antologia dos músicos portugueses; 21.30: Tempo de bailado; 22.00: O canto e os seus intérpretes; 22.55: Intercâmbio musicat; 00.58: Pode ouvir no Programa 2, a partir das 8 horas, 01.00. Fecho: Notícias de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Cabo da Boa Esperança; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Pé-de vento; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Meio-tarde; 16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Memorando; 20.00: Programa da LARR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Clube dos colecionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; 16.00: A cor do som; 18.00: Entre-Campos; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Porto belo; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Último metro; 02.00: Estação de serviço. Notícias a todas as horas

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 394

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido. Animal doméstico. Cobarde.
- 2 Amen. Encoleriza
- 3 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Explosivos.
- 4 Artífice. Nota musical.
- 5 Demónio. Sua Majestade
- 6 Tanto Patrão.
- 7 Acreditar. Erva para alimento do gado (pl.)
- 8 Alternariva Antepassados. Reis.
- 9 Rio de Portugal. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 10 Ingresso. Embarcação antiga.
- 11 Trufas. Peixes do Brasil

VERTICAIS:

- 1 Fadiga. Vão em socorro de alguém
- 2 Limpa. O mesmo que ruão.
- 3 Nome de mulher. Freguesia do concelho de Alenquer.
- 4 Artigo definido. Salra frequentemente à rua.
- 5 Ondas curtas. Anel. Caminhos
- 6 Edifício. Rio de Itália. Quinhentos e um em romano.
- 7 Interjeição brasileira. Rio de Portugal.
- 8 Apellido
- 9 Grande árvore da Índia (inv.). Mulher respeitável.
- 10 Amanhã (ant.) Insectos.
- 11 Relativos a oásis. Ouro (sq.)

Resolvi completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 234

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade de Portugal. Capital da República de Bangla Desh, antigo Paquistão Oriental
- 2 Encoliziza. Almoçozas
- 3 Reis. Tocara levemente
- 4 Cidade da Pérsia. Pessoa que se embriaga muito (pop.)
- 5 Boi selvagem. Recusa (inv.)
- 6 Fasquias. Item
- 7 Marcara o peso da tara em. Vossa Alteza
- 8 Pernadas de sobreiro. Tragédia de Shakespeare
- 9 Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da justiça e da morte. Sufixo que designa estado
- 10 Ribeira de Portugal. Movera os remos
- 11 Ancorares

VERTICAIS:

- 1 Cidade e porto da Dinamarca. Tosta
- 2 Mirara. Abreviatura que se usa em musica
- 3 Espera Resposta. Almoçariz
- 4 Palmeira da Amazonia. Nivela
- 5 Detestar
- 6 Avalia. Exprimir por palavras
- 7 Duas vogais desiguais. Maior Erbio (sq.)
- 8 Cruel. Princesa judia, filha de Herodes Filipe e de Herodiade
- 9 Querido. Estavas
- 10 Aqui. Odio
- 11 Firmarias

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 393

HORIZONTAIS:

- 1 MAIS VALE.
- 2 Tranque, lido
- 3 Sai. Raros.
- 4 Mate. Ocaia
- 5 Uel. Abé SS
- 6 Bichano.
- 7 Melros
- 8 Taio EC. Tia
- 9 Or. Sono
- 10 Minot. Bate
- 11 Alisaria. IE

VERTICAIS:

- 1 MTS. UM. TOMA.
- 2 Arame. Caril
- 3 Iaia. Ni.
- 4 SN. Teimosos
- 5 QUE. Ce. Ota.
- 6 Vu. Ahlen
- 7 Aerobarco
- 8 Aceno. Ba
- 9 Eira. Óstia
- 10 DOIS. TE.
- 11 Rosas. DAREI

PROVÉRBO: Mais vale um toma que dois te darei.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 233

HORIZONTAIS:

- 1 Haakon. Bica.
- 2 Apo. Comida
- 3 Das. Amarara
- 4 ER. Ase. Adem
- 5 São. Coam. Eia!
- 6 Tio. Vãs. Ri.
- 7 Morrias. Dos.
- 8 Sade. Tré
- 9 Cada. Cravas
- 10 Sovaco. Elo
- 11 Saris. Rol.

VERTICAIS:

- 1 Hades
- 2 Aparatosas
- 3 Aos. Irados
- 4 Acordava
- 5 Ocaso. le. Ar
- 6 Nomeava. CCI
- 7 Bra. Mastros
- 8 Bra. Ra.
- 9 Idade. Dever.
- 10 Carreiro. Ab.
- 11 Amais. Sol

cartaz de cinemas e teatros

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- M. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 6 a.
LOUCA AVENTURA NA SELVA

BABILÓNIA

Av. Elias Garcia, 362-D

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
GENTE GIRA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTE
9.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
PINOCCHIO
Falado em português

CASTIL 530194

R. Castilho

14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
PROTOCOLO

CINE BLOCO 55682

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O CAMPEÃO
Às 24 - M. 18 a.
SCARFACE, A FORÇA DO PODER

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ROCKY I
c/ Sylvester Stallone

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
BINGO-BINGO
Às 24
OS LARGOS HORIZONTES DA AVENTURA

CINESTÚDIO LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
BREAKDANCE

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30
AVENTURAS DE HÉRCULES

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O CONFRONTO

2000 2100055

Av. B. Voluntários, 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
A ESTRADA DE FOGO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
BEVERLY HILLS COP, O CAÇA-POLÍCIAS

ESTÚDIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83 B

Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
PAULINA NA PRAIA

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
COMEBACK, FUGITIVOS DO INFERNO

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
- M. 16 a.
O CONFRONTO

IMPÉRIO 555134/5

A. Alfonso Henriques, 35

15.15 - M. 6 a.
OS MARRETAS CONQUISTAM NOVA IORQUE
18.30, 21.30
- M. 12 anos
O CORPO DO MEU INIMIGO

LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - M. 12 a.
METROPOLIS

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 16 a.
ADÃO E EVA

NIMAS 54362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
UM LUGAR NO CORAÇÃO
c/ Sally Field

ODEON 326283

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 18 a.
A FÚRIA DA BESTA

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 17.30 e 21.30
MY FAIR LADY



UMA CENA DO FILME «PAULINA NA PRAIA». A NOVA OBRA-PRIMA DE ERIC ROHMER DA SÉRIE «COMÉDIAS E PROVÉRBIOS». EM EXIBIÇÃO NO ESTÚDIO 444 E QUARTETO A PARTIR DO DIA 29 DE MARÇO (INCLUSIVE).

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14, 15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O FALCÃO DO DESERTO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
PAULINA NA PRAIA
Às 23.30 - M. 18 a.
RAGTIME

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
- M. 12 a.
O HOMEM QUE SABIA DE MAIS

SALA 3
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
NOSTALGIA
Às 23.30
AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE

SALA 4
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ULTRA-SECRETO
Às 23.30
BALBÚRDIA NO OESTE

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27 B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
PINK FLOYD, THE WALL
Às 24 - Int. men. 18 a.
CONTOS DA LOUCURA NORMAL

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTE
9.ª Semana

ROXY 548560

Av. Amante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 8 a.
O CÃO

SAO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
ENCONTRO COM O AMOR

SALA 2
Às 14.15, 17.45 e 21
- M. 12 a.
PASSAGEM PARA A ÍNDIA

SALA 3
Às 14.45, 16.45, 18.45 e 21.45
- M. 12 a.
PROTOCOLO

7.ª ARTE 80715

Av. República Af. Entrecampo, junto ao n.º 63

Às 15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 12 a.
PROTOCOLO
c/ Goldie Hawn

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14 C

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
GENTE GIRA

TURIM 706666

E. de Benfica, 723 A

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 6 a.
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO
Às 24 - Int. men. 18 a.
PERFECIA

VOX 880808

Av. Fr. Miquel, Contrabarral, 87/9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
BINGO-BONG

XENON 368480

Av. da Liberdade, 17

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS FUGITIVOS DO INFERNO

outros cinemas

ALFA-1 - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)

ALFA-2 - «Revolta no Pacífico», às 21.30 (6 anos)

ALFA-3 - «O Caça-Polícias», às 21.45 (12 anos)

ALFA-CLUBE - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.15 (6 anos)

TERMINAL - «História do Soldado», às 21.30 (12 anos)

ZODIACO - «O Império do Desejo», às 21.30 (18 anos)

FONTE NOVA - Sala 1 - «Pinocchio», às 21.30 (18 anos)

FONTE NOVA - Sala 2 - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

FONTE NOVA - Sala 3 - «Pink Floyd, The Wall», às 21.45 (18 anos)

MUNDIAL - «O Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)

APOLO 70 - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)

CAPITÓLIO - «Garotas Sensuais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

OLÍMPIA - «Sexo de Ouro», sessões permanentes (18 anos)

CITY-CINE - «O Lugar do Morto», às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO ACS - «Os Taxistas do Ritmo», às 21.30 (12 anos)

LONDRES - «Amadeus», às 21.30 (12 anos)

TIVOLI - «Pinocchio», às 21.30 (Todos)

RESTELO - «Top Secret, Ultra-Secret», às 21.30 (12 anos)

PROMOTORA - «Roubo de um Milhão de Dólares», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino - «Terra Sangrenta», às 21.00 (16 anos)

CASCAIS - Impala - «Nova Iorque, Duas Horas da Manhã», às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - Oxford - «Zás, Tudo ao Léu», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Inctível - «Os Implacáveis Externadores», às 21.15 (12 anos)

ALMADA - Cine-Almada - «As Beldades Selvagens Voltam a Ibiza», às 21.30 (13 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 1 - «O Bombardeiro», às 21.30 (13 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 2 - «Kramer Contra Kramer», às 21.45 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Nova Iorque, 2 Horas da Manhã», às 21.30 (18 anos)

Porto

VALE FORMOSO - «Fúria de Vingança», às 21.45 (12 anos)

BEBÉ - «Paris Texas», às 21.45 (12 anos)

OLÍMPIA - «João Brancas, Avançado Fura-Redes», às 21.30 (Todos)

CHARLOT - «Paris Texas», às 21.30 (12 anos)

LUMIÈRE - Sala L - «Mulher-Polícia», às 21.45 (13 anos)

BATALHA - «Sheena, a Rainha da Selva», às 21.45 (12 anos)

TERÇO - «A Sexta-Feira Mais Longa», às 21.30 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Tentação Irresistível», às 21.30 (18 anos)

ÁGUIA - «Pinocchio», às 21.45 (Todos)

RIVOLI - «Mulheres Enamoradas», às 21.30 (18 anos)

FOCO - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)

PASSOS MANUEL - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)

CHAPLIN - «Crônica dos Bons Malandros», às 21.30 (12 anos)

SÃO JOÃO - «O Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)

TRINDADE - «Amadeus», às 21.15 (12 anos)

PEDRO CEM - «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)

LUMIÈRE - Sala A - «Amor em Perigo», às 21.30 (12 anos)

NUNO ALVARES - «Pinocchio», às 21.30 (Todos)

JÚLIO DINIS - «As Raperigas Alegres do Campo», às 21.30 (18 anos)

COLISEU - «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); AREIRO - APEADEIRO: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); CAMPO GRANDE: Nova Iorque, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); ENCOSTA DO RESTELO MOINHOS: Tanara, R. Rodrigo Reis, 3-A (T. 611814); INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003);

teatros

Lisboa

COMUNA - «Para Onde Is?», às 21.30
MARIA VITÓRIA - «Não Batam Mais no Zezinho», às 20.30 e 22.45
VARIEDADES - «Boeing, Boeing», às 21.45 (12 anos)
VASCO SANTANA - «Último Acto», às 21.30
VILLARET - «O Super-Silva», às 21.30 (12 anos)
TEATRO DA GRAÇA - «Todos os Cômicos Acabam com uma Canção», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Santa Joana dos Matadouros», às 21.30 (13 anos)
BARRACA - «Dois Tempos, um País», às 21.30
TEATRO ABERTO - «O Estinge Gorda», às 21.30 (13 anos)

PORTO

CARLOS ALBERTO - Grupo Experimental de Bailado do Porto, às 21.45 (6 anos)
CAMPO ALEGRE - «Uma Família do Porto», às 21.45 (13 anos)
POVO PORTUENSE - «O Fidalgo Aprendiz», às 22.00 (13 anos)
REALEJO - «Com Papas e Bolos se Enganam os Tolos», às 21.30 (16 anos)
TEP - «Amor de D. Perlimpim com Belisa em seu Jardim», às 21.45 (6 anos)

ROSSIO: Estácio, Rossio, 60-63 (T. 327067); SÃO BENTO-PALÁCIO: São Bento, R. Poais de São Bento, 73 (T. 601673); SALDANHA: Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); SANTA BARBARA: Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); SETE RIOS: Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); TELHEIRAS-QUINTA DE SÃO VICENTE: Queijas, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21; ODIVELAS: Leitão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220);

REFORÇO

ALFAMA: Costa, R. Escolas Geras, 88-A; ALTO DE SANTO AMARO: Tapada, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); ALVALADE: Belo, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso, E. a-Damaia, 64-C (T. 702226); CAMPO DE OURIQUE: Findor, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno, Av. João Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); LUCEU PEDRO NUNES: Janeiro, Ac. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); OLIVAIS SUL: Antunes Rosas, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); PEDROUSOS: Sociedade Higlulux, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); PICHELEIRA: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); BRANDAO - AMADORA: Tavares Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970680); OLIVIA BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939)

Outra Banda

ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271); PERMANENTE: COVA DA PIEDADE: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254); PERMANENTE: COSTA DE CAPARICA: Chel, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218); Até às

19 horas; LARANJEIRO: Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324); Até às 22 horas; SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); Até às 19 horas; LAVRADIO: Parreira, R. D. Silva Cristina, 15-A (T. 2042016); Até às 19 horas; BARREIRO: Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212); Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946); Até às 19 horas; CORROIOS: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192); Até às 19 horas; AMORA: Duarte Ramos, R. Batalá, 11, loja 30, Centro Comercial Bel-sul; Até às 22 horas; SEIXAL: Alves Velho, L. de Camões, 27, Torre da Marinha (T. 221132); Até às 22 horas; MONTIJO: Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032); Até às 22 horas; MOITA: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); Até às 19 horas; ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137); Até às 19 horas; SETÚBAL: Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558); Permanente; Oliveira Rodrigues: Permanente; Oliveira, R. da Misericórdia (T. 22488); Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nito, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); Permanente; LINDA-A-VELHA: Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610); Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616); Até às 22 horas; ALCABALDE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363); Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015); Até às 22 horas; CAXIAS: Nova, R. Bernardino Ribeiro, lote 2 (T. 2514369); Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635); Até às 22 horas; OBRAS: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691); Permanente; CARCAVELOS: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777); Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da

Silveira, R. A. Albuquerque, lote B



DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21h):
Porteiro: 321154 - Redacção: 320271/2/3
Preço do "DL" na Madeira: 48000

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico: DLEBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Horta, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320764



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA- MAR	5.34	1.5 m
12.15	3,3 m	17.53 1,5 m
Dia 2		
0.30	3,6 m	6.28 1,2 m
13.05	3,6 m	18.44 1,2 m

TEMPERATURAS DO AR AS 6 HORAS:

BRAGANÇA	7°
VIANA DO CASTELO	14°
VILA REAL	8°
PORTO	14°
COIMBRA	11°
CABO CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	8°
LISBOA	13°
ÉVORA	10°
BEJA	10°
FARO	12°
SAGRES	14°
PONTA DELGADA	16°
FUNCHAL	15°

Terminada a parte essencial das negociações de adesão

Portugal e Espanha preparam hoje acordo bilateral com vista à CEE

Delegações oficiais de Espanha e de Portugal retomam hoje, em Madrid, as negociações relativas ao acordo bilateral que deverá regular as relações entre os dois países no período transitório da adesão de ambos à CEE. Esta reunião surge na sequência do acordo obtido entre os «Dez» e os países candidato, no sábado, na capital belga, e coincide com a reunião em Lisboa de um Conselho de Ministros extraordinário destinado a apreciar a nova fase do processo de adesão, agora iniciada.

De acordo com o comunicado da cimeira de chefes de Estado e de Governo, realizada em Bruxelas, «o Conselho Europeu constata com grande satisfação que o essencial das negociações de adesão com Portugal e Espanha está agora regulado, nos dossiers chave da pesca, agricultura, assuntos sociais e sistema de recursos próprios».

Nessa reunião, o impasse negociado com os países ibéricos foi desbloqueado graças a aceitação pela Grécia da oferta comunitária de dois mil milhões de Ecus (mais de trezentos milhões de contos) para aplicação nos Programas Integrados Mediterrânicos, durante um período de sete anos. O esforço dos «Dez» no sentido de viabilizar uma proposta aceitável pela Grécia permitiu, assim, que este País

retirasse as reservas que mantinha em relação ao alargamento da Comunidade.

O que é velho desaparece

Entretanto multiplicaram-se as reacções de regozijo perante a conclusão do «essencial» das negociações, notando-se igualmente algumas posições críticas, designadamente do PCP, da CGTP e da UDP, e às advertências avançadas por parte da imprensa internacional. Quanto às manifestações de satisfação sublinhe-se esta significativa afirmação de Mário Soares à Rádio Comercial: «o que é velho e não tem condições para suportar a concorrência exterior tem de desaparecer, apesar dos custos que isso pode ter, para dar lugar ao novo».

Em relação às advertências referida a posição do diário inglês «Daily Telegraph» que afirma que o acordo foi conseguido em face da aceitação pelos países candidatos de condições de adesão que não são para eles as ideais. A imprensa alemã em geral, afirma, quanto a ela, a par do regozijo, que os elevados custos financeiros do alargamento aconselham reacções, moderadamente optimistas. Finalmente, os jornais suíços insistem nos riscos que a coesão da CEE

passa a correr com a sua passagem de 10 para 12 membros.

Portugal/Espanha

O acordo bilateral, cujas negociações recomeçaram hoje em Madrid após terem sido suspensas durante as duas últimas semanas, por via da incerteza que se vivia em Bruxelas, deverá fazer parte do tratado de adesão dos dois países à Comunidade. O seu texto deverá portanto estar concluído no momento da assinatura do tratado que o secretário do Estado espanhol das relações com os «dez» disse hoje dever ser assinado na primeira ou na segunda semana de Maio.

No caso de ambos os países não chegarem a acordo, a CEE imporá nas relações bilaterais as normas comunitárias gerais, que não beneficiam nenhum dos países, mas são sobretudo prejudiciais para Portugal, principalmente no campo do comércio. Nesse caso Portugal teria que fazer a Espanha as concessões que faz aos países comunitários e reciprocamente, o que beneficia Espanha, que, pelo acordo preferencial de 1970, está mais protegida ante a penetração dos produtos dos países da CEE.

A urgência destas negociações, imposta pelos prazos da assinatura dos tratados, e pelos resultados das negociações com a CEE, impõem agora uma nova dinâmica e conteúdo às reuniões

que se iniciam hoje em Madrid.

Na capital espanhola defende-se que teria sido adequado começar as negociações com tempo, mas reconhece-se que «não havia as condições políticas adequadas para uma boa negociação».

Os temas mais difíceis, que surgem como interdependentes, apesar de não se prever que sejam tratados formalmente dessa maneira, são os da Pesca e do Comércio.

O capítulo assuntos sociais, outra questão em que surgiram polémicas em alguns momentos, não parece oferecer problemas maiores.

A possibilidade do reinício de um diálogo político ao mais alto nível, entre Madrid e Lisboa, com a provável visita a Espanha do Primeiro-Ministro português, para assistir aos trabalhos da União dos Partidos Socialistas da CEE, no próximo dia 8, fazem com que em Madrid haja um «reservado optimismo» de que se possa conseguir o acordo bilateral para o período transitório.

A delegação portuguesa, integrada por 12 membros pertencentes a diversos ministérios, será presidida pelo secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, João de Sá Coutinho.

Em princípio, os trabalhos devem prolongar-se até amanhã.



Os números da sorte nas mãos de D. Alzira

Com os mais de nove mil do totoloto

Uma casa para a reforma da família Santos

«Penso comprar um andazinho, pôr o dinheiro a render, passear e gozar o resto da vida», afirmou esta manhã ao «DL» Alzira Santos, que, no boletim entregue pelo seu marido, se tornou numa das primeiras milionárias do totoloto.

«Já sabia que tinha feito seis, mas não sabia ainda o dinheiro que tinha ganho», disse emocionada, depois do repórter lhe ter levado a boa nova. Até à hora do fecho desta edição, apenas os boletins entregues pelo reformado Octávio Correia Santos de 70 anos, residente no Pátio do Aljube, e por um anónimo de Seia, tinham os seis números da sorte escrutinados no passado sábado.

A emoção de ganhar uma elevada quantia de dinheiro era, paradoxalmente, maior na irmã de D. Alzira e nas vizinhas. «Não domi toda noite», confidencia a irmã.

«No sábado, e como não consigo ver bem, pus os números em que tínhamos apostado num papel. Depois, meti os mesmos números num quadradinho à parte. «Os números foram saindo e, cerca das 8 horas, da noite, D. Alzira vai à janela e grita para a irmã, moradora no rés-do-chão do velho prédio, que tinha feito cinco. «O meu cunhado subiu logo, e viu que tínhamos feito seis... mas como não sabia quantos tinham acertado...».

Para este casal de retornados de Angola, há oito anos a residirem na Freguesia da Sé, a sorte ao jogo é já um hábito, sobretudo quando D. Alzira, põe o seu palpite. «Ganhei cinco contos na lotaria do Natal, e nos «cartoezinhos» já me saíram, por duas vezes, dez e quinze contos». Enquanto que os 60 escudos que gastou renderam a passagem dos 71 anos, para a mudança de vida, já os 150 escudos da aposta do marido não deram dinheiro nenhum.

«Dizem que no casino há uma máquina de 25 escudos que está cheia e ninguém lhe tira nada... se calhar». A vontade do jogo é grande, mas a irmã interrompe o que considera o devaneio, «jogo mas é no totoloto, no loto», aconselha prudente.

E, enquanto espera receber o dinheiro, comprar o andar e a televisão a cores, D. Alzira já decidiu. «Estava a fazer favas para o almoço, mas quais favas... vou é almoçar fora com o meu marido».

Este, para já, o primeiro passo de uma vida diferente de um casal de reformados.

PRECISA-SE

Empresa em fase de expansão ligada ao ramo de formulários em contínuo pretende admitir:

- Desenhador com bastante prática que possua alguns conhecimentos de Artes Gráficas.
- Montador que possua conhecimentos de desenho.

Enviar currículo pormenorizado a este jornal ao n.º 30203

Governo aceitou as suas exigências

Médicos não cobram consultas aos doentes dos Serviços Sociais

Os médicos já não vão cobrar honorários directos aos beneficiários dos Serviços Médicos-Sociais por prestação de serviços. A suspensão da cobrança, prevista para hoje, ficou a dever-se ao facto do Ministério da Saúde ter atendido às principais reivindicações da Ordem dos Médicos.

Este novo serviço de prestação de serviços, com efeito, deveria entrar hoje em vigor, de acordo com uma decisão nesse sentido tomada pela Ordem dos Médicos face a um conjunto de situações que, segundo aquele organismo, estavam a prejudicar notoriamente a classe. A mesma Ordem, depois do MS ter dado aprovação aos protocolos acordados entre ele e a Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários, quanto a normativas deontológicas, técnicas e administrativas, reuniu o Conselho Nacional Executivo para revogar

essa disposição e dela dar conhecimento a todos os médicos.

Em comunicado ontem tornado público a OM considera que «compete às secções regionais promover reuniões de todos os médicos interessados para mais completo esclarecimento e apreciação da situação actual e da sua evolução futura».

O Ministério da Saúde aceitou o princípio da revisão anual dos honorários, já aplicável a 1986, que consta desse protocolo assinados com a DGCS, bem como o da retroactividade a 1 de Janeiro deste ano dos valores que venham a ser estabelecidos. «Muito embora os valores previstos pelo Ministério sejam considerados inadequados - diz a Ordem dos Médicos -, sobretudo após cinco anos sem actualização de preços, continuam em curso conversações tendentes a uma resolução do problema».

Médicos não têm formação de gestão

O ministro Maldonado Gonet disse em Coimbra que «o caso a que se chegou na gestão do Ministério da Saúde foi por este ter sido gerido por médicos».

Maldonado Gonet, falando no encerramento do Encontro de Médicos de Clínica Geral que decorreu em Coimbra até sábado, sublinhou que «os médicos que estiveram no Ministério da Saúde antes de eu entrar aí, não eram incapazes, mas não tinham formação de gestão».

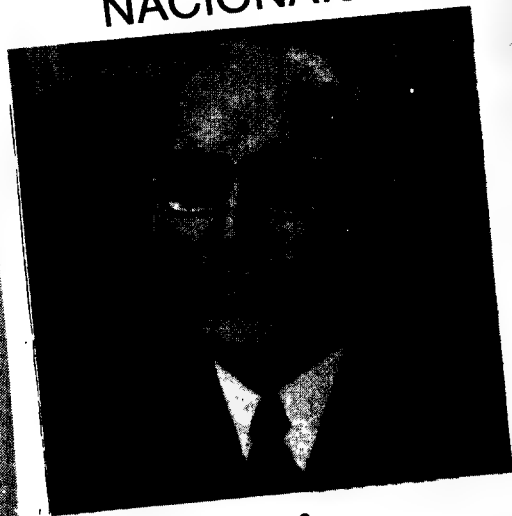
O ministro da Saúde respondia assim à intervenção de um dos participantes no Encontro, no debate das perspectivas para o desenvolvimento da clínica geral em Portugal, que defendeu a entrega da gestão do Ministério da Saúde a médicos.

Maldonado Gonet sublinhou ainda que, quando entrou para o MS, «gastavam-se 30,6 por cento em horas extraordinárias sem benefício nenhum e, hoje, gastam-se apenas 5,8 por cento, sem que daí advinhem problemas de funcionalidade».

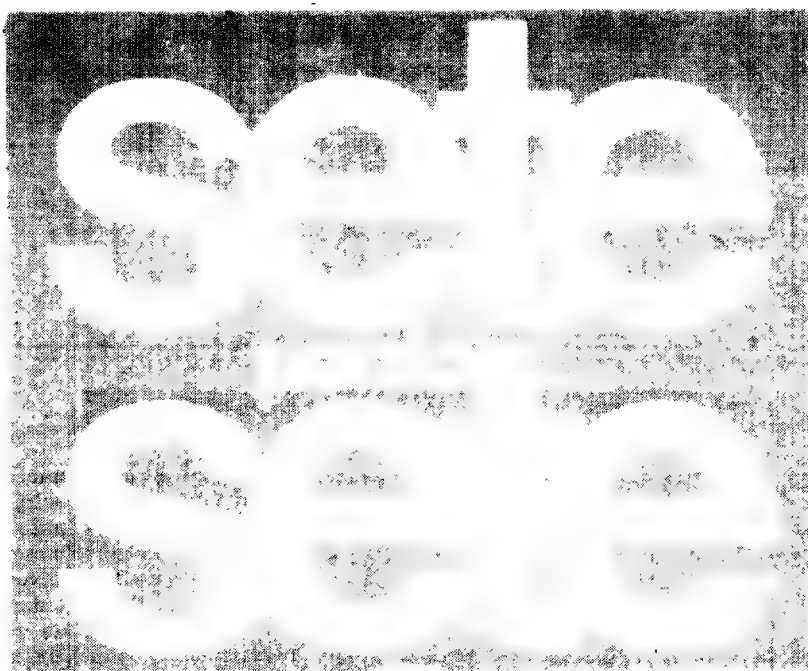
Na prestação de diversos esclarecimentos aos participantes, Gonet acrescentou ainda que, quando chegou ao Ministério, «não se sabia quantas vagas existiam no País quando a médicos, nem mesmo como se gastava o dinheiro».

Quanto ao desenvolvimento da clínica geral e da medicina familiar, o presidente da Associação dos Médicos de Clínica Geral, Mário Moura, disse que isso só será possível com a implementação da formação pré e pós graduada dos clínicos gerais».

NOSTALGIAS
NACIONAIS

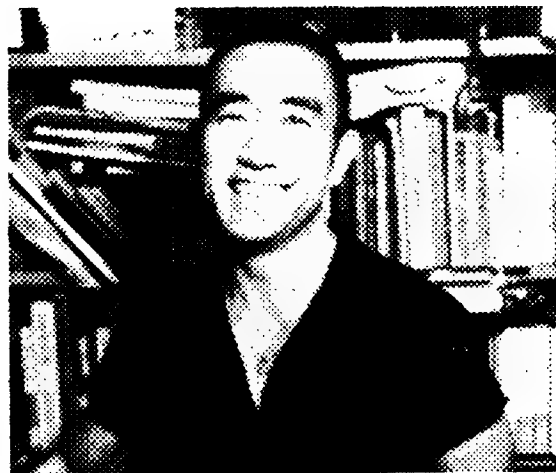


Pág. 3



Destaque:
MISHIMA

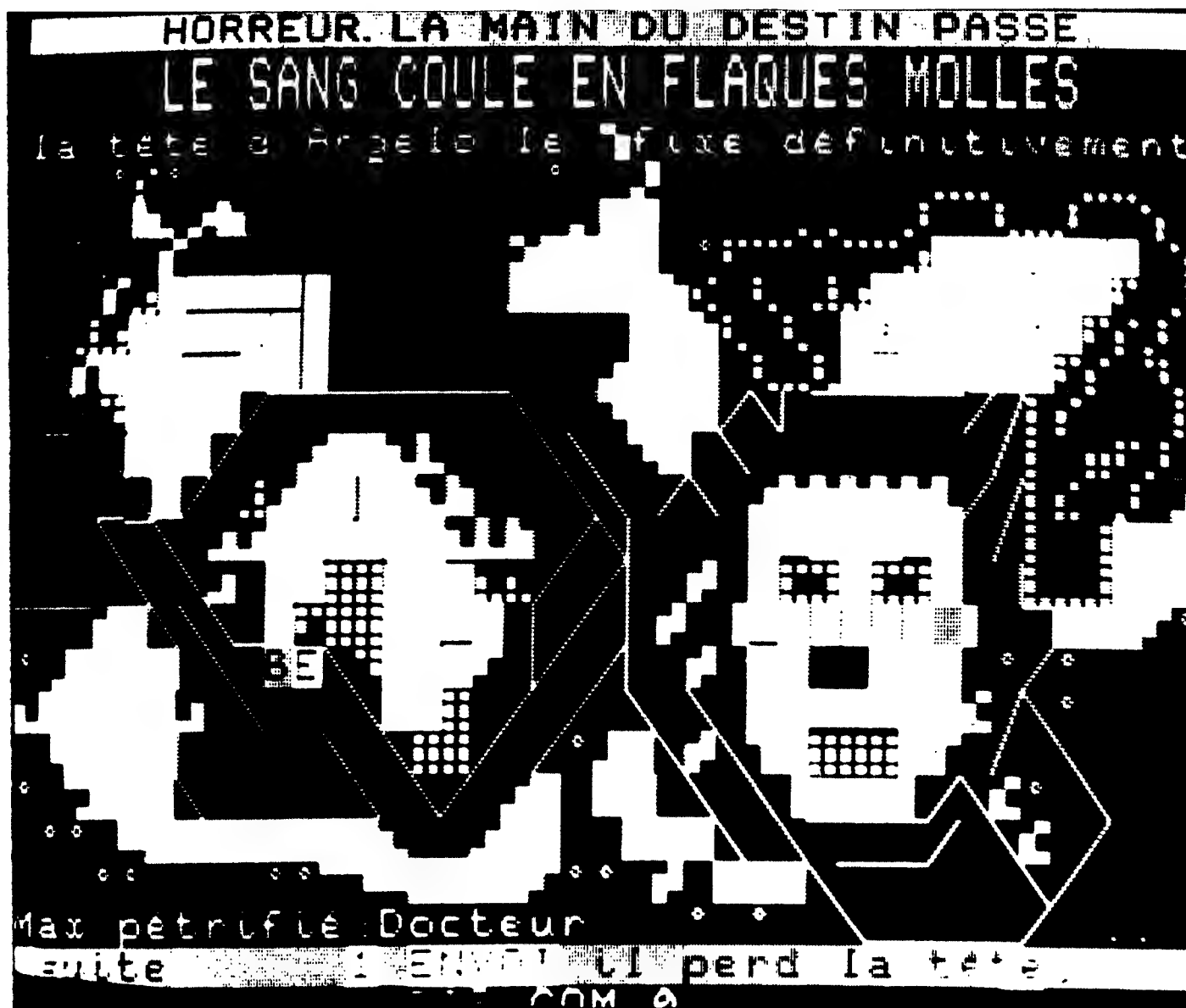
Pág. 7



PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

NO PRINCÍPIO ERA A MENTIRA

pág. 2



Realidade de um casamento impossível

A literatura por computador

págs. 4 e 5

MENTIRA

Se a mentira é tolerada no dia 1 de Abril, é porque de 2 de Abril a 31 de Março é diferente o seu estatuto

Chake Matossian

Consagrar um dia à mentira já é, de certo modo, diminuir-lhe o perigo. Se a mentira é permitida no dia 1 de Abril, é porque de 2 de Abril a 31 de Março é diferente o seu estatuto. No dia 1 de Abril estamos atentos, prudentes perante as palavras ouvidas, somos audaciosos no nosso próprio discurso. Pode dizer-se tudo, inverter através do discurso a ordem do mundo, criar elementos, fazer existir seres ou, pelo contrário, fazê-los desaparecer. Basta falar. Daí somos levados rapidamente a ver que a mentira só tem sentido numa relação com o Outro, e que é nessa perspectiva que é preciso analisar para compreender o interdito que durante o resto do ano plana sobre ele. Mas uma interrogação perante a mentira também implica necessariamente a análise do registo da verdade. É porque acreditamos no valor do verdadeiro que condenamos a mentira. Ora, tal como o mostrou Nietzsche, esse valor atribuído ao verdadeiro, essa crença, repousa ela própria na moral. Há, consequentemente, algo que na origem, não agrada e que temos que esquecer: uma certa violência aniquilada pela moral e a que o discurso «objectivo» pretende es-

capar. A objectividade não pode eliminar totalmente a relação intersubjectiva: esta última emerge mais do que nunca do estatuto de verdade ou de falsidade que será aribuído à palavra.

É porque há o Outro que eu posso ser enganado ou enganar. A mentira incomoda, irrita, está condenada porque o mentiroso considera o outro como um objecto, isto é, como um meio e não como um fim. Por isso mesmo a mentira é, antes de mais uma palavra imoral. Ela põe em causa a minha crença na comunicação com o outro, sacudindo a confiança estabelecida a priori. Ela fez vacilar a minha crença na verdade visto surgir subitamente uma não-verdade em que acreditei. Com a mentira o ser encontra-se lançado num abismo escuro onde o verdadeiro e o não-verdadeiro se tornam indiscerníveis, onde a realidade do mundo não é mais do que o objecto de uma dúvida permanente. Quanto ao mentiroso, esse encontra-se necessariamente na posição do Poder, dispõe do outro, cria o mundo como quer. E é justamente por causa desse poder do mentiroso, que a mentira provoca angústia. Ora se há angústia é porque a

mentira se revela como algo de originário, e talvez mesmo como base de toda a relação intersubjectiva (Serpente, Eva, Adão). Platão (que, no entanto, previra que o Poder, na República, pode usar uma «boa» mentira se isso for necessário para a salvação da Cidade) denunciava as histórias mentirosas que as amas contam às crianças. Eles indicam assim que as primeiras relações comunicacionais não são somente afectivas mas pesadas de palavras enganadoras e perigosas para o espírito. O primeiro objecto de amor, esse Outro que nos alimenta e nos cobre de carícias, esse primeiro objecto de gozo perverter-se-á pois duas vezes: uma vez deixando-nos aperceber e compreender o mundo em função do prazer e do afecto (em vez de nos aprender a procurar o mundo em si), e uma segunda vez contando-nos histórias em vez de nos fazer descobrir, graças ao Logos, o caminho da verdade, do belo e do bem).

O mentiroso é sempre considerado como um usurpador, como um ser que abusa de um poder porque viola o contrato de confiança mútua que permite o diálogo. Por outras palavras, a mentira tem sempre algo de

morte violenta, anula o outro, lança-o num mundo inquietante feito de probabilidades. Lacan sublinha esta relação simbolicamente assassina no seu seminário sobre a carta roubada onde cita a este respeito uma exemplar história judia: «Por que me mentes tu exclama ele, exausto, sim, por que me mentes dizendo que vais a Cracóvia para que eu julgue que tu vais a Lembert, quando, na realidade, é a Cracóvia que tu vais!» (Ecrits, p. 20).

A sufocação, a raiva que se apodera da vítima do mentiroso mostra que a questão da mentira, e logo a da verdade, é, antes de mais, moral. A sufocação, a raiva, o grito são sintomas dessa reificação da pessoa. Nietzsche mostrou magistralmente o íntimo elo que une a crença à moral.

Por que querer mais o verdadeiro do que o não-verdadeiro, perguntava ele. Não seria verdade que em última instância, a valorização do verdadeiro e o desprezo pelo não-verdadeiro são uma mesma coisa? «Apesar do valor que se deve reconhecer ao verdadeiro, à veracidade, ao desinteresse podia ser que se devesse atribuir à aparência, ao desejo de enga-

nar, ao egoísmo e à cobiça um valor superior e mais essencial para toda a vida. Podia mesmo acontecer que o valor dessas coisas boas e bem reputadas consistisse justamente na maneira insidiosa como elas são aparentadas, ligadas, enredadas, talvez mesmo essencialmente idênticas às coisas más que lhes parecem opostas» (para além do Bem e do Mal).

Em termos diferentes Freud indicava-nos, em *Mal estar na civilização*, que a valorização do belo, do verdadeiro, do bem, não era mais em suma do que o resultado de múltiplos desvios operados pelas pulsões que, por essência, se situam para além do bem e do mal. O refluir da agressividade, do ódio, da morte violenta, do desejo de transformar o outro em objecto, continua pois a ser a base do amor, do belo, do verdadeiro, do bom. Nada é menos natural do que esse amor que só se pode existir graças às interdições do Superego que condena as nossas pulsões. Assim, Freud aproxima-se de Nietzsche mostrando-nos também que aquilo que fundamenta os valores da cultura não tem nada a ver com a objectividade e que todo o

contrato social só se prende por uma obrigação moral que repousa, ela própria, na recusa.

Consequentemente a mentira volta a agitar as bases do contrato, a indicar um local de origem, o das probabilidades, para além do bem e do mal. Mas também nos permite ver que o próprio contrato reside na mentira, na negação da morte violenta do outro. Freud já nos disse, nada nos é mais estranho do que essa máxima que é uma base da vida em comum «amarás o teu próximo como a ti próprio». Esta mentira originária, encontramos-la na estrutura psíquica do indivíduo, no desdobramento que faz com que «eu sou outro», em que mentimos a nós próprios, em que relegamos para a inexistência tudo o que nos incomoda.

As convenções sociais, a delicadeza, não redizem à sua maneira esta mentira primordial? O que é o elogio senão uma mentira socializada? Quantos «Como estou contente por o ver!» não escondem «Pronto, aqui está outra vez este chato!» E quantas surpresas não teríamos se vissemos as caras dos que nos respondem eufórica e gentilmente ao telefone!



Quantas surpresas não teríamos se vissemos a cara de quem nos responde eufórica e gentilmente ao telefone!

M

E

D

I

A

A nossa nostalgia

Que há de comum entre o fascínio das cartas a Marcelo Caetano e o fascínio pelo novo herói televisivo, o detective Columbo?

Nos tempos modernos o que era estranho torna-se próximo, conhecido, mas à custa de uma inversão, que está longe de ser evidente: refiro-me ao destino de tornar-se estranho o que era familiar.

Esta dialéctica, que já não pode sê-lo, liga-se às novas formas de representação e de temporalidade induzidas pela técnica, tanto na arte como na política.

Numa frase sibilina Musil aludiu um dia à «vida insólita que as coisas assumem no isolamento óptico». Esta vida insólita das coisas é no fundo sinal do insólito da vida moderna, fragmentada, dividida, separada que denuncia uma identidade impossível, nostalgicamente perdida numa das esquinas do nosso tempo, e que o «olhar» não consegue reconstituir por ser demasiado «frio».

José Bragança de Miranda

Frio, com a frieza das máquinas de isolamento óptico que são o cinema e a televisão. Frio, por o movimento que anima as imagens ser apenas maquínico, acelerado pelas máquinas, mas intocado pelo espírito que tudo teria desertado.

O problema de um olhar integrante de todos os sinais isolados meros indícios de uma corpo desaparecido, é que precisa de dar transfusões de alma às máquinas, dotando-as de sentimentos, de uma afectividade capaz de restituir o que se passou antanho, na verdade de um passado, cuja fragmentação em sinais ópticos, torna indiferente o tempo.

Os portugueses inquietados por uma «saudade» que sempre retorna, procuram escapar à modernidade, mas com uma nostalgia de não poderem ser resolutamente modernos, a não ser nessa inquietante incapacidade de escapar a um sentimento, a uma afectão, que tinge tudo com o que Musil chamou uma «totalidade do afecto», que transforma os indícios em signos de afectão.

Como se explicará de outro modo, o êxito dos livros sobre Marcelo Caetano, nomeadamente o mais recente intitulado «Cartas particulares a Marcelo Caetano», senão por uma «saudade», uma nostalgia a um outro tempo, mais unido nas representações, mas também nas lutas? Nostalgia que parece prenunciar um «crime», uma grande traição.

Em Portugal morre-se do desejo de saber tudo o que se passou, porque se perdeu esse tempo, e o nosso corpo imperial, quem foi o responsável, ou quem traiu. Procura-se atingir o último resquício da «verdade», mas apenas se repete a totalidade de um afecto-saudade, que de moderno tem apenas a vontade de saber, que é indissociável da necessidade de vigiar, de acusar. Sobre estas cartas a Marcelo Caetano a tinta corre, e vai continuar a correr, mas o que se teme é que a tinta represente o sangue, a violência que se procura decifrar nos fragmentos da «história».

As cartas referidas, fazem sinal para o fascínio da série televisiva **Columbo**. É a nostalgia que tinge toda a nossa política, e que colora tudo o que nos vem de fora, que é responsável pelo êxito desta série. Senão vejamos o que nela nos prende...

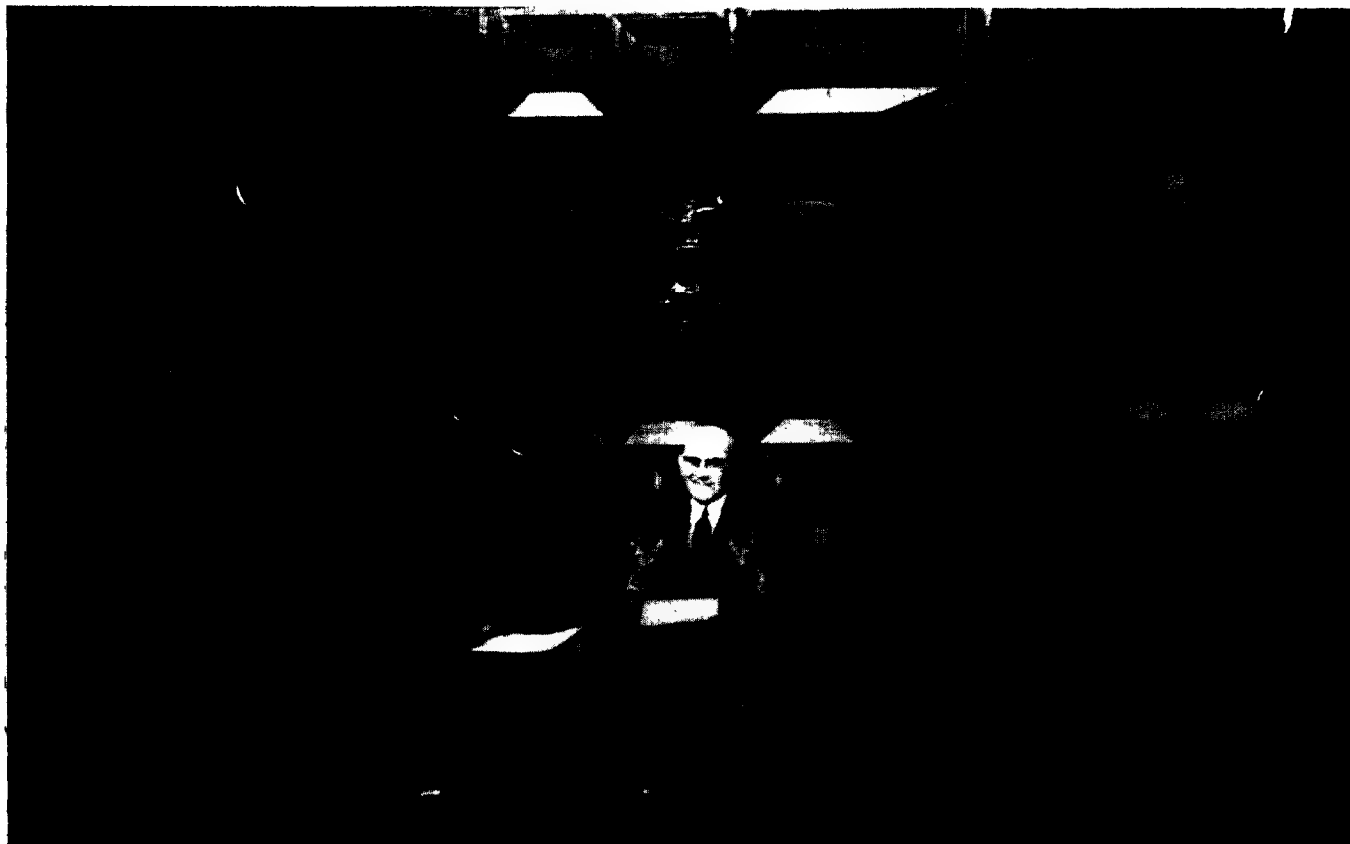
No policial clássico parte-se da oposição entre o facto «real» do crime, e os indícios em que o crime se deixa ver. O espectador concorre com o detective para a ordenação dos indícios, criando para isso ficções que os ligam entre si até os fazer dizer a verdade do «facto-crime». Mas na situação clássica a única ordenação verdadeira é a do detective, que desvaloriza as outras como ficções, falsos pretendentes ao estatuto da boa ordenação dos indícios, que compete apenas ao detective, enquanto representante do saber total cuja vontade de verdade é garantia de que a sua «ficção», só é ficcional provisoriamente, ou seja, enquanto a investigação não termina. Isto leva a posicionar o detective como o lugar do espectador, racionalmente à procura da verdade, assumindo miticamente as formas de uma epistemologia branca do saber pelo saber; é esta a sua paixão que se nega enquanto tal.

Em **Columbo**, inversamente, o saber total está do lado do criminoso, como sempre esteve, mas, e é isso que distingue, é possuído imediatamente pelo espectador, enquanto o detective se embarça nos indícios. Ou seja, o espectador tem o mesmo saber do criminoso, assistindo fascinado ao forcejar do detective com os indícios, sempre escassos, ao crime. Há também aqui uma participação na vontade de saber mas misturada ao «prazer do crime».

Como explicar esse prazer, e essa fascinação? Um elemento importante é o sofrimento com que se vê Columbo reconstituir a partir dos indícios algo que só o criminoso sabe (e quem sabe é criminoso, essa é a equação fascinante desta série), e de cujo conhecimento é despojado, fragmento a fragmento.

A violência desta epistemologia policial é que as ficções que o criminoso vai apresentando para ocultar o «crime» no enredado dos indícios, vão sendo falsificados por um detective insignificante igual a todos nós.

Enquanto o criminoso assenta a sua estratégia na separação de dois tempos: o do crime inicial e o da ordenação possível dos indícios que o inocentiza; o detective, esse, só tem uma paixão: a do retorno a esse tempo inicial onde o crime se cometeu, e de que os indícios seriam um mero **puzzle**. Aliás, **Columbo** não procura a identificação com



o espectador, pois esse pequeno homem com cão é mrs. Columbo, antes deixa entrever o que há de ameaçador no familiar, no pequeno, e é essa a idealidade da sua figura.

Columbo vai consultar os especialistas (da magia, da ciência, da arte, etc.), porque o seu «truque» é ser mais do que especialista — é isso que perde o criminoso —, de forma a batê-lo no seu campo estando de fora. **Columbo** vai consultar especialistas sem génio, para que o confirmem como génio sem especialidade, que é o inverso do

especialista genial que é o criminoso. O que faz a sua genialidade é o facto de, na sua rigorosa abstinência da dúvida, ser homem de uma só paixão: a da morte, que compartilha com o criminoso, mantendo-se ligado, mas de fora, a esse primeiro crime que despedaçou o real, deixando apenas os fragmentos e um lugar vazio.

O fascínio do espectador português por **Columbo** advém da nostalgia desse tempo passado, e do receio da fragmentação que parece apelar para uma reunificação que o tenente Columbo

representa, ao mostrar em acto a paixão do todo, no bordo limite da morte. Na sua paixão pelo retorno à origem do crime, o detective ensina os espectadores receosos e fascinados, que nos indícios, nos fragmentos há sempre um superindício, que é da memória afectiva total, que se descobre como sendo toda a história condensada num fragmento. Este serve de fio com que cosim os fragmentos, num trabalho violento que mostra a possibilidade de que o trazer à luz a razão do crime, possa acobertar um crime da razão, de que

se tem saudade, mas se receia.

A nossa procura do tempo passado nas cartas de Caetano, e a nossa fascinação por Columbo têm uma raiz comum: a nossa saudade por algo que se perdeu, pelo que foi partido e perdido num «crime» originário, mas também o nosso medo pela descoberta de que, mais do que implicados num crime ou traição, nos impliquem num crime imaginário — o do Poder que vigia todos os recantos do mundo, para unificar nunca esteve unido.

SINAIS
DOS
TEMPOS

O noivado poético entre

O casamento impossível realizou-se: as núpcias da razão e da inspiração, da máquina e do poeta, da técnica e do sonho.

Monique Nemer e Josyane Savigneau

Jean-Pierre Balpe escreve à máquina. A primeira vista nada de surpreendente. Mas aqui, escrever deve ser tomado no sentido pleno, e a máquina é uma Micral, uma Alcyane — ou Prime-2250. Membro da ALAMO — a oficina de literatura assistida pela matemática e o computador —, ele cria os seus textos a partir de programas informáticos.

Para muitos a ideia é desconcertante e até escandalosa. Que acontece então à sonhadora anarquia da inspiração, ao perturbante mistério do «não sei quê» poético? E onde se vai parar se a máquina investe este último bastião da individualidade, a criação artística? Quando a reacção não é uma simples rejeição, ela é de sorridente condescendência. Simples gadget.

Não é esta a opinião do muito oficial congresso mundial de informática, que consagrou, em 1983, três das suas sessões à **Art et informatique**. Nem, claro, é a de todos os que trabalham na página-ecrã, no romance telemático, na literatura combinatória, interactiva, funcional ou dedutiva. Etiquetas um tanto frias para o que é muitas vezes, ao mesmo tempo que rigoroso, divertido, estranho, cómico, inesperado — em suma, poético. A grande herança oulipiana (ver caixa) de que a ALAMO se reclama não tem em si, especialmente, o espírito da seriedade. Mas os escritores da «nova maneira» não são iconoclastas. O romance telemático **Vertiges** está colocado

sob o signo do **Coup de Dé de Mallarmé**, e, na **Action poétique** (!), Paul Braffort lembra que Swift sonhou, nas **Viagens de Gulliver**, um espantoso engenho para fabricar textos.

A verdade é que os bons e velhos conceitos estão um pouco agitados. Assim acontece com a linguagem que, proferida, decorre no tempo, e que, escrita, se estende no espaço. A maleabilidade da página-ecrã anula essa composição, autoriza as permutas, conjuga o espaço e o ritmo. A caligrafia que séculos de Imprensa deixaram inerte na página-papel tornou-se dinâmica. Roger Laufer, professor em Paris-VIII faz, no ecrã do microcomputador manipulações de palavras e de cores, anamorfoses tipográficas.

«O livro-ópera multimedias»

Roger Laufer imagina já o **livro-ópera, multimedias, o livro que reuniria imagem escrita, voz e música**. Mas ainda aí não chegámos, os obstáculos técnicos são numerosos — mesmo que só se tratasse do espaço limitado e da curvatura do ecrã. Mas investiga-se — a primeira tese sobre a arte e a informática foi defendida em 1984 por Michel Bret e fazemos experiências. Vindo de uma tipografia, Tibor Pap apresenta as suas criações sobre **poesia-exito**.

O romance telemático, esse está na intersecção do trabalho sobre o grafismo e a escrita

McLuhan contra Gutenberg, a imagem contra o texto, o ecrã contra o folha de papel: um conflito ultrapassado. Quanto mais imagens se produzem, mais se produzem textos, mais as pessoas se olham e mais escrevem. O aparecimento dos novos suportes da comunicação e da informação e as suas consequências, a escrita múltipla, à distância, etc., subvertem as categorias e, sobretudo, o dualismo no

combinatória. Já se conhecia ACSOO, de Camille Philibert, Guillaume Baudin e Jean-Paul Martin. Neste «polar» interactivo e extravagante, o leitor constrói a seu modo o labirinto das suas investigações. Os dois primeiros reincidiram — com novos parceiros — criando **Vertiges**, «**ficção telemática, arborescente, composta de sete contos**». Cada um deles descreve a vida de uma das sete personagens — Hugh, Willy K., Samy, Sara, Black e Decker (naturalmente siamês), Urgula e Lala.

Interactivo como ACSOO, **Vertiges** permite ao leitor traçar, segundo a sua escolha, nestas existências, um percurso amoroso «**sandiano, voituresco ou necrófilo**», segundo sete totens — Big Gris-Gris, Devoção mecânica, Medusa, Zona erogena, Vitriolo, Sombra e Poira de amor — que dá a sua tonalidade às vidas perturbantes e perturbadas das personagens.

Sete totens — e poucos tabus. Camille Philibert constata que se tem «**tendência para ir para o lado do sangrento como para aquecer o ecrã que é frio**». E, com efeito, Willy K., o dentista vampiro, passeia os

seus frascos de hemoglobina de Vitriolo em Zona erogena, em total desdém pelas suas vítimas exangues, enquanto o coração de Urgula — o seu braço telemático — palpita em cor do canto do ecrã logo que o seu destino desastroso é encontrado.

A exposições **Os imateriais** apresentada no Centro Georges Pompidou a partir de 28 de Março, abre o debate sobre o «**pós-modernismo**». Essa **exposição** não se propõe explicar mas **tornar sensível o senti-**

mento da complexidade das coisas ao longo de percursos que os visitantes percorrerão. Trata-se de fazer cessar o divórcio entre cultura tecnológica e cultura ligada às ciências humanas, uma oposição perigosa que corre o perigo de fracturar o sistema de valores.

A ideia, hoje contestada, de «progresso» já não assegura a coerência entre evolução científica e evolução humana. Assim, o fim do século vinte marca o luto do dezoito. Mas, sobretudo, uma falsa oposição, porque põe em rivalidade produtividade e eficácia, de um lado gratuidade ou até luxo, do outro. Não é assim tão simples. O êxito da informática junto do público também passa pela sua utilização lúdica e artística. Grandes empresas já compreenderam a aposta económica, e não desdenham um certo mecenato. Assim a Olivetti pôs um computador à dis-

E porque além do prazer que ela dá, essa narrativa com apoio videotexto interroga sem complexo os limites e as sujeições da narrativa clássica — verosimilhança, unidade de carácter, evolução psicológica — tal como agita as ideias feitas sobre o «autor», o «texto», a própria «leitura», mais transformação do que consumo. Mas, ao mesmo tempo que em Jacques le Fataliste tudo está escrito no «grande rolo», tudo o é, aqui, no «rolo»: o romance telemático não produz texto, ele só permite, com jubilosa usura, utilizá-lo.

As investigações levadas a efeito pelo grupo ALAMO, tentam ir além, reunindo informáticos e escritores. Escritor, Jean-Pierre Balpe gosta da palavra assim como do termo de «**escrita assistida por computador**» e não «**escrita automatizada**». Tanto para ele como para Paul Braffort «**nenhuma obra específica pode resultar da aplicação de um processo puramente automático**». O escritor continua a ser um autor, um criador, visto que concebe o algoritmo de produção e escolhe nas realizações propostas pelo instrumento, as que ele quer reter». O computador é isso antes de mais, uma força de proposição, uma «**máquina de multiplicar os possíveis, de inventariar as situações**».

Nestes trabalhos, no primeiro nível de composição de textos encontra-se o método combinatório explorado pelo romance telemático: todos os

elementos são fornecidos pelo autor, e o programa limita-se a reger-lhe a colocação. Era o sistema dos **Cent mille milliards de poèmes**, de Raymond Queneau, é o das **Locutions introuvables**, de Marcel Benabou.

Em **Un aphorisme peut en cacher un autre**, Marcel Benabou trabalha segundo os mé-



Em **Un aphorisme peut en cacher un autre**, Marcel Benabou trabalha segundo os mé-

Quéneau, explorador

O Oulipo, oficina de literatura potencial, foi fundado em 1960 por Raymond Queneau e François Le Lionnais. Grupo de investigação de literatura experimental diz-se na intersecção da lógica e das matemáticas, por um lado, e da retórica e da poética por outro, cruzamento este que se encontra nas obras de Georges Perec e de Jacques Roubaud. Rompendo assim com a herança surrealista, Queneau afirmava que «**só há literatura voluntária**». Ora se toda a literatura obedece a regras, jogar com essas regras através da matemática não é sair do literário mas entrar nele mais profundamente, fazendo do jogo uma maneira de o explorar. O Oulipo previa, com este objectivo, a utilização possível de máquinas que tratassem a informação.

A ALAMO, oficina de literatura assistida pela matemática e pelo computador realiza este programa. Fundada em 1982, reúne escritores e informáticos. O grupo é constituído por Simone Bazard, Jean-Pierre Balpe, Marcel Benabou, Mário Borrillo, Michel Bottin, Paul Braffort, Paul Fournel, Pierre Lusson e Jacques Roubaud. Tem o projecto de utilizar «**de todas as maneiras possíveis o computador ao serviço da literatura**», vários auxílios — ministério da cultura, museu de la Villette, Centro Pompidou — permitem desde há pouco à ALAMO a elaboração de programas de escrita mais amplos do que os que até então eram impostos pelo uso dos microcomputadores.



Homenagem a Botticelli em computador: a sua Vénus, de contornos corrigidos pela geometria, nasce numa página-ecrã de romance telemático

a literatura e o computador

posição do escritor Umberto Eco.

A «pós-modernidade» está actualmente na linha mais alta entre o **Tudo é o mesmo e deixemo-nos estar** — atitude fim de século — e a troça às oposições simplistas. Os que trabalham em arte com as novas tecnologias, construindo romances telemáticos, tentando experiências de literatura interactiva, dedutiva, de escrita colectiva à distância (os resul-

tados podem ser vistos em «Immatériaux», parecem estar do segundo lado. As suas criações são apaixonantes, mas ainda mais interessante é o seu gesto, que poderia ser simbolizado por este poema curto, em forma de haikai, feito por Jean Pierre Balpe com um computador:

**Dans le fourré
Une jeune fille passe
Tout, encore, peut changer.**

decorre numa cidade: tudo é fácil nas cidades, são locais secretos, obscuros dissemelhantes. Uma costureira de vinte e um anos, Sémiramis Latonsso...

De um lado o instrumento — anónimo, impessoal e frio, o

mundo ordenado da razão matemática; numa palavra, o cálculo. Do outro o poeta — o impulso inspirado, o estremecimento íntimo, o mundo inefável da sensibilidade artística; numa palavra, a autenticidade. Um frente a frente astucioso,

velho de dois séculos.

E se, justamente, os trabalhos actuais tivessem, como virtude principal, fazer entrar em colisão estas duas séries de estereótipos? A literatura sempre se deu bem censurando o lugar-comum. Talvez se

encontre nisso. Etimologicamente poesia vem do grego «poiein», fabricar.

(1) O número 95 de *Action poétiques*, publicado na Primavera de 1984, é inteiramente consagrado à ALAMO.



todos da literatura funcional. De um «texto cheio» extrai-se, por abstracção, o «molde». O contacto do molde e de um léxico, constitui a aplicação, o programa, que estabelece as sujeições sintáticas e semânticas que permitem a realização de aforismos a um tempo familiares e incongruentes — «Nem o silêncio nem o futuro nos faltam, o que nos falta é o ritmo», ou «Nada agrada tanto à forma como a volúpia».

A literatura funcional permite as experiências mais imprevisíveis. Basta tomar um léxico de Rimbaud e um molde baudelaireano para engendrar um verso indubitavelmente rimbaudelaireano — «Sois sourde, ô ma colombe, et fais-toi plus mystique» — a menos que, invertendo os termos, ele fique baudelaireimbaldiano: «Comme je réclamaï des fêtes surannées»...

Para além do pastiche e do jogo dos «auteurs valises», o processo impõe a análise minuciosa, consciente, do facto poético. O programa *Stephie Mallarm*, criado por Jacques Roubard, Pierre Lusson e Paul Brafford, diz mais sobre a preponderância da sintaxe em Mallarmé do que dezenas de descrições. Porque o que haverá de mais mallarmeano que: «Le vide, le visible et le blanc horizon/Doit-il nous éclairer avec un ciel d'or sombre/ Ce sol froid obscurci que fixe sous son ombre/L'eblois-

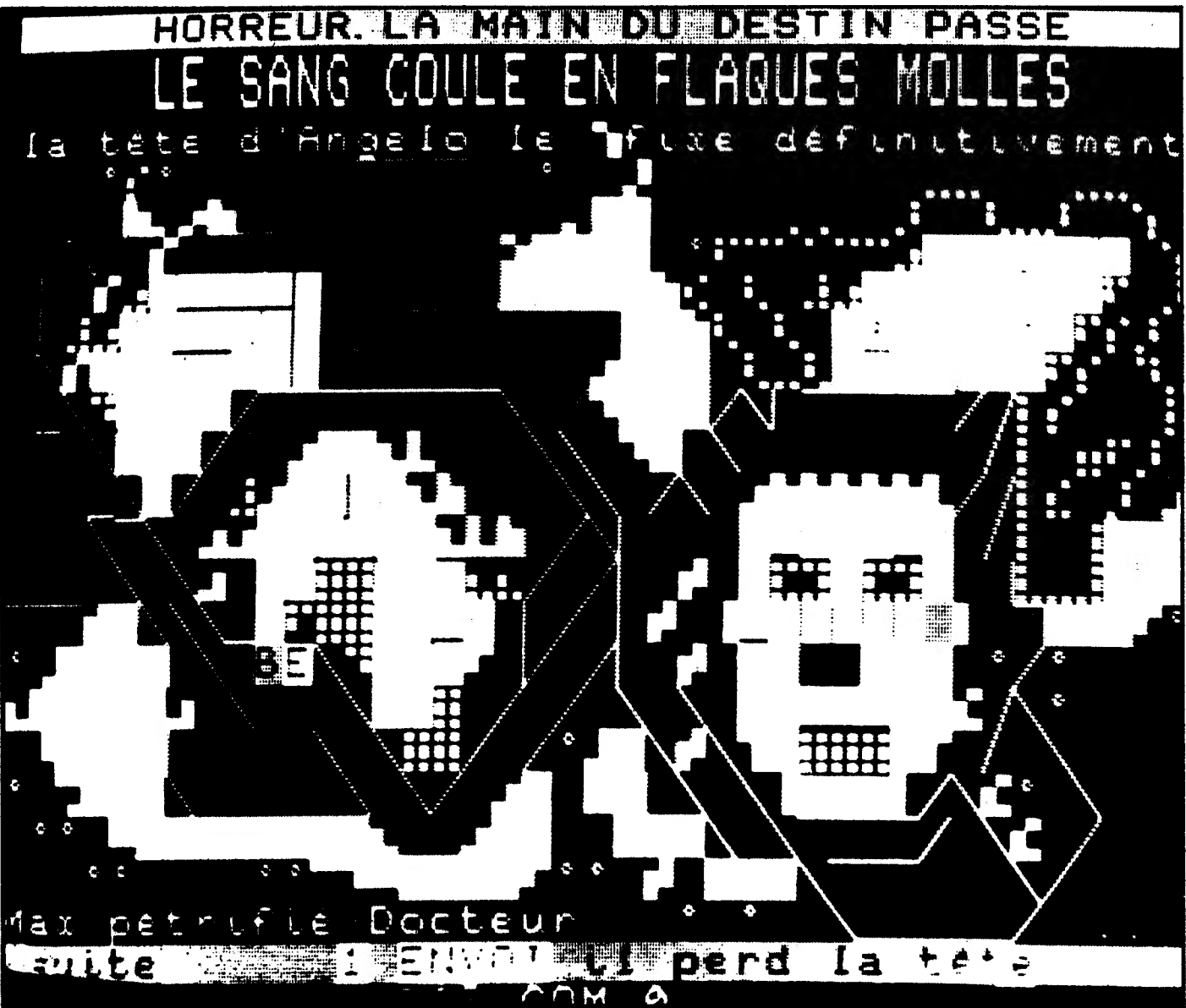
sant miroir des mots qui n'ont qu'un son?»

A máquina e o sonho

Mas essa literatura funcional ainda está dependente de um texto prévio mesmo que lhe desenvolva infinitamente as potencialidades. As investigações mais actuais, as mais radicalmente novas, vão para a literatura dedutiva, ligada aos trabalhos sobre a inteligência artificial. Aqui, nenhum texto previamente escrito: o autor forma algoritmos de produção a partir de léxicos e de conhecimentos formalizados, criando «micro-universos» cuja lógica singular controla os moldes sucessivos até à realização final.

Na verdade, que realização final? Jean-Pierre Balpe estabeleceu um programa que permite escrever 10³⁶ contos. Mesmo que se tratasse de uma impressora muito capaz, seria necessário, para escrever a totalidade dos contos potenciais, a bagatela de 560 milhões de triliões de séculos — aproximadamente!

A máquina mata o sonho? Num tempo impensável num silêncio sideral, uma impressora continua uma das 10⁴⁵ realizações do conto número 8 dos 765 *Petits Contes*, por vezes tristes ou perversos, concebidos em 1984 por Jean-Pierre Balpe: «Esta narrativa



O objecto perdido e o corpo reencontrado, a aliança do romance policial com a banda desenhada. Max, o herói, descobre o cadáver de seu amigo Angelo

Olga e Max, impetuosamente

Olga e Max são marido e mulher. Ou antes, foram-no. No entanto, as suas narrativas desenrolam-se separadamente em *L'Objet perdu*, terceiro romance telemático apresentado em França na exposição «Les imateriaux». As páginas ecrã nas quais se inscrevem os seus destinos, misturando texto e grafismo, foram concebidas por Camille Philibert, Jacques-Elie Chabert, Jean-Paul Martin e Dominique Horvilleur. Os três primeiros já tinham realizado *Vertiges*, ou *l'écran des destins céroisés*, uma ficção de bifurcações e «arborescência», que se viu no mês de Maio, em Lyon. «Pessoas que trabalham no Centro de criação industrial do Centro Pompidou viram *Vertiges*», explica Camille Philibert, e *pediram-nos para reflectir num projecto para «Les imateriaux».*

Na exposição pode ler-se *L'Objet perdu* em cinco Minitel e cinco aparelhos de televisão a cores. Mas não se trata, para o leitor, de ver desfilar os trezentos ecrãs deste romance. É preciso chamá-los e, se não compor a narrativa, pelo menos organizar a sua leitura. «Consulta-se, com as idas e vindas desejadas, o corpo da narrativa», diz Camille Philibert. **Justamente para fixar a estrutura do romance, partimos do corpo. Desenhámos um corpo bem separado pela coluna vertebral. A cada metade atribuímos um sexo diferente e assim construímos os nossos heróis, duas personagens reduzidas, dois clichés, Olga e Max.**

A história de Olga começa dez anos antes da de Max, que será seu marido. A história de Max, essa começa no momento em que Olga o deixa. É evidente que se pode ler cronologicamente. Primeiro «o romance de Olga»: programa-se o seu nome no teclado do Minitel, depois, no fim de cada página-ecrã bate-se na tecla «continuação». Faz-se depois o mesmo para o «romance de Max.»

Até aqui nada de muito diferente de um livro de papel. Mas, em qualquer altura se pode carregar na tecla «guia» para fazer aparecer ecrã «simbólicos». Passando pelo «simbólico» — a coluna vertebral — circula-se de Olga para Max, de cabeça para cabeça, de corpo para corpo, embaraçando e desembaraçando aventuras delirantes.

Já não se acompanha, cavalga-se, em perseguição dos heróis num romance policial do lado de Olga, numa espécie de novo-romance do lado de Max, tomado de ciúme e de remorso. Nos meandros dos seus percursos, cruzamo-nos com Angelo — que se tornará anjo, — com Séraphine Tantal, célebre proprietária de uma galeria de arte, e com uma multidão de outras pessoas. Perdemos-nos jubilosamente nas sinuosidades da narrativa. Para os visitantes da exposição, que têm pressa, os autores inventaram um «percurso rápido». Mas não é recomendável. É muito melhor aproveitar o tempo.

Tanto mais que tudo caminha para o mesmo fim, a explosão. «Atenção! Isto vai explodir!», anuncia o último ecrã. O computador não explode. A história, sim. O «objecto perdido» talvez seja a parte da narrativa que fica para além da explosão, a que é preciso encontrar. O leitor pode fazê-lo, visto que lhe é proposto escrever no ecrã. Tem mesmo a possibilidade de armazenar o seu texto no computador e de o fazer passar mais tarde.

Um último pormenor: num dos ecrãs assiste-se ao «primeiro beijo telemático», saído de um filme americano de série B. É desenhado traço a traço e à medida que decorre a cena de amor. Uma estreia.

(1) *L'Objet perdu*, para além da sua apresentação nos «Immatériaux», no Centro Pompidou, de 28 de Março a 15 de Julho, pode ser consultado em Minitel no jornal *Libération*.

M U D A N Ç A

Do determinismo da qualificação ao real desordenado

Estamos num momento em que muito morre do que estava assente, e muito de novo surge de todos os lados. Damos aqui mais uma vez atenção ao que vai e ao que chega, em ventos de mudança.

Rui Eduardo Paes

Os discursos dominantes nos terrenos do político e do psicanalítico vieram trazer aos conceitos comuns de utilização no quotidiano dois apriorismos perigosamente redutores: o **tudo é político** e o **tudo é sexo**.

O leitor poderá obstar dizendo que a política nunca por si mesma se intencionou como um todo ou que a sexualidade como a psicanálise a concebe (no sentido das pulsões sexuais, da energia sexual) não abarca enquanto tal a totalidade humana, ou seja, que nas práticas política e psicanalítica não reside essa **intenção**. Admitamo-lo. De qualquer modo aí está o homem da rua que dirá, **por reflexo** — tudo é político ou tudo é sexo.

O que se passa de facto é os domínios do político e do psicanalítico terem inerentes uma perversão de base, e de comum um mesmo modo unidimensionalizante, redutor e totalista de pensamento, marcas de um racionalismo que só há bem pouco se passou a pôr globalmente em causa. Morrem as ideologias sistemáticas, fechadas, construídas de pretensas «verdades» e dessacraliza-se a ciência, a tentação da lei endeusada, do mecanicismo, da causalidade absoluta, da objectividade perfeita. No entanto, o chamado «senso comum» que a cada passo se utiliza na vivência diária está estigmatizado com tais noções falsificantes.

O político, (o Estado) invade-nos as casas e as consciências, faz-nos ver que para lá dele nada existe e nada pode ser fundamental. A quem manifesta o seu desencanto e o seu cansaço contrapõe-se a máxima de que nada escapa à política e que negá-lo é necessariamente uma aberração.

No domínio sexual acontece o mesmo: o que ficou do freudismo na cultura média dos cidadãos leva estes a pensarem que na realidade o sexo está por detrás de cada movimento que façamos. Mas não é precisamente isso o que faz a psicanálise, pôr o impulso sexual na origem de qualquer dos actos humanos, comer ou criar uma obra de arte p. ex.? No campo do político e no campo do sexo, meras dimensões do homem entre outras, a política e a psicanálise fizeram com que a parte sobraçasse o todo.

Coisa que bem define o racionalismo, no seu propósito de englobar o que não compreende no que já domina, como que para «domesticar» o mundo. É pois importante insistir, neste nosso tempo de mudanças (e lembremo-nos que acaba agora o vigésimo século e o segundo milénio), que o político está, felizmente, longe de ser tudo e que o sexo não é o fantasma de todas as nossas realizações. Mais: que esta negação dos to-

talismos simplificadores deve ir mais longe, considerando como deformantemente abstracto qualquer universalismo do «tudo é», e tão simplesmente porque o «tudo» é uma impossibilidade no concreto e no prático da realidade.

Tal absolutismo psicológico impede-nos de nos situarmos num real feito de diversidade e multiplicidade, de nomadismos e parcialidades, fluxos e cortes, irrupções e desvios, devires e inércias, retornos e gerações, latências, decomposições, metamorfoses. Um real que nega a imposição racionalista e redutora, que se revela o contrário do **logro** que sobre ele se construiu...

O político definiu-se como o espaço do poder e do que se encontra na sua periferia, dirigindo-se-lhe eu sendo dele excrescência. Mais recentemente quis-se ultrapassar essa aceção restritiva do que é político (nomeadamente por parte de uma esquerda querida como «nova») para o levar para outros lugares e neles levantar novas caracterizações, mas esquecendo-se um ponto fundamental: transportar o político para um território que lhe é geograficamente estranho implica fazer rebentar com toda a sua lógica interna, com toda a sua anterior especificidade. De modo que essa pretensão, sem prever isto, tenha ficado somente a meio caminho, sem apreender e assumir as consequências.

Consequências estas que interessa hoje finalmente enquadrar, já com um posicionamento no espaço alterno do não-político, que é dizer, do **vivencial** — um pouco no sentido do que se lê em Alain Touraine: «A progressiva entrada num novo tipo de sociedade deve remeter o pensamento para os seus alicerces, dar de novo à experiência social e cultural vivida a prioridade sobre a representação política e os discursos ideológicos.» ('O Pós-Socialismo').

No caso da dimensão sexual, após o freudismo toda uma linha tentou a heterodoxia, curiosamente também por parte de nomes ligados à esquerda nova (Marcuse, Fromm), desenvolvendo a concepção de Eros simultaneamente a dessexualizando, mas aqui igualmente se ficou a meio. A «sublimação» psicanalítica, p. ex., continuava de qualquer modo a ter a sexualidade genética como antecedente primeiro. Hoje um neo-romantismo liberta já a sentimentalidade do jugo sexual (conferir com as actuais tendências para a sedução sem qualquer desenhado carnal), concomitantemente com uma subversão em campo da própria sexualidade — a seguinte citação de Pascal Bruckner e Alain

Finkelkraut, de 'A Nova Desordem Amorosa', serve como esclarecedor exemplo. «O que corria pela encosta sobre agora para a nascente, um fluxo de sémen branco é deliberadamente detido na sua tentativa de evasão. (...) Pela interrupção momentânea do prazer, o homem liberta a energia sexual do seu corpo da única parte que a continha (...) autonomiza-a, liberta-a de todos os laços. A ejaculação pode sempre entender-se como o recalçamento por anulação de todas as capacidades voluptuosas do organismo: recusar ao sexo o primado ideal do gozo, operar a desgenitalização da sexualidade é doravante fazer regressar o prazer a todos os outros órgãos, erotizar o conjunto de sôma.» Este duplo processo abre perspectivas irremediavelmente diversas, longe do determinismo dos comportamentos e do mecanicismo sexológico, despartando-se de uma dominação do natural sobre o que já é cultural, e de facto nada há de tão cultural quanto o amor. Estas tendências contemporâneas já levam os nomes de Barthes, de Alberoni, e não foi gratuitamente que o primeiro destes autores, no seu 'Fragmentos de um Discurso Amoroso', usasse como referências materiais vindos de obras artísticas, da literatura, da ópera, da

lítica. O amor de que fala já não é uma qualquer decorrência genital — antes uma expressão estética.

Nestes dois hegemonismos racionalistas moram igualmente a multiplicidade e o nomadismo: o político forma-se de outras matérias, que para ele convergem, vindas de outros lados — de forma que as não pode totalizar senão perversamente; a própria sexualidade cola a si elementos que pouco ou nada têm a ver consigo e poderão ser fulcrais na sua dimensionalidade. Continuar a querer investir o político no que não o engloba e até lhe é contrário, continuar a querer delinir cada gesto humano pela pulsão sexual, são imposturas que importa desmontar. Porque o que é político também poderá ser sexual, e o sexual político, assim como milhentas outras coisas, inclusive as que os vão negar, deformar, transformar. Nenhuma dimensão humana pode hegemonizar as outras, **qualificando-as**.

A esquerda política, seja a ortodoxa ou a heterodoxa ainda «edipiana», lembrou-se recentemente de incorporar na sua lógica os movimentos que têm irrompido no corpo da sociedade: o mais passadista dos legados políticos actuais desco-

briu a ecologia; os impulsos autogovernativos de um outro sector são estranhamente enquadrados em projectos presidencialistas — apesar das diferenças dos que adoptam estas posições o fenómeno é semelhante: tornar o político em hegemonia unidimensionalizante.

Como em terreno da sexualidade: derrubado o mito orgástico, continua-se a dizer hipocritamente que «um orgasmo de vez em quando até é bom» ou se passa a fazer a apologia do onanismo compensador.

E, apesar de ambas as hegemonias, eis que o político se interliga com o sexo, por meio da politização do feminismo e da emancipação homossexual, sujeitos emergidos do tecido societal e logo incluídos em discursos de um contra-poder claramente com desejo de poder efectivo.

O feminismo tradicional, institucionalizado, sabemos nós já o quão reacçãoário se tornou: o seu característico maniqueísmo é também um reducionismo, uma simplificação explicativa deformante. A homossexualidade, contraposta de início ao formalismo vigente da heterossexualidade, depressa se tornou uma figura de circo, um 'formalismo do antiformalismo', para utilizarmos o óptimo termo de José Rodrigues

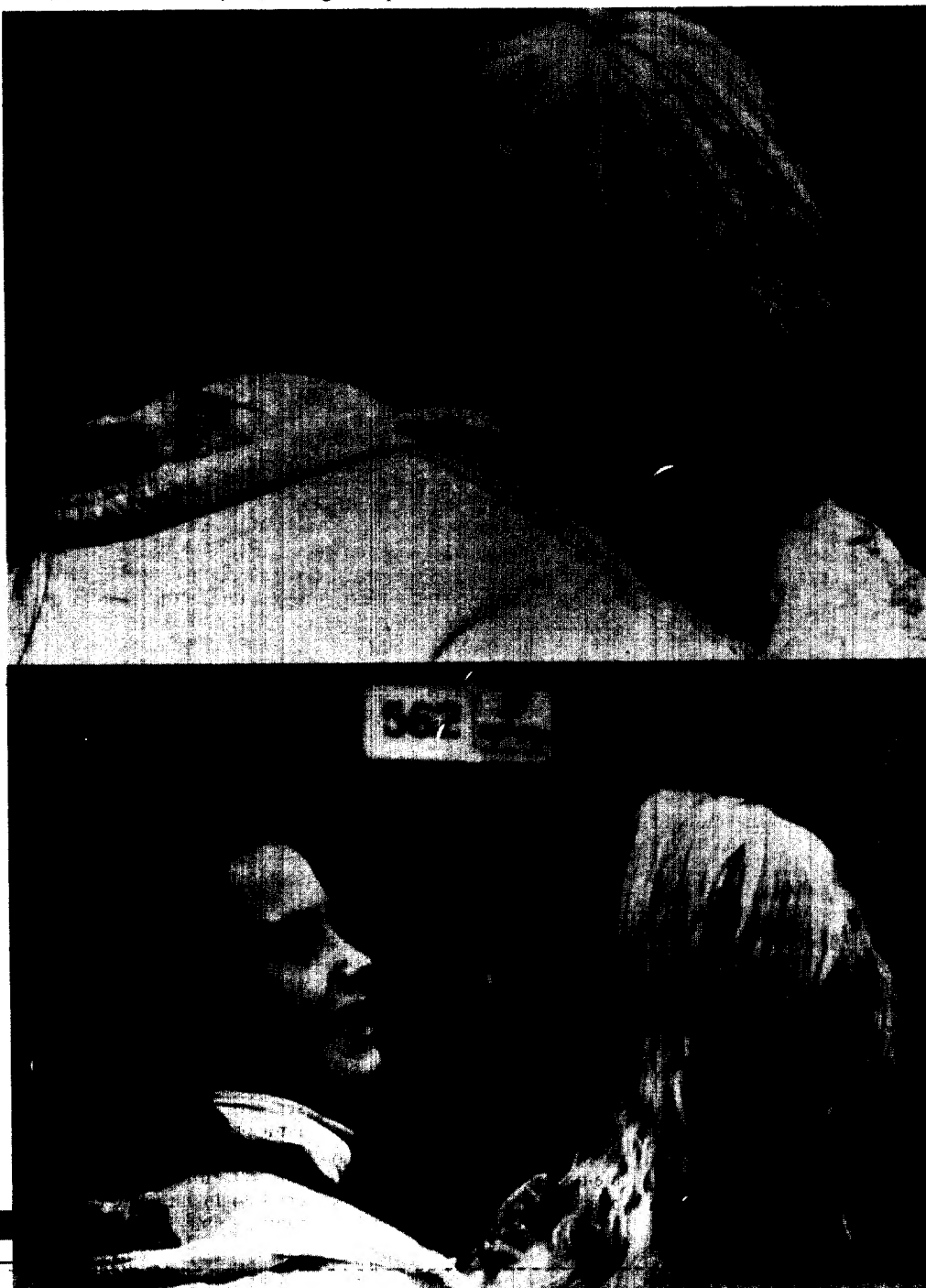
Miguéis. O homossexualismo, exactamente como a norma sexual, volveu-se em qualificação determinista e totalista, auto-excluindo-se da diversidade, ou seja, igualmente racionalizando a dimensão sexual e obrigando-lhe a uma dominação sobre o afecto (conferir com os urinóis, casas de banho públicas, ou com o Terminal).

Ficou de fora a bissexualidade. Os media, que banalizaram o tema da homossexualidade, deixaram-na no silêncio, o que até se pode considerar uma omissão saudável. A bissexualidade, implicando dois termos, seria à partida não reducionista: a sua própria especificidade afastando a hegemonia. Mas afinal só até certo ponto, já que o bissexualismo acaba também por ser uma ilusão racionalista: definiu-se como uma comunicação inter-sexual entre dois sinais em que, se um está patente, o outro se encontra recuado. Seja o bissexual homem ou mulher, o segundo sexo está lá como castrado: na mulher falta o pénis, no homem ele como que se perde. Porque a eterna questão também aqui chega: a sexualidade que é a nossa até hoje é a sexualidade masculina, a feminina apenas a sua inassuabilidade; logo, a intercomunicação implicada é um dado inexistente. Conclusão: a bissexualidade, enquanto tal, é uma impossibilidade. E aí têm razão Deleuze e Guattari: «(...) há uma transsexualidade microscópica presente por todo o lado, que faz com que a mulher tenha em si tantos homens como homem, e o homem mulheres, capazes de entrar, uns com os outros, umas com as outras, em relações de produção de desejo que subvertem a ordem estatística dos sexos. Fazer amor não é ser-se um só, nem mesmo dois, mas cem mil.» ('O Anti-Édipo, capitalismo e Esquizofrenia').

Num outro aspecto o ser ou acontecer do que chamamos de bissexualidade rompe com a forma dominante. Utilizaremos aqui uma frase que nos foi dita por um jovem amigo «bissexual»: «Eu gosto de pessoas, não de mulheres ou de homens». Se reflectirmos bem sobre estas palavras compreendemos o que há de abusivo em qualificar esta atitude de bissexual. E porquê? Porque, muito simplesmente, ela revela uma postura que está muito para além do sexual, estilizando por completo o seu hegemonismo: põe à frente do sexo o afecto.

De maneira paralela, a explosão de movimentos sociais que tem grassado por essa Europa, e igualmente em Portugal embora mais esparsa e debilmente, põe frente às questões de poder, de legislação e execução (o Estado) a pluralidade das suas formas, impossíveis de reduzir à expressão política.

O que implica uma completa reformulação dos dados políticos, da prática política, e da sexualidade. Dois campos que assim se abrem a ventos frescos.



S O C I E D A D E

Mishima é tabu no Japão?

Agora que esperamos pelo filme «Mishima», realizado o ano passado em Tóquio pelo americano Paul Schrader, surge finalmente em francês, graças a Francis Ford Coppola, a biografia do mais célebre escritor japonês da sua geração. Da autoria de Henry Scott-Stokes, um jornalista inglês que foi correspondente no Japão do «London Times», depois do «New York Times» e do magazine «Fortune», e que conheceu muito bem Yukio Mishima, essa biografia, considerada a melhor, tenta explicar este personagem singular e provocante que os japoneses preferem esquecer... O correspondente do «Monde» em Tóquio, Roland Pierre Paringaux, encontrou-se com Henry Scott-Stokes, que está a preparar um segundo livro sobre Mishima. Stokes diz coisas perturbadoras sobre as relações do escritor com os políticos do seu país.

— Quinze anos depois da sua morte, quando o seu livro é publicado em França e Hollywood acaba de terminar um filme sobre ele, qual é a herança literária e política de Yukio Mishima ao Japão?

— Há quinze anos, a sua morte causou um enorme choque. Durante quarenta dias não se falou de outra coisa. Mas os japoneses têm um provérbio segundo o qual «quarenta dias depois está-se verdadeiramente morto»... É certo que, depois disso pouco se tem falado de Mishima.

O filme que lhe é consagrado talvez mude isso e ressuscite graves perguntas. Por que ideias morreu Mishima? O que era esse Japão do após guerra no qual ele cresceu? O que é o Japão de hoje?

No plano literário, o seu génio foi precoce e a qualidade do seu estilo excepcional. Na minha opinião ele não atingiu o nível dos grandes mestres da literatura japonesa deste século mas há quem considere Mishima o grande escritor japonês do após guerra... O que mais me interessa nele como, de resto, em Soljenitsyne ou Dostoiévski, são temas que ele desenvolve para além do próprio domínio da literatura: alguns juízos sobre o Japão, por exemplo, no fim da sua vida, e que não se encontram antes disso na sua obra literária. No

seu último livro, a *Queda de um anjo*, ele tem uma visão trágica do Japão, e dá a sensação de que a nação é maldita, está votada ao desastre. Era assim que Mishima falava no fim da vida, e é isso que me interessa.

— Essa maldição será inerente ao sentido japonês do trágico ou ao deslizar do império para o mundo dos negociantes?

— Mishima dizia que o Japão se tornara uma sociedade de comerciantes orientada para os progressos económicos mas que o verdadeiro progresso não era ali que se encontrava. Ele era profundamente nacionalista. A partir de 1960 viveu uma tragédia perante aquilo que ele encarava como o ruir dos valores nacionais. Tinha a sensação de um desastre. Os japoneses, com o seu sentido agudo, talvez exagerado, do destino do seu país, têm reacções espectaculares em face das transformações.

Antes da sua morte eu não conseguia tomar Mishima muito a sério. Havia diariamente provas de extraordinário crescimento económico do Japão e, para mim, ele era um desses intelectuais que, de Natsume a Kenzaburo Oé, sofrem de um pessimismo endémico.

Eu pensava que ele passava ao lado da realidade. Agora, quinze anos depois, creio que Mishima tinha, na verdade, razão. Isto parece incrível se ti-



Quando Mishima morreu, as artes ainda floresciam mais ou menos, e todos sabem o lugar que elas sempre ocuparam na tradição do Japão. Hoje estão mortas. Literatura e cinema são zonas sinistradas. A arte está esmagada

vermos em vista o formidável progresso económico, do nível das exportações de capitais e de tudo o que quiser... mas a realidade é incrivelmente triste!

Quando Mishima morreu, as artes ainda floresciam mais ou menos e todos sabem o lugar que elas sempre ocuparam na tradição do Japão. Hoje estão mortas. A literatura e o cinema são zonas sinistradas. O lucro comercial domina de tal modo essa sociedade que as pessoas não pensam em mais nada. A arte está esmagada.

— Mishima conserva uma influência literária, artística, no Japão?

— O seu principal editor dir-lhe-á que se vendem 90 000 exemplares de uma reedição dos ensaios de Mishima. Mas, praticamente, os seus romances deixaram de ser reeditados.

Iremos assistir a uma ressurreição do interesse por este escritor depois dos quinze anos em que ele foi praticamente tabu? Creio que sim, embora o meu livro ainda não tenha sido publicado no Japão. Os meus amigos japoneses preferem falar de outra coisa. Os japoneses recusam visionar o filme sobre Mishima, com vista à sua distribuição no Japão, apesar de um dos produtores ser japonês.

O culto do imperador

— Qual a origem desse tabu? O nacionalismo de Mishima, as suas relações com políticos importantes?

— É muito simplesmente porque ele disse verdades que o Japão não quer ouvir. Hoje a Bíblia é o progresso económico. Somos os melhores, hurra! É

isto e pronto. Ele pôs tudo isso em questão. Os japoneses têm más recordações, fizeram sacrifícios, estão mergulhados no materialismo, não querem fazer perguntas.

Na verdade há vários tabus, mas este sobre tudo: Mishima fez hara-kiri. Na tradição japonesa é um direito, uma cerimónia sagrada, uma oração. Embora Mishima tenha sido a única pessoa depois da guerra a fazer hara-kiri, as pessoas preferem não saber.

— Porque, no fundo, o gesto está ligado ao imperador?

— Exactamente. Precisei de muito tempo para compreender a gravidade do acto de Mishima. É um acto de protesto dirigido ao imperador Hirohito, por duas razões. Primeiro, em certa medida, porque impôs a rendição

do Japão em 1945; mas, principalmente, devido à famosa declaração se Janeiro de 1946 em que o imperador afirma que é um ser humano e não um ser divino. Foi isto que os ultranacionalistas nunca digeriram.

Mishima cresceu no culto do imperador, pertencia à geração que, aos vinte anos, em 1945, estava pronta a morrer pelo imperador, como kamikaze ou nas florestas das Filipinas. E depois, de súbito, eis que o ídolo, a pedido da América e por ordem de MacArthur declara: «Pois bem, meus senhores, tudo isto era uma mistificação, nada disto existiu, vocês morreram por uma ilusão.» O texto mais forte que Mishima escreveu intitulou-se *a voz dos mortos heróicos*. Ele diz tê-lo escrito em três dias e três noites numa espécie de transe e é um

Continua na pág. 8

A derradeira evidência de uma vida

Há personagens que nos obsecam. Aqueles cuja morte nos parece uma traição. Traição do amigo que escolheu desaparecer; traição de nós próprios, talvez por não termos sabido compreender a solidão daquele que sabia que ia morrer. Mishima foi desses para Henry Scott-Stokes, talvez precisamente porque o ligava a Mishima uma amizade que, como acontece muitas vezes com os japoneses, se joga tanto com o que não é dito como com o que o é.

Henry Scott-Stokes escreveu o seu livro como um exorcismo. Durante três anos, depois do espectacular *seppuku* de Mishima, no dia 25 de Novembro de 1970, no quartel geral das forças de autodefesa (o exército japonês), em Tóquio, Henry Scott-Stokes tentou reatar o fio

de uma vida. *A explicação da morte de Mishima encontra-se em toda a sua vida*, escreve ele nas últimas páginas.

Este livro é uma biografia minuciosa, mas, principalmente interessante. Ela mistura, com efeito, a precisão de um grande

jornalista e a finura de um conhecedor das coisas japonesas a esse estremecimento de emoção contida que se prende a uma recordação, a uma palavra, a um olhar, a um momento. Uma sensibilidade que em nada prejudica a lucidez: o «cómico de alguns aspectos dos fantasmas de Mishima (que culminará no seu desejo de se fazer fotografar meio nu, em São Sebastião) não escapam ao autor. De resto, Mishima era lúcido e irónico consigo próprio: «Entro em cena, decidido a fazer chorar o público; em vez disso ele desata a rir», disse ele um dia, como se estivesse consciente do efeito que produziria anos depois a harença que fez antes de morrer.

Henry Scott-Stokes releu a obra de Mishima à luz de uma morte que suscitou no Japão mal estar e emoção difusa, porque se inscrevia no centro das resistências ao processo de democratização empreendido desde 1945. Sublinhar este contexto não é o menor dos méritos do livro.

O autor encontrou-se regularmente com Mishima durante os seus dois últimos anos de vida. Jantou com ele pela última vez treze dias antes do seu suicídio. «Encantador como sempre, mas manifestando uma grande agitação», notou Henry Scott-Stokes no seu diário. «O último dia», primeiro capítulo do livro, é uma reconstrução minuciosa do aconteci-

mento, a partir dos testemunhos e das actas do processo intentado aos companheiros do golpe de Mishima. Depois, o autor descreve uma vida: a adolescência e o primeiro acórdio da homossexualidade e de um sentido da beleza que obsecará o escritor e alimentará aquilo a que ele chama os «quatro rios» da sua vida: a escrita, o teatro, o corpo, a acção.

A celebridade e as viagens, as estranhas relações que mantinha nos meios homossexuais de Tóquio, os encontros secretos com os seus companheiros de «complot» e o seu amante Morita, que se suicidará com ele, revivendo esse «radioso momento» do suicídio de apaixonados da época Edo (do século

XVII ao XIX) que o Kabuki imortalizou, Henry Scott-Stokes faz de tudo isso um verdadeiro inquérito contando episódios pouco ou mal conhecidos — como o treino do exército privado de Mishima nas encostas do monte Fuji.

Que biógrafo se pode orgulhar de ter sabido tão bem penetrar nos segredos de uma vida, que possa dizer: «Eis a razão que levou um homem a escolher a morte?». Henry Scott-Stokes não dá um motivo para a morte de Mishima: ele limita-se a mostrar, com justeza, a derradeira evidência da sua vida.

* *Mort et vie de Mishima*, de Henry Scott-Stokes, traduzido do inglês por Léo Dilé. Balland.

doces crónicas

O CAMPEONATO DO MUNDO DE CROSS FOI UM SUCESSO COM A VITÓRIA DO LOPES!



AH, E A TRANSMISSÃO TELEVISIVA, OH, QUE BELEZA, FOI UMA TRANSMISSÃO ISENTA, TÃO ISENTA QUE ATÉ NEM DEU EM DIRECTO O LOPES A CORTAR A META, É QUE PODIA SER INTERPRETADO COMO...



...EXCESSO DE PATRIOTISMO!
É QUE DAR EM DIRECTO A CHEGADA DO VENCEDOR ERA FACCIOSISMO, E O REALIZADOR NÃO ERA FACCIOSO!



DEPOIS, DIZ-SE AINDA, QUE O PLACARD COLOCADO PARA TAPAR OS REFUGIADOS DE TIMOR ESTAVA MUITO BEM!



MAS, AQUELE PLANO EM QUE NÃO SE VIU O LOPES A CORTAR A META FOI DE GENIO! UM GENIO, ESSE REALIZADOR!



Mishima tabu no Japão?

Continuação da pag 7

verdadeiro grito de raiva contra o imperador. Foi, por tocar no imperador, o tabu dos tabus nessa sociedade, que o próprio Mishima se tornou tabu.

— Presente, no entanto, um aumento de interesse por ele?

— É demasiado cedo para o saber. Mishima atrai alguns jovens sobre tudo por esse sentido de estética muito japonês, que faz da morte a beleza derradeira. É muito wagneriano, e Mishima era um romântico. Isto talvez se possa ligar, ou não, ao culto do imperador. Isto pode levar alguns jovens a fazer a si próprios perguntas sobre a natureza do Japão, sobre as suas tradições.

O arcanjo e a direita

— Acredita verdadeiramente nisso?

— É certo que os jovens são politicamente apáticos. Mas

Mishima continua a ser o arcanjo da direita, um grande símbolo. Sacrificou a vida, a reputação, a família. Caiu em desgraça e morreu na reprobção. Mas, no Japão, tudo isto cai em cheio na tradição heroica do fracasso. O culto do herói vencido mas mais nobre que o seu vencedor.

Então, mesmo que seja preciso tempo para tomar consciência do caso, mesmo que as reticências sejam grandes, não dá prazer ver Hollywood — ainda a América! — apoderar-se do sensacionalismo, do sangue e das tendências homossexuais, para as explorar. Se os distribuidores nem mesmo quiserem ver a cópia do filme, é porque a extrema-direita ameaçou incendiar os cinemas que o programassem. Também não dá prazer ver a biografia de Mishima escrita por um estrangeiro.

— Mishima sentir-se-ia hoje satisfeito de ver o pri-

meiro ministro, de quem foi amigo, tomar posições nacionalistas?

— Decerto que não. Mishima estava desconsolado com os políticos em geral e com Nakasone em particular. Alguns aspectos das suas relações políticas nunca foram exploradas politicamente, é grande a força dos tabus. Por exemplo, soube recentemente que a milícia de Mishima (os *tatenokai*) era financiada pelo primeiro-ministro do Japão da altura, Eisaku Sato, prêmio Nobel da paz!... As minhas fontes são impecáveis. Dezenas de jornalistas japoneses sabem isto há muito tempo, mas na imprensa não foi escrita uma só palavra. É muito revelador do funcionamento dessa sociedade.

Sim, Mishima, foi ver Sato e pediu-lhe que o ajudasse a financiar a sua milícia. Sato aceitou. O seu chefe de gabinete serviu de intermediário. Tem

assim o partido dirigente do Japão, financiado pelo grande patronato (*Keidenren*), que financava um exército privado, e o ministro da época, Nakasone, hoje primeiro-ministro, permitia-lhe que se treinasse com as forças nacionais. As ideias de Mishima agradavam à gente então no poder. Mas quando o escritor chegou ao ponto final da sua lógica, voltaram-lhe as costas. A história da traição a Mishima por Sato e Nakasone, que o levaram ao extremo limite e o viram acabar, depois de que lhe cuspiram em cima dizendo: «Que pena, era louco!», é, no entanto, uma história boa para fazer dele um herói. Os japoneses adoram o género.

— Mas saberão?
— Não o grande público. É dinamite política.
— É publicável?
— É, mas ainda está longe de contar toda a história das relações do escritor com o poder.

sete

MENSAGENS PESSOAIS

sete

Fotografia — trabalhos

Tomadas de vista, ampliação, apresentação Rui Miguel Bombas — Rui Manuel Cardoso. Telef. 732985

Pele de zebra

Com desenho das listras interessante. Vendo: Carlos Ferreira. Tr. da Légua da Póvoa 14, 1.º esq.º 1200 LISBOA. Telef. 656429

Filatelias

Vendo séries de selos nacionais carimbados anos 1953 a 1978 e séries novas. Preço cat.º, Eládio de Santos. Selos estrangeiros de todo o Mundo contactar pelo telefone 664508.

Móvel

Vendo móvel em madeira castanha para qualquer «Compact-Grundig» por 4500\$00. Contactar telef. 2766891.

Estofador automóveis

Estofos novos, reparações, capas de todos os tipos, capotas etc. Eduardo Reis. Rua Carlos Mardel 47, Tel. 545632.

Cinco idiomas

Senhora que fala cinco idiomas pretende ocupação de tarde. Tel.: 686103 das 17 às 22 horas.

Andar em Almada

Vista panorâmica sobre o Tejo, vendo 3 ass. Bons transportes. Próprio telf. 2756345 a partir das 20.00 horas

Sesimbra

«Sesimbra, aluga-se casa modesta ou parte de casa, junto a praia, de 15 a 31 de Agosto de 1985, para casal com uma filha de 12 anos. Telefonar para 2682330, depois das 18.30 h.

Secretária antiga em mogno

Com as seguintes dimensões: comprimento 1,32 m; largura 0,70 m; altura 0,77 m. Ótima para consultórios, embaixada, etc., contactar pelo telefone 700513 das 20 horas às 21 horas.

Explicações

Matemática, 7.º ao 11.º ano. Contactar F. J. Morais, Rua Luís de Camões, 53, 2.º Dt.º 2795 Linda-a-Velha ou telefone 4191799 das 19.30 às 20.30

Pistola de defesa

Vende-se pistola «Tanfoglio Ciuseppe», 6.35 mm, acompanhada de 75 cartuchos para a mesma (adquirida, nova, há pouco mais de um ano). Telef. 53124 (Mafra) das 08.00 h às 10.00 e das 12.30 às 14.30.

Alfaiataria

Vendo, dois móveis expositores, um balcão e uma mesa de corte. Tel. 2043768.

Trespasa-se

Café Restaurante pronto a funcionar junto ao cinema da Amora perto da Cruz do Pau a Almada. Mas está fechado. Bom preço. Tel. 2214085. Virgílio Manuel Parente. Rua do Jardim à Estrela, 4-A, 2.º

Oito séculos de arte

«Oito Séculos de Arte Portuguesa-História e Espírito» de: Reynaldo dos Santos — 3 volumes muito bem encadernados — Preço 60 contos. Tel. 9260052 — Depois das 20 h.

FIAT UNO

Vendo FIAT UNO 45 cc 1984. Particular a particular. Tel. 316801 depois das 19 h.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes

Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA